GRÁTIS! A HISTÓRIA DA GUITARRA PARTE II

BIZZ

Ano 4 - nº 12 - 1988 - Cz$ 1.300,00

EDITORA AZUL

RAUL SEIXAS
"A CENSURA NÃO VAI TERMINAR NUNCA"

UM PAPO COM O DIRETOR DE ROGER RABBIT

RETROSPECTIVA 88

TUDO QUE VOCÊ VIU E NÃO VIU

a-ha
"QUEREMOS SENTIR O CLIMA DO BRASIL"

NICK CAVE • JORGE BEN • CHURCH • DEF LEPPARD • ENTREVISTAS: PATTI SMITH / JOHN CALE

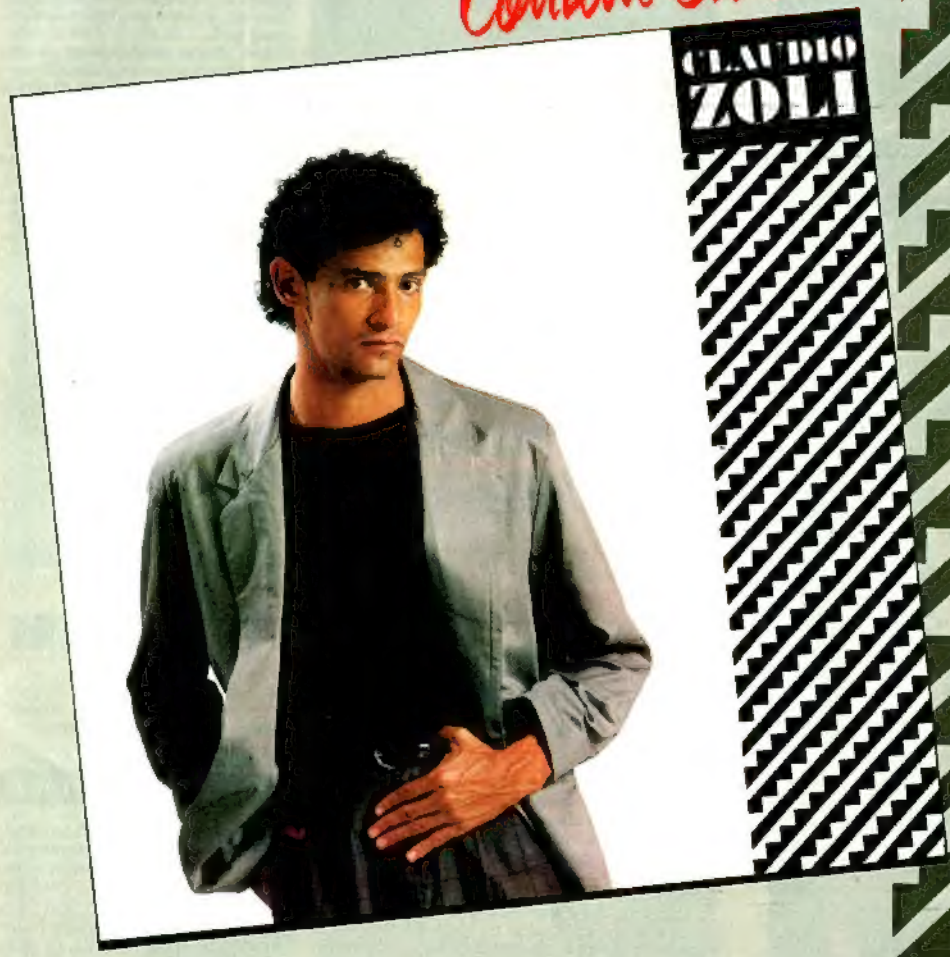
Atlântida, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (Via Aérea) Cz$ 1.680,00 - 5561 - Edição 41

RITA LEE
ROBERTO DE CARVALHO

ZONA ZEN

EM DISCOS, CASSETES E COMPACT DISCS EMI

Contém estilo.

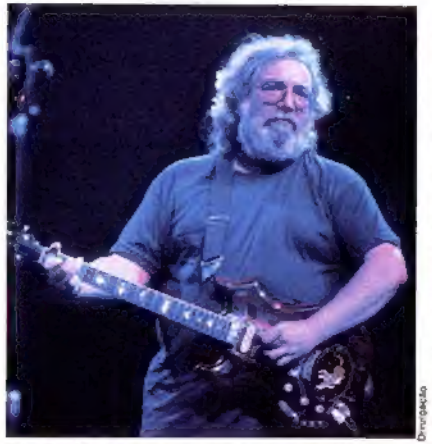


Já à venda em discos e fitas

EMI

SHOWBIZZ

FLORESTAS TROPICAIS PEDEM SOCORRO



Divulgação

Jerry Garcia: contra a devastação das matas brasileiras

"É um problema com o qual temos que lidar se quisermos ter um planeta onde a vida possa existir." Palavras de **Jerry Garcia**, do **Grateful Dead**, envolvido em uma campanha pela salvação das florestas tropicais. Com este propósito, ele fez no final de setembro um concerto no Madison Square Garden, Nova York. E, depois do show, Randal Hayes, diretor da Rainforest Action Network, um grupo em defesa da ecologia, deu os nomes aos bois: "Tem de ficar claro que os destruidores não são simplesmente os países superpovoados do Terceiro Mundo. A destruição começa aqui — com o consumo excessivo das madeiras de lá e com a carne destas regiões que fazem nossos hambúrgueres. Nossos impostos, através de programas de ajuda e do Banco Mundial, financiaram algumas das estradas mais destruidoras, além de enormes hidroelétricas. Nós somos a última geração que vai ter uma chance de salvar as florestas tropicais".

JULIAN COPE RECRUTA EX-SMITH

Mike around the world com Julian Cope

Depois de uma temporada de shows ao lado de **Sinéad O' Connor**, **Mike Joyce** (ex-baterista dos **Smiths**) excursiona neste final de ano ao lado de **Julian Cope**, que acaba de ter seu novo disco, *My Nation Underground*, lançado na Inglaterra ⊗ Enquanto isso, **Morrissey** resolveu dar mais uma mãozinha para a cantora **Sandie Shaw**, uma das suas paixões da adolescência. "Please Help the Cause Against Loneliness", uma parceria Morrissey/Stephen Street, é o mais novo compacto da cantora, que já havia gravado "Hand in Glove", dos Smiths ⊗ Saiu o primeiro trabalho solo de **Paul Rutherford** (ex-**Frankie Goes to Hollywood**). É um compacto chamado "Get Real" ⊗ A ex-**Go-Go's Jane Wiedlin** está lançando seu primeiro LP solo. Chama-se *Fur* ⊗ **Paul McCartney** produz o novo single dos **Crickets**, a banda que acompanhava **Buddy Holly**. Chama-se "T-Shirt".

OUÇA ESSA

"Uma vez eu disse que qualquer Bode bêbado podia produzir um vídeo do Duran Duran. Eu ainda acredito nisso. Só que, hoje em dia, o Bode não precisaria, necessariamente, estar vivo."

Morrissey

YOKO CONTRA-ATACA

Depois do inesperado golpe provocado por **Albert Goldman** e sua controvertida biografia, a ex-senhora **Lennon** mostrou que não é de perder tempo. O contra-ataque de **Yoko** veio rápido, com o lançamento, em outubro, do pacote *Imagine: John Lennon* — filme, disco e álbum fotográfico, colocados no mercado no final de outubro. O filme é um documentário sobre a vida de John, com extenso material sobre os **Beatles** e sobre a vida privada do músico com Yoko. Já o LP tem como novidade duas faixas inéditas (das sessões de *Double Fantasy*) e uma versão diferente de "Imagine" ⊗ Ainda no setor beatlemaniaco: a canção "Yesterday" alcançou um recorde inusitado no último mês de outubro. Ela chegou à marca das cinco milhões de apresentações em rádio e TV. "Imagine" vem a seguir, com dois milhões de apresentações.

TIME OUT FAZ 20 ANOS

O semanário *Time Out*, uma das mais importantes publicações da Inglaterra, está comemorando seus vinte anos de existência. Em uma série de três edições especiais no mês de outubro, o mais completo guia cultural de Londres fez uma retrospectiva dos fatos mais marcantes no mundo das artes e espetáculos de 68 para cá — de **Woodstock** a **Boy George**, do fim dos **Beatles** ao punk, de **Jimi Hendrix** aos **Smiths**. Para rever essas duas décadas, a revista contou ainda com os depoimentos de **Paul McCartney**, **Boy George**, **Michael Caine** e **Anthony Sher**.

OUÇA ESSA

"Eu tinha um gravador instalado no banheiro e fazia umas gravações surpreendentes de pessoas lá dentro. Costumava ouvi-las no dia seguinte. É incrível o que as pessoas fazem enquanto estão cagando. Eu ouvia algumas resmungando: 'Whoah, eu precisava disso. Oooooah! Acabei de fazer! Mmmmm!' "

Keith Richards

Divulgação

O clube Tom Tom admitiu sócios ilustres: Lou Reed e Debbie

LOU REED SE JUNTA AO TOM TOM CLUB

O Tom Tom Club fez recentemente uma temporada de três semanas no CBGB de Nova York, fechada com chave de ouro (perdão, leitores). Na última noite, estava no palco **Lou Reed**, que entoou "Femme Fatale", do **Velvet Underground** — recentemente regravado pela **Tom Tom Club** —, "Sweet Jane", dele mesmo, e "Psycho Killer", dos **Talking Heads**. Na noite anterior, quem deu uma canja com o TTC foi a loirinha **Debbie Harry**.

QUEM É QUE VAI PAGAR POR ISSO?

No mês de outubro, **Lobão** se transformou mais uma vez no centro das atenções do rock nacional. Dessa vez, a polêmica girou em torno de um show no Ibirapuera, em São Paulo, marcado por incidentes nada agradáveis. Lobão foi acusado pela imprensa de irresponsabilidade e falta de respeito com o público. Motivo: um atraso de duas horas, várias interrupções por conta da má qualidade do som e xingamentos dirigidos à platéia, incitada a pedir seu dinheiro de volta. Aqui está uma outra versão dos fatos, a cargo do próprio Lobão: "Cheguei na sexta-feira no Ibirapuera para passar o som. Não estava nada montado, e ficou assim até nove e meia da manhã de sábado. Eu responsabilizo o Manuel Poladian por isso. Com força, conseguimos entrar no palco às onze e meia, e eu expliquei com calma e polidez ao público o que tinha acontecido. Quando cheguei à parte principal do show, onde eu toco violão, ele não tocou. Fiquei com raiva e inseguro, e falei para o público que estava tudo tão precário que era melhor eles pedirem o dinheiro de volta, verem o show outro dia. Saí do palco e voltei logo depois, porque me disseram que o violão estava funcionando. Não estava. Disse: não toco com essa merda. Continuei o show com a guitarra, fui até o fim, pediram bis e tocamos até as duas da manhã"

Ricardo Siqueira/Fotorio

Falhas de organização prejudicam show de Lobão: até quando?

MISSÃO INGRATA

Tadinhos, ficaram chocados com o Brasil!

O semanário inglês *New Musical Express* publicou em duas partes uma matéria especial sobre a passagem do **Mission** pela América do Sul. Sob o título de *A Hard Day's Noche*, a primeira parte narra a passagem pela casa noturna Help, no Rio, segundo **Wayne Hussey**, repleta de prostitutas menores de 15 anos, e o encontro com Ronnie Biggs, "uma das maiores atrações turísticas da cidade", segundo a revista. A segunda metade descreve minuciosamente as caóticas gravações para o programa *Milkshake*, da TV Manchete, chamado de "o mais importante programa pop da TV brasileira". E, apesar de terem se divertido, principalmente bebendo "cachasas" durante uma *samba party* na casa de Biggs, os integrantes do Mission não cansaram de declarar seu ódio pelo que viram no Rio de Janeiro, não se mostrando dispostos a voltar ao país. **Craig Adams** foi o mais contundente: "Não entendo porque eles escrevem todas aquelas canções sobre a maldita 'Copacabana' e tudo mais. O Rio é ótimo à primeira vista, mas quando você chega perto do aeroporto vê aquelas favelas enormes. Ninguém escreve canções sobre elas, não é?!"

JERRY LEE LEWIS ATACA NO CINEMA

Dennis Quaid (*Viagem Insólita*) será **Jerry Lee Lewis** no filme *Great Balls of Fire*, dirigido por Jim McBride. O argumento é baseado num livro de **Myra Lewis** (noiva do cantor), com o mesmo título ⊗ **Roger Daltrey** interpreta um cantor de rua na versão cinematográfica da *Opera dos Três Vinténs*, de Brecht/Weil ⊗ **Jeff Daniels** (*Totalmente Selvagem*) toca guitarra e compõe no novo LP de **Don Johnson** que tem ainda a participação especial de **Barbra Streisand** na música "Till I Loved You", já lançada lá fora em compacto.

Divulgação

Big Country, cantando a paz em seis shows na União Soviética

BIG COUNTRY IN THE U.S.S.R.

O **Big Country**, na esteira do lançamento do LP *Peace in Our Time*, realizou uma série de seis shows em Moscou. Foi a primeira vez que uma banda ocidental tocou na União Soviética sem a ajuda de nenhuma organização ligada ao governo de lá ⊗ **Harry Crews** é o nome da banda recém-formada por **Lydia Lunch** e **Kim Gordon** (Sonic Youth). O grupo fez suas primeiras apresentações no final de setembro, pouco antes do lançamento do novo álbum (duplo) do **Sonic Youth**, chamado *Daydream Nation* ⊗ O ex-baterista do **Clash, Topper Headon**, saiu da cadeia depois de cumprir dez dos quinze meses a que foi condenado por posse de narcóticos ⊗ Mais uma mudança no **Red Hot Chili Peppers**: saiu o baterista **Jack Irons**, para a entrada do ex-Dead Kennedys **DH Pelligro**.

VIOLÊNCIA NO RAP

A onda de violência que ronda os concertos de rock em 88 tem assustado muita gente. Em Nova York, vários cinemas cancelaram a exibição do filme *Tougher Than Leather*, do Run-DMC, temendo a ação das gangues, que, alguns dias antes, haviam provocado uma morte durante um concerto de rap no Nassy Coliseum ⊗ O grupo inglês **Rapeman** foi proibido de se apresentar numa universidade de Leeds, na Inglaterra. A proibição veio de uma organização estudantil, que considerou o nome da banda (Estuprador) ofensivo. O novo grupo de **Steve Albini**, ex-líder do **Big Black**, está encontrando problemas também com mulheres que trabalham na gravadora Blast First. Elas têm se recusado sistematicamente a fazer a divulgação do trabalho.

PRINCE PODE RECUPERAR SLY STONE

Michael Pulland/Retna

Stone: um projeto com o amigo Prince

Depois de um show recente no Ritz, em Nova York, o pessoal do **Afrika Bambaataa** disse a uns coleguinhas da imprensa que **Prince** está trabalhando em um novo projeto com **Sly Stone**. Já faz uma década que Stone não nos brinda com um hit. Quem sabe com o gás do pequeno explosivo ele volte à tona como merece. Ainda falando de Prince: **Tyka Nelson**, irmã do moço, está promovendo seu LP de estréia, *Royal Blue*. Tyka andou insinuando que seu famosíssimo parente vai ter um papel ainda não determinado em seu segundo LP.

MAS QUE CHIC!

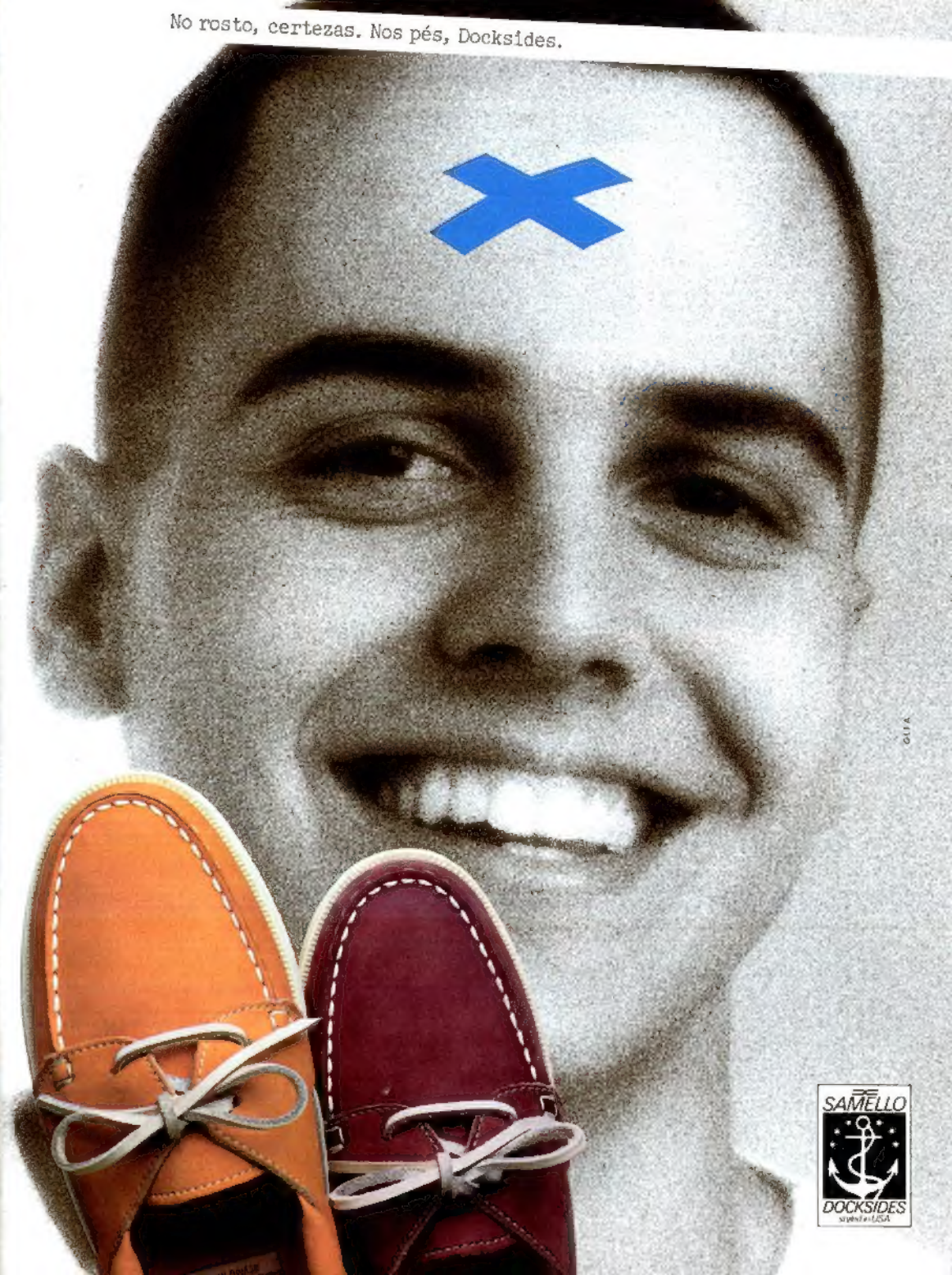
Nile Rodgers comemorou, *comme il faut*, seus 36 anos no China Club de Nova York com uma reunião da banda, que fundou no auge da onda disco, **Chic**. Estavam todos os membros da formação original, menos **Tony Thompson** (a locomotiva do **Power Station**). Compareceram à festa dos **B-52'** (cujo LP está sendo produzido por Rodgers) **Ashford and Simpson, Jellybean Benitez** e **Vernon Lynch** (o irmão mais novo de **Eddie Murphy**, cujo LP Rodgers também produz).

OUÇA ESSA

"O que eu não suporto é quando as pessoas dizem que eu sou o mais sensato dos Pythons... É uma crítica terrível. Nós somos todos completamente loucos!"

Michael Palin

No rosto, certezas. Nos pés, Docksides.



SUICÍDIO COMPULSÓRIO

O grupo **Slayer** teve a capa do seu novo compacto, "Mandatory Suicide", vetada pela gravadora americana Geffen. Os donos da gravadora não gostaram nem um pouco da foto escolhida pelo grupo, mostrando um jovem que acabou de cometer suicídio por enforcamento no seu quarto. A contracapa do single traz a explicação: ele havia acabado de receber uma carta de exército convocando-o para o serviço militar. O grupo está planejando lançar o compacto de forma independente no início do ano que vem: "Não entendemos a proibição. Depois de receber uma carta como essa, é provável que um garoto decida se matar".

Ares Sonz/Warner

Slayer, protestando contra o alistamento no exército

ATENÇÃO, SÃO PAULO! GANHE A GUITARRA DE GEORGE HARRISON!

Você pode ganhar uma Fender que é uma cópia exata daquela que aparece na capa do último LP de George Harrison, *Cloud Nine*. Ela foi autografada pelas mesmas mãos que compuseram "While My Guitar Gently Weeps" e dedilharam as geniais melodias dos Beatles. E o melhor é que ela poderá ser sua! Concorra a esse super prêmio! As regras estão na página 29. Boa sorte!

OUÇA ESSA

"Tudo que eu recebi de Malcolm MacLaren foi uma quantia inicial de mil dólares pelas gravações do disco e dois mil dólares pelo filme. Eu deveria, pelo menos, ter recebido uma prestação de contas e os direitos como escritor. Foi uma grande farsa do rock'n'roll — eu fui completamente enganado, do começo ao fim."

Ronnie Biggs

SYD BARRET EM NOVO LANÇAMENTO

Será lançado na Inglaterra nos próximos meses mais um trabalho solo de Syd Barret. *Opel* será composto de sobras de estúdio, num total de 14 faixas desenterradas pela gravadora Harvest ⊗ O *New Musical Express* lançou uma antologia com idolos dos anos 60 cantando sobre um mesmo tema: o Vietnam. **Eric Burdon e Country Joe & the Fish** estão no disco, que leva o nome de *I Feel Like I'm Fixing to Die* ⊗ **Skinny Puppy, Front 242** e **à,Grumh** estão entre as bandas reunidas na coletânea *This Is Eletronic Body Music*, lançada pelo selo independente belga Play It Again Sam ⊗ Ainda no setor coletâneas: a organização americana People for the Ethical Treatment of Animals está lançando o segundo LP da série Animal Liberation, com as participações do **R.E.M., B-52's** e **Natalie Merchant** (10,000 Maniacs), entre outros. A organização conta com o apoio de gente como **Morrissey** e **Siouxsie Sioux**.

THE EDGE JÁ PODE DORMIR TRANQÜILO

The Edge: confetes do mestre Hooker

Momento de glória para **The Edge**, do **U2**. No backstage do San Francisco Blues Festival, ele ouviu o seguinte elogio do venerando **John Lee Hooker**, de 72 anos: "Todo mundo dizia que ele era quente. E todo mundo não pode estar errado. Ele me disse que tenho muito com que me orgulhar, que inspirei muita gente". Lee Hooker não descansa sobre os louros. Ele acaba de gravar um LP onde figuram **Bonnie Raitt, Robert Cray, Los Lobos** e **George Thorogood**. O nome do LP é *The Healer*.

LAIBACH REGRAVA STONES

A banda iugoslava **Laibach** — que teve seu LP *Opus Dei* lançado aqui, no ano passado — acaba de lançar um compacto duplo com seis (!!!) versões diferentes de "Sympathy for the Devil", o clássico dos **Stones** ⊗ O **Human League**, após ficar dois anos sem gravar, está de volta com um compacto e uma coletânea de hits. "Love Is All That Matters" é o nome do novo single ⊗ Saiu mais um LP do **Spear of Destiny**. Chama-se *The Price You Pay* ⊗ O **That Petrol Emotion**, que continua inédito por aqui, lançou seu terceiro LP: *End of the Millennium Psychosis Blues* ⊗ **Bono Vox** escreveu uma música para o próximo disco do lendário roqueiro **Roy Orbison**. **Bruce Springsteen** também está no LP ⊗ **Don Helley** (ex-**Eagles**) prepara seu terceiro disco solo, que deverá ser lançado em fevereiro. O LP conta com a presença de **Axl Rose**, do **Guns n' Roses**, que canta "I Will Not Go Quietly".

FISH DEIXA O MARILLION

O vocalista **Fish** está deixando o **Marillion**, depois de sete anos como líder do grupo. "Recentemente, as direções musicais da banda se diversificaram de tal forma que eu percebi que era a hora de sair para uma carreira solo", declarou Fish. Steve Rothery, Pete Trewavas, Ian Mosley e Mark Kelly pretendem levar o grupo adiante, com um novo vocalista. Eles estão atualmente em estúdio preparando o novo LP. Enquanto este não fica pronto, a gravadora já anunciou o lançamento de um álbum duplo ao vivo em novembro, cobrindo toda a carreira da banda.

Russell Young/Capitol

Fish (o primeiro à esquerda): agora, a carreira solo

TRABALHAR DURO E SÉRIO
EM CIMA DE QUALIDADE,
HONESTIDADE DE PROPÓSITOS E
ESPECIALMENTE DO ANTIMODISMO,
ESSAS SÃO APENAS
ALGUMAS CARACTERÍSTICAS COMUNS AO
**STYLE COUNCIL, MORY KANTE, TONI CHILDS,
BIG COUNTRY, JOAN ARMATRADING E ALL ABOUT EVE.**

Eles fizeram discos com música!

COISA RARA HOJE EM DIA.

CRIAÇÃO & ARTE POLYGRAM

PolyGram

A MORTE DE UM *CARIOCA*

Agência Estado

Luiz Roberto (segundo, da direita para a esquerda): mais uma baixa na MPB

Morreu no dia 20 de outubro em São Paulo o baixista **Luiz Roberto**, um dos quatro integrantes do grupo **Os Cariocas**. Luiz teve um enfarte durante uma apresentação do grupo numa casa noturna do Rio de Janeiro. Os Cariocas, considerados por alguns como o maior grupo vocal brasileiro de todos os tempos, tiveram o seu período de maior sucesso durante a bossa nova, sendo lembrado hoje por sucessos como "Só Dança Samba" e "Ela É Carioca", de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Parado desde a separação, em 67, o conjunto preparava-se para retomar a carreira com uma série de shows em São Paulo. Luiz Roberto tinha 48 anos. Outubro também foi um mês de homenagens póstumas a **Cartola**, um de nossos maiores sambistas, que completaria neste mês 80 anos. Para lembrar a data, a Divisão de Música Popular da Funarte decidiu relançar o histórico álbum *Fala Mangueira*, gravado em 1968, com as participações de **Clementina de Jesus** e **Nélson Cavaquinho**, entre outros. Outro lançamento importante foi *Cartola — Bate Outra Vez*, onde as composições do sambista são revisitadas por **Paulo Ricardo, Cazuza** e **Nelson Gonçalves**, entre outros.

ELES CONFIAM NOS SEUS TACOS

Golfe, como a gente sabe, é um esporte de gente arrumadinha e disciplinada, coisa de empresário. Ou não? Veja só a lista dos roqueiros que andam relaxando naquele tapetão verde — se bem que é difícil saber como eles acertam os buraquinhos: **Alice Cooper, Pete Townshend, Judas Priest, Mötley Crüe, ZZ Top** e outros, incluindo, acredite se quiser, **Iggy Pop**!

Rui Mendes/Azul

Iggy Pop: tacadas para repor as energias perdidas

OUÇA ESSA

"Se eu não soubesse tocar um instrumento, então eu provavelmente entraria no Erasure."

Roddy Frame, do Aztec Camera

LIBERTEM MANDELA!!!

No dia 22 de outubro a Praça da Sé, no centro de São Paulo, foi o palco do primeiro evento pró-Nelson Mandela realizado por essas bandas. Cerca de 15 mil pessoas assistiram às apresentações do Ira!, DeFalla, Paralamas e Beth Carvalho, entre outros. O evento foi organizado pela Frente Nacional contra o Apartheid.

A EMI apresenta o som mais revolucionário do século XX.

The Beatles

A coleção completa em Compact Disc.

Também em cassetes **cromo** e LPs remasterizados em **digital**.

este belo design foi criado para melhorar o seu.

active bodies by adidas

W/GGK

Hard Rock

Você gosta de elogios? Nós também. Por isso, cuidamos de colocar toda nossa tecnologia a serviço da moda. O resultado é que você vai andar por aí recebendo elogios da cabeça aos pés.

GRAVE UMA HOT TAPE PARA A GAROTA MAIS BONITA DA SUA RUA.

Uma fita gravada é sempre uma maneira original de dizer eu te amo. Com a Hot Tape da BASF você tem até 90 minutos para fazer sua declaração. Nela cabem todas aquelas músicas que mexem com o coração de qualquer um. E, pode apostar, não existe melhor pombo-correio que este.

BASF
VOCÊ GRAVA E ACONTECE.

SE ELA NUNCA TE OLHOU, PELO MENOS VAI TE OUVIR.

Nova embalagem Hot Tape. Um sucesso em todo o mundo.

BASF 90
Ferro Extra I 90
Ferro Extra I
IEC I - Position Normal
Stereo Cassette
2 x 45 min
NEW: IMPROVED QUALITY

DEZEMBRO 88

Foto Abril

4 SHOWBIZZ
Notas, notícias e boataria
15 INDICE
Você está aqui...
16 PARADA
EUA, Grã-Bretanha e Parada do Leitor
18 AO VIVO
Plebe Rude, DeFalla, Jorge Ben, Egberto Gismonti, Solomon Burke, Stray Cats, Jimmy Page, Eduardo Dusek, Nau, Church, Fellini
30 A-HA
Mags fala do sucesso, Duran Duran e sua vinda ao Brasil
36 ARTO LINDSAY
Botando pimenta no cozido mundial
38 RAUL SEIXAS
O gás ainda não acabou
40 NICK CAVE
Um fã de *Pixote*
45 ENTREVISTÃO
John Cale + Patti Smith
54 RETROSPECTIVA
Uma geral no ano que passou
64 DEF LEPPARD
Um parto difícil e bem-sucedido
69 PICASSOS FALSOS
(Mas o som é de verdade)
71 LANÇAMENTOS
Smiths, Johnny Winter, Bruce, Titãs, Tracy Chapman...
80 BRASIL
O que rola do Olapoque ao Chuí
82 CINEMA
Fala Robert Zemeckis, criador de Roger Rabbit
86 VÍDEO
Matthew Broderick e os principais lançamentos
89 EM CARTAZ
U2 — Rattle and Hum
90 LETRAS
"King", Ambitious Lovers
92 CARTAS E SERVIÇOS
94 DISCOTECA BÁSICA
Tropicália ou Panis et Circencis, vários artistas

Fotos da capa: Simon Fowler/LFI (A-ha), Ciclano/Azul (Sting)

ATENÇÃO, ASSINANTE:
Não se descabele! Seu flexidisc está seguindo pelo correio!

Até o fechamento desta edição, estava incerta uma prometida vinda do A-ha ao Brasil em janeiro. A dúvida não impediu que colocássemos na capa um grupo que, consistentemente, vem sendo o mais pedido por nossos leitores. Mags, tecladista da banda, falou com exclusividade a BIZZ sobre sucesso, planos e a expectativa de tocar aqui. Também com exclusividade, publicamos entrevistas com **John Cale** (por **José Nogueira**, em NY), **Patti Smith** (pela *Melody Maker*), Def Leppard (por **José Emilio Rondeau**, de LA), e o moderno Arto Lindsay (**Ana Maria Bahiana**, de NY). Falou ainda à BIZZ o controvertido **Nick Cave**, cuja entrevista a **Marisa Adán Gil** foi a base de um texto final de **Arthur G. Couto Duarte**, nosso homem nas Alterosas. Ainda na área internacional, mas desta vez no cinema, **Pepe Escobar** bateu um papo com **Robert Zemeckis**, o criador de *Uma Cilada para Roger Rabbit*, um supercampeão de bilheteria aqui e alhures.

Na ala nacional, comparecem o inconsável **Raul Seixas** o maluco beleza de vários folegos (que falou a Marisa Gil) e uma banda que militou muito tempo em circuitos menores e que parece beirar algo bem maior, os **Picassos Falsos** (em coláquio com **Tom Leão**).

Por último, mas não menos importante (não mesmo), toda a quipe de BIZZ mais nossos correspondentes em Londres e Los Angeles debruçaram-se sobre o ano que termina e destrincharam eventos, personalidades, tendências, promessas, frustrações, numa ampla e panorâmica retrospectiva. Feliz 89!

José Eduardo Mendonça

PARADA

Cicilano/ Azul

O Ira! subindo mês a mês na Parada do Leitor

Parada do Leitor (LPs)

1 (1) *Stay on These Roads* — **A-ha** (WEA)
2 (3) *Faith* — **George Michael** (CBS)
3 (4) *Bora Bora* — **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
4 (R) *RPM* — **RPM** (CBS)
5 (8) *Psicoacústica* — **Ira!** (WEA)
6 (2) *Que País É Este?* — **Legião Urbana** (EMI-Odeon)
7 (12) *Substance* — **New Order** (WEA)
8 (10) *Cuidado!* — **Lobão** (BMG-Anola)
9 (11) *Ideologia* — **Cazuza** (PolyGram)
10 (R) *The Joshua Tree* — **U2** (WEA)
11 (R) *Kick* — **INXS** (PolyGram)
12 (N) *Carnaval* — **Barão Vermelho** (WEA)
13 (6) *Strangeways, Here We Come* — **Smiths** (WEA)
14 (5) *Viva Hate* — **Morrissey** (EMI-Odeon)
15 (9) *Introducing...* — **Terence Trent D'Arby** (CBS)

Convenções

( ) indica a posição na parada anterior
(N) indica novidades na parada
(R) indica retorno à parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 60081, CEP 05096, dizendo quais os discos que você comprou neste mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

LPs (EUA)

1 (1) *Appetite for Destruction* — **Guns n' Roses** (Geffen)
2 (2) *Hysteria* — **Def Leppard** (Mercury)
3 (3) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (Elektra)
4 (N) *Cocktail* — **Trilha Sonora** — **Vários** (Elektra)
5 (N) *Simple Pleasures* — **Bobby McFerrin** (EMI)
6 (N) *New Jersey* — **Bon Jovi** (Mercury)
7 (N) *...And Justice for All* — **Metallica** (Elektra)
8 (4) *Roll With It* — **Steve Winwood** (Virgin)
9 (N) *Kick* — **INXS** (Atlantic)
10 (6) *Faith* — **George Michael** (Columbia)

LPs (GB)

1 (N) *Staring at the Sun* — **Level 42** (Polydor)
2 (N) *New Jersey* — **Bon Jovi** (Vertigo)
3 (N) *Hot City Nights* — **Vários** (Vertigo)
4 (1) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
5 (N) *Buster* — **Trilha Sonora** — **Vários** (Virgin)
6 (7) *Rap Trax!* — **Vários** (Stylus)
7 (N) *Moonlighting* — **Vários** (WEA)
8 (3) *Tracy Chapman* — **Tracy Chapman** (Elektra)
9 (7) *Bad* — **Michael Jackson** (Epic)
10 (2) *The First of a Million Kisses* — **Fairground Attraction** (RCA)

LPs Independentes (GB)

1 (N) *Blue Bell Knoll* — **Cocteau Twins** (4AD)
2 (4) *Rank* — **Smiths** (Rough Trade)
3 (N) *Tender Prey* — **Nick Cave** (Mute)
4 (8) *Nephilim* — **Fields of the Nephilim** (Situation Two)
5 (2) *House of Love* — **House of Love** (Creation)
6 (1) *Doing It for the Kids* — **Vários** (Creation)
7 (3) *Tommy* — **Wedding Present** (Reception)
8 (4) *Kylie* — **Kylie Minogue** (PWL)
9 (N) *Thaw* — **Foetus Interruptus** (Some Bizzare)
10 (N) *Crocodiles Tears* — **Chesterfields** (Household)

Fonte: Cash Box e Billboard (EUA), New Musical Express e Melody Maker (GB), de 2 a 30/07/88. Para a Parada do Leitor, foram consideradas as cartas recebidas até 30/10/88.

Passe na Caixa e pegue o seu Credicard.

Depois viaje, jante fora, alugue um carro, pague a maternidade, dê presentes e faça tudo o que você quiser.

A Caixa Econômica Federal tem o cartão que tira você de casa, paga o seu jantar, aluga um carro pra você, acerta a conta do hospital, compra tudo o que você precisa e ainda organiza o seu orçamento.

Na Caixa Econômica Federal tem Credicard. O cartão de crédito que tem crédito aberto e aprovado em mais de 110 mil estabelecimentos em todo o país.

E você tem até 40 dias para pagar, o que nos dias de hoje representa uma grande vantagem.

Além disso, com o Credicard você pode parcelar até 75% do seu saldo em quantas vezes quiser, ou optar no ato da compra pelo Credicard Plus.

Na hora de pagar é você quem escolhe o dia do vencimento do seu Extrato Mensal. E a Caixa coloca à sua disposição mais de 2000 agências para você efetuar o pagamento.

Como você vê, o Credicard continua sendo o cartão de crédito mais completo e avançado do país. E é por isso que a Caixa Econômica Federal é associada à Credicard.

Porque um grande banco não oferece apenas mais um produto a seus clientes. Oferece o mais completo e avançado cartão de crédito do mercado.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Com muito couro e brilhantina, o público do Stray Cats reverenciou a banda como se ela não tivesse passado todos estes quatro anos afastada dos palcos

STRAY CATS

John Anson Ford Theatre (Los Angeles) 18/09/88

"E aí? Cuméquicestempassado?" Com essa saudação sinceramente entusiasmada, Brian Setzer abriu o primeiro show dos Stray Cats desde 1984. Durante o tempo em que estiveram separados, os integrantes da banda se dedicaram a projetos solos de variados graus de sucesso e fracasso (Brian foi o mais feliz de todos, enquanto o baixista Lee Rocker teve menos sorte, precisando dar aulas de música para sobreviver sem os Cats). Mas para a platéia adoradora e devidamente a caráter (muito couro, muita brilhantina e sapatões de sola grossa para os rapazes; e muita saia rodada e tiara nos cabelos para as meninas) foi como se aqueles quatro anos jamais tivessem acontecido.

O próprio trio não aparentava ter saído de uma longa separação. Setzer, Rocker e Slim Jim Phantom, o baterista, estavam não apenas em excelente forma mas exibiam uma perfeita coordenação e um bom humor à prova de bile que os motivou a iniciar a noite com "Please, Make Up Your Mind" ("Por Favor, Se Decida", uma clara alusão às idas e vindas do trio para longe e para perto da possibilidade da reunião).

Cada antigo sucesso dos Cats — "Good Rockin' Tonight", "Runaway Boys", "Sexy and 17" — e mesmo clássicos de outros autores — como "I Fought the Law", do Clash — era saudado com gritos e assobios de aprovação e com levas sucessivas e crescentes de fãs ensandecidos que subiam ao palco para dançar e, depois, se atiravam de cabeça na platéia. E à medida que o público ia saindo completamente do controle dos seguranças (coisa mais rara nos Estados Unidos do que Michael Jackson ir à padaria comer um bauru) e invadindo o fosso dos fotógrafos (dali para o palco era, literalmente, um pulinho), parecia que os Cats tiravam sua própria energia daquele estado de pandemônio generalizado. Lee formava ganchos com os dedos e atacava cada corda de seu baixo acústico com impressionante violência, tocando deitado, com o pé sobre o bumbo da bateria, enquanto Brian modulava solo após solo usando a alavanca da guitarra com tanta força que era um milagre a maneira como a coitadinha se manteve afinada a noite inteira.

Três canções novas foram apresentadas — "Blast Off", "I'm Slipping In, Baby" e "Gina" (esta é um misto de Buddy Holly, "La Bamba" e "Twist and Shout") —, mas as músicas que arrancavam as maiores reações eram os velhos hits. Afinal, quem estava ali celebrava menos o futuro e mais o retorno de velhos amigos. *José Emilio Rondeau*

JIMMY PAGE

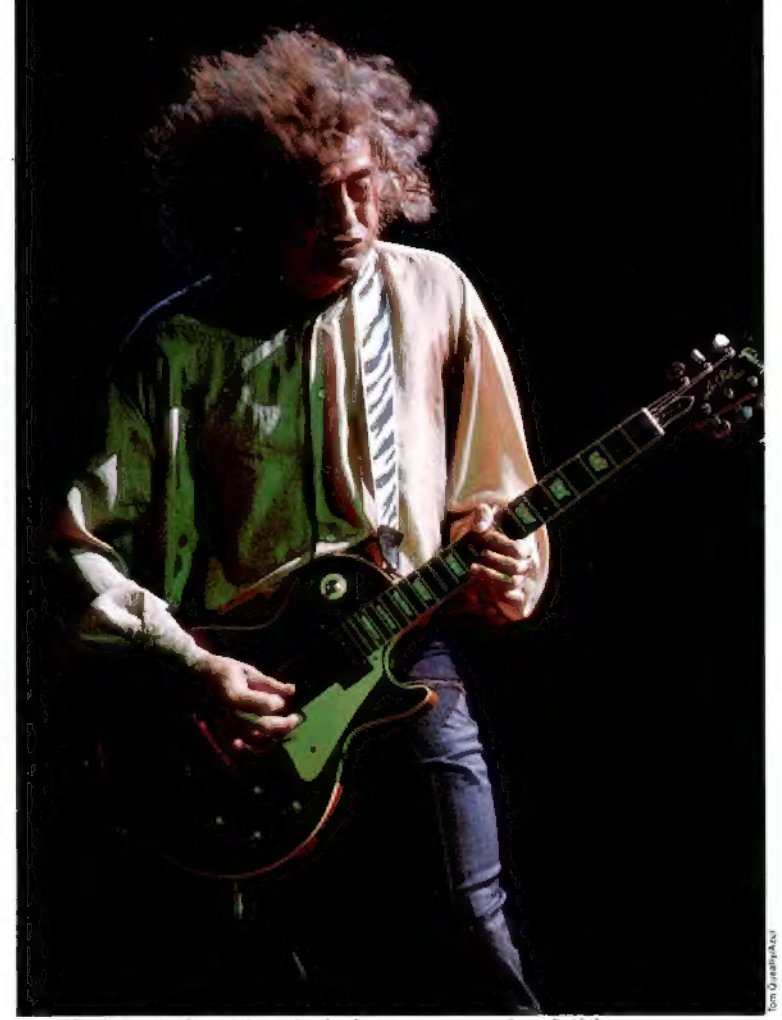
Forum (Los Angeles) 07/10/88

A felicidade de Jimmy Page em poder estar tocando ali, naquele palco, para quase vinte mil pessoas que o saudavam com total reverência, era enorme e indisfarçável. A do público era igualmente grande: para muitos aquela era a única oportunidade de conhecer um dos estilhaços da mais genial, devassa e pesada banda de rock nutrida no decorrer dos anos 70. Para outros, porém — os que experimentaram o impacto e a evolução do Led Zeppelin em primeira mão —, os shows de Page nesta primeira turnê solo eram apenas os derradeiros suspiros de uma artista cuja criatividade moribunda reflete uma carência de idéias novas quase tão grande quanto a sua incapacidade de explorar com certa dignidade glórias do passado.

Apoiado por uma banda desiquilibrada — o baixista venezuelano Durban Laverde, o vocalista e tecladista John Miles (que nunca cantou sequer parecido com Robert Plant, mas aqui clona o colega mais do que David Coverdale algum dia ousou) e o baterista Jason Bonham (filho de locomotiva vagãozinho é?) —, Page teve apenas dois grandes momentos durante o show no Forum: quando quebrou todas as regras protocolares do rock e, antes que tocasse uma só nota, saiu da coxia e foi cumprimentar o público; e quando resgatou a poderosa "In My Time Dying" (do duplo *Physical Graffiti*) e transcendeu a versão original do disco, distribuindo tijolada após tijolada de riffs acachapantes, recortando o ar seco e enfumaçado com fraseados cinéticos de *bottleneck*. O restante da noite serviu mesmo como a prova cabal da total irrelevância dos discos gravados com o Firm (banda que Page formava com o vocalista Paul Rogers, ex-Free e ex-Bad Company) e de *Outrider* (primeiro álbum solo do guitarrista, lançado no início deste ano).

Nem quando recorria ao repertório do Zeppelin (e é importante observar que isso aconteceu com raridade admirável) Page conseguia esconder sua atual má forma. "Dazed and Confused" (com o célebre pseudo-solo com arco de violino e tudo mais) foi abismal e embaraçoso. "Custard Pie", idem, com John Miles tentando ser mais Plant que o Robert em pessoa. O primeiro encore, com "Train Kept A-Rolling" (dos Yardbyrds), foi, literalmente, triste de tão desengonçado. E as tentativas de Jason em arquitetar solos de bateria tão empolgantes e sanguíneos quanto os do pai, John, eram patéticas. "Bonzo", o pai, atacava as peles de seu kit de bateria com cotovelos, testa e palmas da mão. Jason "duela", durante um "solo", com uma bateria eletrônica pré-programada.

Só que nenhuma das deficiências parecia importar ao público que quase lotou o Forum. Quando Page iniciou o último número — uma versão instrumental de "Stairway to Heaven" —, todos se levantaram, ergueram os isqueiros acesos e começaram a cantar a música (sem tropeçar um só instante na letra) com a compenetração geralmente reservada a hinos nacionais (só faltava a mão no coração). Do meu lado, uma garota de seus 20 e poucos anos, que já estava pra lá de Bombaim, se abraçava com a amiga, aos prantos. "Olha lá", soluçava ela. "É o Led Zeppelin. Eu disse que o Plant vinha hoje, não falei?". John Miles estava mudo, detrás do teclado. Qualquer reação contrária à convicção inebriada de minha vizinha não teria feito a menor diferença. *José Emilio Rondeau*



Page: os derradeiros suspiros de quem não tem mais nada a dizer e nem segurou o passado com dignidade

O grupo amadureceu, incluiu ritmos brasileiros o seu power rock e colheu frutos positivos com a inovação, apesar do som atravessado por problemas na mesa de som

PLEBE RUDE

Dama Xoc (SP) 20/10/88

Para esta época de vacas esqueléticas, e a contar com: 1) a demora do novo LP da Plebe; 2) sua saída das rádios durante este ano (em dezembro passado eles estavam em 3.º lugar na Parada da BIZZ dos leitores... até que o Dama Xoc estava bem lotado. Isso prova pelo menos uma coisa: o público jovem tem desejo de ver a quantas anda seu bom e (já) velho rock.

O show abriu com o som todo atravessado, "culpa" de uma mesa digital que poucos técnicos, além do da casa, têm prática suficiente para tirar de.a o melhor. A voz de Ameba não saía. Mas a Plebe é velha de guerra e contornou as adversidades como sabe: na raça e no suor.

Eles abriram quase que direto com "Censura" atiçando o público. Seguiram-se "Plebiscito" e "A Serra", do novo LP, dando uma pequena dica do que é o novo repertório e sua representação ao vivo. A primeira coisa a ser notada é que Gutge (bateria) encarou bem o desafio de sair do 4 x 4 básico para atacar ritmos mais complexos exigidos na nova fase. Talvez porque na hora do vamos ver ele não possa pisar nem um momento na bola, acabou sendo o mais bem resolvido em palco. "Johnny" arrancou gritos da moçada e as intercalações de repertório — velhos sucessos e músicas inéditas — mostraram como o grupo segurou esse show.

Uma sensação de estranheza pontuou "O Traço que Separa", "Tempo ao Tempo" e "Modifique o Verbo". "Plebiscito" mostrou uma Plebe em forma e certeira de suas novas investidas, enquanto aquelas deixaram um ponto de interrogação visível até nos olhos de seus próprios criadores. Era a estréia, de fato, em águas nunca dantes navegadas. E nestas, a Plebe deixou para trás pelo menos uma das facetas que mais a personalizava — o duo vocal Ameba e Phillipe, antes marcado pelas diferenças de níveis melódicos, agora segue junto, na mesma linha e modulação.

O rock Brasil vive um momento de transição, indefinição, estranheza por parte de artistas e público. E quem mais sofre com esse estado de coisas é justamente os grupos que "não chegaram lá", porque neste país, como já dizia o velho e cansativo dítado, é oito ou oitenta. Mas a platéia parecia estar nem aí com tais imposições do mercado. Aceitou — e muito — a inclusão de ritmos brasileiros no power rock que sempre caracterizou a Plebe em músicas como "Valor" e "Repente" — esta, uma das melhores do novo LP. O grupo deu uma amadurecida nas letras — pelo menos em algumas passagens como "A gente só dá valor à tranquilidade/ Quando não nos deixam em paz/ A gente só dá valor à certeza/ Quando tanto fez tanto faz". E o bis veio forte e cheio de cumplicidade — sim, porque todos os baixos do show não suportariam um bis na altura com que foi pedido. "Até Quando", "Tempo ao Tempo" e "Nova Era Tecno" foram devolvidas com garra, alegria e cumplicidade. *Sônia Maia*

Ele pilota uma selva de teclados mas nunca lhe faltam sangue, tripas e coração

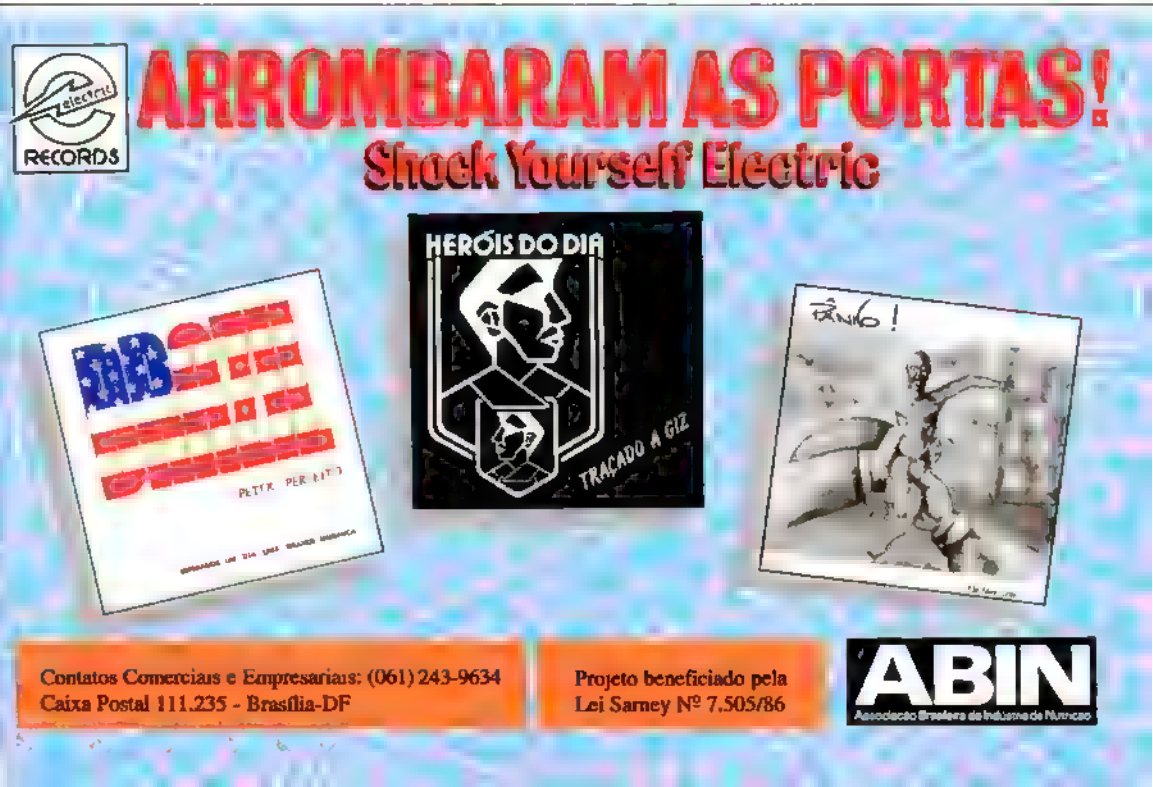
EGBERTO GISMONTI

Circo Voador (RJ) 08/10/88

Fita vermelha estrangulando o cabelão em um rabo-de-cavalo, calça e camisa pretas, Egberto Gismonti detonou seu atual repertório eletroacústico para uma platéia apinhada de 1 500 caras sob a lona do Circo da Lapa carioca. No cartaz da entrada anunciava-se o lançamento do LP *Feixe de Luz*, o último de sua lavra. Mas entraram no baile dessas cabeças desde o ancestral "Água e Vinho" (em versão unicamente instrumental) quanto os villalobianos "Dansa" e a notória "Bachiana nº 5" (introduzida pelo sax coltraniano de Nivaldo Ornelas).

Curiosa a metamorfose kafkiana por que vem passando o virtuose Egberto. Suas falas com o público estão cada vez mais para "Nó Caipira", cheias de causos e chistes bem matutos, enquanto o *punch* instrumental desborda do acústico vienense (reprocessado pelas retretas interioranas) na direção *Blade Runner* do eletrotécnico planetário. Com teclados em profusão, que divide com um outro piloto, Edu Melo e Souza, o cello amplificado de Jack Morelembaum e o mencionado sax de Nivaldo, o grupo de Egberto encadeia um feixe de músicas ligadas na corrente automática. Mas nada de robótica: tem muito sangue, tripas e coração, quando se troca em miúdos as paisagens climatizadas "Santona", "Bodas de Prata", "Baião Malandro", "Sertão" e "Forrobodó". O regional transpassado pela tecnologia de ponta ou varado de cultas pinceladas de quem sabe que sabe.

Assim como a ave de Stravinsky baixa na tropical "Inhambu de Fogo", Egberto sintoniza da "Fala da Paixão" aos "Sonhos de Recife" sem esquecer um apropriado bis com "Palhaço" sob a lona. Dono de uma das poucas sintaxes reconhecíveis em nossa (con)fusionada área instrumental, Egberto lapida sua pedra em estilo e prática de palco. Fôlego não lhe falta. *Tarik de Souza*



AO VIVO

EDUARDO DUSEK

Palace (SP) 15/10/88

Depois de um hiato de dois anos, Dusek retorna para palco e platéia dignos de um artista de seu quilate

Com sua impagável irreverência e seu ecletismo de extrema competência, Eduardo Dusek é hoje, dentro do pop brasileiro, o compositor que melhor revisita a mais genuína tradição da música brasileira: o bom humor. Esta escola — inaugurada pelos sambistas Noel Rosa, Sinhô e Lamartine Babo — atravessou toda a produção da MPB desde a década de 20 até nossos quase findos anos 80. Passou pela singular intervenção paulistana de Adoniran Barbosa — que serviu de pivô para a estética tropicalista do final dos anos 60 — e acabou por render-se ao cômodo apelo de uma produção roqueira barata e facilmente explorada pela indústria cultural, até que esses originais fossem refeitos através do analítico prisma de grupos como o Rumo e do próprio Dusek. Este, como ninguém, consegue alternar críticas/anedotas que beiram o sarcasmo a estonteantes explosões de lirismo. Neste sentido sua voz é exata. Adaptando-se perfeitamente aos contrastantes climas que entrecruzam suas melodias, sua interpretação mostra-se ora satírica e cruel, ora surpreendentemente poética, com bem dosadas texturas dignas de uma impostação operística, às quais seu piano tece eficientes contrapontos, luxuosas harmonias e uma densa exploração de recursos rítmicos.

Seu show é inequívoco, traçando um hilário diagnóstico da solitária vida urbana — bem retratada em canções como "Vizinhos Vizinhos, Ódios à Parte", "Ele Queria Ser Yuppie" e "Máscara Urbana" (dedicada, no show, a Marisa Monte). *Canções de Amor e Bombas*, lançamento da coleção primavera-verão da grife Dusek ("eu já fiz rock'n'roll, já fiz brega, prêt-à-porter, agora resolvi entrar para a alta-costura", comenta ele com absoluta seriedade em meio às escandalosas gargalhadas da platéia), surpreende não apenas pela enorme quantidade de belíssimas canções — como o tango "O Castigo", o fado "Ave" e o resgate da antológica "Serra da Boa Esperança", de Lamartine Babo — mas também pela excepcional versatilidade de Dusek ao adaptar seus hits à formação voz e piano. Incluem-se aí "Olhos Negros", "Criança Pobre" (o rock da cachorra), "Brega e Chic" (com o inesquecível refrão "domestica .."), "Eu Velejava em Você", a quase apocalíptica "Nostradamus" — que por sinal acaba de completar uma década de existência sem perder a graça — e a baladinha "Aventura". Mas é em seu território mais ousado que Dusek estabelece uma relação de cumplicidade com a platéia. Músicas como "A Índia e o Traficante" e "Lincharam o Viajante Espacial", com referências explícitas a certos hábitos "modernininhos", realmente conquistam o público. Há ainda as bombas a que o título do espetáculo faz menção. "O Homem que Matava Marajás" é um exemplo do bem temperado cinismo que, assim como "Cingapura" — a cantora que ficou anos confinada nos porões da indústria fonográfica —, consegue passar por cima dos mais variados clichês sem pisar em falso.

E Dusek não dispensa um longo copo de vinho branco que reluz sob a brilhante iluminação de Ricardo Cantaluppi. *Celso Masson*

SUPERTRAMP

CRIAÇÃO & ARTE FOTOGRÁFICA

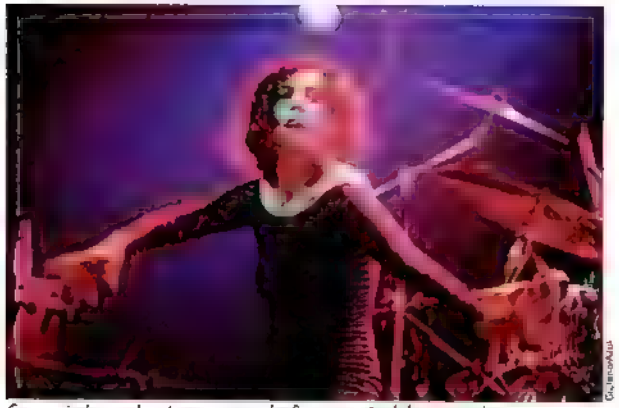
LIVE '88

Desde o antológico "Paris",
que registrou o fulminante concerto do Supertramp na capital Francesa,
o público vinha pedindo mais um.
"Live", o novo disco do Supertramp, foi gravado ao longo da explosiva tournée do grupo.
Tournée esta que nasceu no Brasil.
Esta passagem por aqui é descrita pela banda
com muita emoção na contracapa do disco.
Detalhe: A versão brasileira do Lp "Live" é a única no mundo
que traz o sucesso "Free as a bird" ao vivo.

A&M RECORDS

EM DISCO, COMPACT DISCS E FITAS DE CROMO BASF.

PolyGram



Com som circular, pesado e obsessivo, o grupo desafia as convenções do burocrático cultural

NAU

Dama Xoc (SP) 15/10/88

Quem assistiu aos shows do Nau em agosto, no AeroAnta (SP), e em outubro, no Dama Xoc, teve a oportunidade de ver o mesmíssimo grupo: maduro, coeso, recém-saído do estúdio, onde gravou um novo e excelente repertório para seu segundo LP. E, no entanto, a estupidez de uma gravadora se interpôs entre as duas apresentações, transformando o entusiasmo em desconsolo. A CBS não vai lançar o disco... Exatamente no ponto em que a banda melhor parecia dar conta de sua proposta — "traduzir para os anos 80 a sonoridade dos 60", suprindo o Brasil de um rock "legítimo" que tão poucos parecem capazes de produzir deste lado do oceano —, os burocratas do pop resolveram anotar que isso-não-é-comercial. Que diabo?! Se rock de verdade não é comercial, qual subproduto o será? Lógico, restava a hipótese do grupo dar um trato nas composições, baixar a bola... ou rescindir o contrato.

Era isso que uma Vange contidamente orgulhosa comentava no palco do Dama ("Preferimos a dignidade..."), em vez da vocalista meio eufórica que falava demais entre as músicas, no show de agosto. O resto da banda continua uma máquina: a guitarra *heavie* de Ziqué, os baixos precisos e afunkalhados de Beto Birger, a chegada de Kuky Stolarsky (ex-Heróis do Brasil) enriquecendo a cozinha com sua bateria bem-elaborada de tambores. A novidade é que a velocidade de cruzeiro baixou muito. A banda quase não dá mais rapidinhas: desenrola seus temas lenta e inexoravelmente, com riffs circulares, pesados e obsessivos — um trabalho hipnótico de guitarra, enfeitado pelos vocais bem colocados. Talvez o melhor exemplo do tal convívio de sonoridades seja "Mistério", com guitarradas *r&b* ("Zeppelin, Zeppelin", bradam os sabidinhos) enquadradas por um ritmo programado como o tiquetaquear de um relógio. Esses e outros achados fazem o som de uma banda notável (cujo único senão seja talvez a qualidade poética duvidosa de algumas das novas letras), deixada na mão em seu grande momento. Os tempos, dêem-nos os tempos! *Alex Antunes*

Kilbey, com sua voz lamentosa, faz um show que poderia ter levantado o galera

THE CHURCH

Projeto SP (SP) 23/10/88

Ainda há bastante espaço para os cotovelos quando entra o Church. Frios, os músicos atiram "Constant Opal", do 2.º LP, *Remote Luxury*. Acertam perto do alvo, mas os aplausos ansiosos não escondem já uma pontinha de decepção: o som estava uma b Pena. O melhor do Church ficou embolado: a voz serena, enxuta, um pouco chorosa e séria de Steve Kilbey saiu perdida dos *amplies*. Assim mesmo, o tom personalíssimo de Kilbey estava presente: passaram-se *todas* as músicas do recém-lançado *Starfish*, e ele portou-se como um *gentleman*. Decerto algo surpreendente no meio de tantos decibéis. Ainda mais se compararmos essa tranqüilidade, impassibilidade e elegância de Kilbey ao comportamento febril do guitarrista Marty Willson-Piper, uma estrela fulgurante de pavio curto. Era um taquígrafo ensandecido, tal a velocidade dos dedos. E se em alguns momentos o entrelaçamento com a guitarra do "zumbi" Peter Koppes soava brilhante, em outros era enfadonho. Salvavam-se — em parte — os climas, a dinâmica: um crescendo explosivo que se cortava súbito e dava lugar ao sussurro. Como de praxe, esses momentos arrepiam (lembrar Ian MacCulloch). Mas não era dia da "Igreja". Os fiéis pediram "No Explanation" e não receberam. Tiveram "Under the Milky Way", é claro, mas não pareceram tão satisfeitos com o arranjo diferente daquele que ouvem no rádio. Depois veio "Shadow Cabinet" e um longo período de pedidos pouco convictos de bis. Finalmente, tocaram duas músicas e arrematararam com uma versão camerística de "You Took", do primeiro e melhor LP, *The Burred Crusade*. Era o final, em chave de ouro, para um show de cobre. *Daniel Benevides*

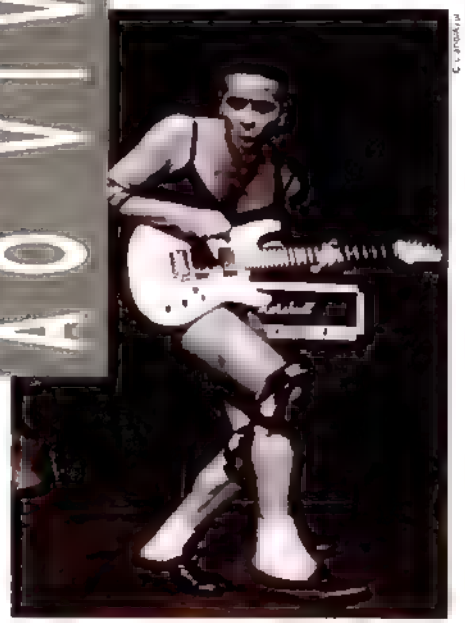
boy george

novo disco
*tense nervous headache

METAL

AO VIVO

DeFALLA



Edu K e o DeFalla: o caos como método de trabalho

A velha gandaia" Assim Edu K , numa entrevista à BIZZ, definiu os shows do DeFalla Muitas eram as histórias sobre a banda ao vivo O trabalho em vinil, *DeFalla*, não supunha uma performance comportada

Quando a cortina de veludo vermelho do AeroAnta se abriu, numa madrugada chavosa, e entrou um cara fantasiado de rapper cantando "Como Vovó Já Dizia", de Raul Seixas, toda e qualquer expectativa parecia mera folclorização Afinal de contas, só tinha lá um cara com uma camisa berrante fazendo uma versão amalucada Onde estavam as histórias de sexo e violência que corriam por aí?

Bem, a impaciência é péssima conselheira A banda entra no escuro: Biba Meira, uma minimignon com uma microssaia branca, e Castor nas baterias, e Flávio no baixo O rapper, Edu K , empunha uma guitarra E instaura-se o caos Quer dizer, a palavra caos não está aí como um recurso estilístico de um repertório limitado de adjetivos típicos-para-descrever-coisas-relacionadas-a-rock O caos no DeFalla é elevado ao status de conceito e o barulho (sua trilha sonora por excelência) é eleito como (anti?)método de trabalho E o barulho que os guia no mar de referências, que rege os arranjos, que orienta as performances

Um show do DeFalla é um desfilar contínuo de uma batida compacta e seca que deve sua origem ao hip hop, guitarradas e solos parentes do heavy e do hard rock, gemidos, urros e sussurros em inglês e português A blasfêmia, a injúria, a calúnia são seus cartões de visita Edu K , que na primeira oportunidade tirou a calça e a camisa e ficou de calcinha e sutiã (nenhuma insinuação de feminilidade, ao contrário realça sua masculinidade) de lycra preta mais joelheiras e cotoveleiras de skater, conduz o rebanho de ovelhas negras, ora palhaço ora perverso É difícil distinguir as músicas na massa sonora e isso não importa tanto Os hits estiveram presentes "Não Me Mande Flores", "Sodomia ' Na categoria esquizo-versões, 'Revolution", dos Beatles, está entre uma das mais ousadas feitas por uma banda brasileira

No pedido de bis, a platéia masculina clamava por "Biba, Biba O quarteto voltou para mais vários minutos de som e fúria, culminando com "Satisfaction" dos Rolling Stones Era o fim de mais uma seção de esporro defalliano

Bia Abramo

FELLINI

Fellini desce para o sul do país e dá aos curitibanos um pouco do que vem por aí

Pela primeira vez Curitiba teve oportunidade de assistir a um show do grupo Fellini Se demorou, valeu esperar. Das doze músicas apresentadas, nada menos do que onze eram completamente inéditas e devem ser incluídas no próximo disco da banda, que sai pelo selo Baratos Afins, com lançamento previsto para março de 89 E "o primeiro a ser gravado em 16 canais" como explica Thomas Pappon

Das músicas antigas, o Fellini atacou de "Nada", do primeiro LP, *O Adeus de Fellini*; "Teu Inglês" e "Zum Zum Zazoeira", do LP *Tres Lugares Diferentes*. Atendendo a inúmeros pedidos, a banda tentou tocar "Rock Europeu". Mas Cadão Volpato já não lembrava mais a letra e os músicos tropeçaram na melodia

Este também foi o primeiro show com a nova formação da banda Agora apenas Cadão Volpato continua fixo no vocal e com pequenas participações nos teclados O ex-baterista Ricardo Salvagni está dedilhando um baixo Thomas Pappon foi para a guitarra e Jayr Marcos retorna ao grupo em outra guitarra Um computador rítmico faz as vezes da bateria, mas não por muito tempo, se depender da vontade dos músicos, que estão à caça de um elemento humano para a função

E o show só não foi melhor justamente pelo computador rítmico, que pasteurizou tudo. O que pode funcionar bem em estúdio nem sempre é uma boa solução para o palco. O Fellini continua explorando bastante os ritmos brasileiros, mas as guitarras estão em maior evidência no jogo de dupla entre Pappon e Jayr "Nos transformamos em uma *guitar-band*", brinca Ricardo. Das músicas inéditas, os destaques são para os belos sambas "Chico Buarque Song", ironicamente cantado em inglês, e "Samba das Luzes", com o refrão "Deixa o país inteiro apagar". Já a "Soul" tem um envolvente clima dos anos 60, o que acontece também com "O Jornal"

Por tudo isso, Curitiba não perdeu por esperar. Aliás, a cidade está devendo um agradecimento público à produtora Moema Zuccherelli, que recolocou a cidade no roteiro de bons shows Antes do Fellini, tivemos a Patife Band e, para os próximos meses, estão cotados Os Mulheres Negras e Kães Vadius

Luiz Claudio Oliveira

SOLOMON BURKE

Orfeo (Milão) 12/09/88

Burke's Law já chegou a ser um dos mais populares seriados da TV americana Mas a verdadeira lei de Burke é essa aqui a de Salomão. Este homem — como Al Green ou Bobby Womack — é uma das poucas lendas vivas da soul music. Circula pelo circuito de night-clubs americano e de vez em quando aparece na Europa. Burke de smoking e mantô de veludo vermelho, deve pesar ao menos 150 kg Ingresso triunfal — mais triunfal do que o pai de Eddie Murphy em *Um Príncipe em Nova York*. Agilidade total de movimentos. Voz em perfeita forma. Dos sussurros aos urros desenfreados com uma velocidade de águia. Solomon é um *entertainer* na mais completa acepção do termo. conversa com o público, dança como um pinguim graciosamente descomunal, inflige gags constantes à banda e despacha swing com uma musicalidade e um senso de ritmo de provocar rubor acelerado nas novas gerações high-tech. Quando canta "Tonight's the Night", o teatro vem abaixo. Quando canta "Stand By Me", o teatro vai a nocaute

Quando o teatro encena a possibilidade de se recuperar, entram duas Valentinas blacks com maços de rosas vermelhas. Burke — sempre cantando — pega um a um os mandamentos de sua rosea tábua da lei e os distribui entre os fiéis. Blacks adoram esse tipo de sermão amoroso, mas nenhum o despachava — ou despacha — com tanta simpatia quanto Solomon. Opa, mas está na hora de (mais uma) surpresa. E esta, *ladies and gentlemen*, é letal para cardíacos. Somos introduzidos a "um amigo dos velhos tempos " Nada mais, nada menos do que Eddie Floyd, cinquentão produtor, compositor e mega-antológico soul singer do selo Stax de Memphis Eddie — ao contrário de Burke — andou alguns tempos preservado em naftalina. Voltou com raiva redobrada Urra como um possesso em filme B de horror Faz uma incursão nos tabernáculos seculares da soul music e volta com "Knock on Wood" — que muito blackinho e, por que não, branquinho, já nasce cantando de cor na mesa de parto. Mais um nocaute? Vamos mostrar para esses italianos metidos o que é *the real thing*? Burke e Floyd armam o complô final e atacam de "As Docas da Bahia" — como dizia um locutor da velha rádio Excelsior de São Paulo em 1969 Otis Redding, de sua tumba, agradece com uma reverência

Com a italianada já suando em desespero sob as camisas Armani e as saias Valentino, Burke faz um apelo final ao espírito de Little Richard e encerra com "Tutti Frutti" Desliza subrepticiamente do palco, enquanto se estabelece um caos imperial de orgia romana. Com um sorriso *Cool* abaixo de zero. E o vapor do soul acariciando as epidermes. Impagável. Absolutamente impagável

Pepe Escobar

Mas que nada, sai da frente que ele quer passar. Babulina e sua arte maior, a de incendiar a mocada

JORGE BEN

Parque de Exposições (Salvador) 28/09/88

Nem mesmo as condições adversas (uma quarta-feira, à meia-noite, com greve de ônibus e num local muito distante dos bairros centrais) foram páreo para Jorge Ben em Salvador, terra de Gil, com quem Babulina tem planos de gravar um segundo disco. Quem jamais esqueceria *Gil e Jorge*, de 1975? Só quem for ruim da cabeça ou doente do pé.

Jorge, chegando de uma excursão pela Alemanha e de apresentações em Bruxelas e Barcelona, vive mais um novo momento em sua carreira imprevisível em termos de sucesso comercial. Acabou de dar os últimos retoques no seu LP de estréia pela WEA, com produção de Liminha, mixagem em Los Angeles e participações mais do que especiais — de King Sunny Adé, Arnaldo Antunes e João Barone, entre outros. "Um trabalho forte e bem suingado, num lance autêntico tanto para o público antigo quanto para a nova geração", diz ele que, somente para variar, nega a sua idade real do alto da descontração e da elegância que o caracterizam. Saber que figuras como Arnaldo Antunes, Herbert Vianna, Barone e Roberto Frejat o curtem para caralho, deixa feliz esse rapaz que a cegonha deixou em Madureira e que na adolescência era ligadão em Little Richard e Chuck Berry.

No palco, antes de sua vez, a multidão se acaba com o afro estilizado e medíocre da banda Reflexu's. No camarim, Jorge rasga elogios para a onda afro-baiana que assola metade do país, principalmente por causa do ritmo, da batida. Eu digo que teria sido melhor se o Brasil tivesse entendido seus toques desde doze anos atrás, quando ele perpetrou o cruel *Africa-Brasil*. E ele sorri, modesto. Sobre a frágil qualidade dos seus últimos trabalhos, Ben concorda mas ressalta as circunstâncias em que os mesmos foram gravados, bem como as falhas dos produtores. Andar influenciado por Lincoln Olivetti dá nisso: até a banda do Zé Pretinho dançou na pasteurização. Com a guitarra em cima, o palco vazio e a galera à espera, Jorge está pronto para mais uma partida. "E novamente ele chegou, com inspiração, com muito amor, com emoção, com explosão e ...", começa a matança em estilo Jason, sexta-feira, 13.

"Boiadeiro" e "Oê, Faz o Carro de Boi na Estrada", duas parcerias de Babulina com o velho Augusto de Agosto, seu pai, abrem o show com todo o exotismo de imagens surrealistas que as letras possuem, e o som continúa *the best*. A base melódica do seu trabalho permanece subordinada à percussão e haja elementos de samba, funk, pop, maracatu, baião e o raio que o parta. "Chove Chuva" e "Fio Maravilha", duas pérolas arqueológicas, dão a seqüência e a tônica da noite: só velhos sucessos, sem adiantar nada das novidades que vêm por aí. A trupe do Zé Pretinho continua mantendo o pique de "Ela Mora em Matogrosso, Fronteira com o Paraguai", "Berenice", "Mas Que Nada" e "O Dia em que o Sol Declarou Seu Amor pela Terra". Títulos desconcertantes, amores simples e uma energia de rachar assoalhos ou abrir minicrateras na grama, como é o caso em questão. Mais de uma madrugada, o corpo suado e feliz não quer nem saber de continuar fazendo anotações. O que mais pode querer um súdito diante de seu rei? Deus salve Jorge Ben, que um dia sonhou ser jogador de futebol mas, felizmente, virou o mais perfeito alquimista rítmico da música brasileira. *Hagamenon Brito*

INTROSPECTIVE/PET SHOP BOYS

50 MINUTOS DE MÚSICA
INCLUINDO OS SUCESSOS *DOMINO DANCING E ALWAYS ON MY MIND*
DE DISCOS, CASSETES E COMPACT DISCS

EMI-ODEON 75

EMI

"NÓS VAMOS CHEGAR NO BRASIL COM A CORDA TODA"

A-HA

WEA

Tada-ima shi-sen ga chi-yô-tiu dêssu. Noti ho-do oyoby kudassay. Foi esta frase que ouvi umas cinco vezes, falada pela telefonista japonesa, antes de me tocar que provavelmente ela queria dizer "os ramais estão ocupados, favor chamar novamente" — como vim a confirmar depois. Na segunda ligação, já me esperava do outro lado da linha o guitarrista e tecladista do A-ha, Magne Furnholmen — aliás Mags — que forma o milionário time com Morten Harket, líder do grupo e causador de histerias por onde passa, e pelo baterista Pal Waaktaar. Os três vieram de uma terra tão improvável como a Noruega e, a partir de uma base londrina, catapultaram-se para a cena mundial na condição de maior fenômeno pop desde seus rivais, os rapazes do Duran Duran — com quem aliás, não gostam muito de ser comparados. Polido e bem-humorado, apesar de envolvido com o final de uma massiva excursão pelo Japão, Mags, falando em nome do A-ha, concedeu a seguinte entrevista exclusiva a BIZZ.

BIZZ — *Em anos recentes assistimos ao surgimento de bandas de sucesso fora dos centros tradicionais, Estados Unidos e Inglaterra. Vocês vieram da Noruega, os Sugarcubes da Islândia, e hoje muitos musicos africanos vendem bem mundialmente. A que você atribui isso?*

Mags — Com certeza tem a ver parcialmente com o fato de que o mundo, por causa da mídia, está ficando cada vez menor. É muito mais fácil hoje que uma banda fora do circuito tradicional seja notada. No caso, nós somos uma exceção: viemos pelo caminho tradicional nos baseando em Londres, sem nunca tentarmos nos projetar através da Noruega. Por isso não podemos nos colocar nesta tendência. Mas acho que existem, definitivamente, outros caminhos e oportunidades para as novas bandas.

BIZZ — *Você não acha que existe um risco desta planetarização se transformar numa supermassificação da musica pop?*

Mags — Não, absolutamente. Acho que esta é uma coisa que pode salvar a música pop. Faz com que ela se comporte como vem se comportando, como se comporta há décadas, com mudanças ocasionais de ênfase.

BIZZ — *Demorou muito tempo até que o A-ha começasse a ver a cor do dinheiro. Como foi este percurso? Muito duro?*

Mags — Nós ficamos cerca de dois anos em Londres sem ganhar um tostão, e acho que o que nos manteve unidos foi o fato de estarmos em um país estranho, e de haver um sonho muito forte que partilhávamos. E nós sempre fomos muito próximos desde os 14, 15 anos de idade. Em tudo que fazíamos, nos colocávamos em uma situação onde o único jeito era seguir em frente. Era como se estivessemos nos assegurando de que não havia saída ou caminho de volta.

BIZZ — *E como vocês conseguiram sobreviver durante este tempo em Londres?*

Mags — Pegamos alguns trabalhos temporários, trabalhamos na indústria de construção, qualquer coisa que a gente conseguia arranjar.

BIZZ — *E isto ensinou alguma coisa a vocês?*

Mags — Nós tínhamos um *background* de classe média estável na Noruega, e a perspectiva de ficarmos sem grana, pobres, nunca foi muito boa. Se aprendi alguma coisa, foi a valorizar o sucesso que temos agora. E também a ver que de alguma forma somos sortudos. Conheço gente daquela época que até agora está na mesma batalha, há anos. Não acho que exista uma razão caída do céu para o nosso sucesso. Nós somos muito teimosos *(risos)*.

BIZZ — *Se você soubesse que ia ser tão difícil, começaria tudo de novo?*

Mags — Sim. Olhando para trás, para os tempos de dureza, eu vejo que faria de novo, porque no fim foi aquilo que nos manteve juntos. Foi para mim uma época mais importante do que a que vivemos no momento. Hoje as coisas me parecem mais fragmentadas.

BIZZ — *O que você geralmente ouve?*

Mags — Ah... eu passei por um período ouvindo montes de discos da década de 50. Isso foi recentemente. Mas meu gosto musical ficou baseado no que ouvia quando era mais novo. Gosto muito dos Doors e dos Beatles. Foram e ainda são minhas influências. É como trilhar uma estrada velha, catar recursos antigos e renová-los. Mas eu ouço com ouvidos diferentes. Ouvia mais como um fã, pelo prazer de ouvir. Hoje em dia, muito envolvido com música, tendo a ouvir mais criticamente, o que na verdade não é uma boa.

BIZZ — *A imprensa freqüentemente compara vocês com o Duran Duran. O que você acha disso?*

Mags — Estas comparações nao acontecem há algum tempo. Acho que quando uma banda começa a acontecer tende a ser comparada com outras que já estão lá em cima, e o mesmo anda acontecendo entre novas bandas e o A-ha. Acho que todas detestam isto. Todas têm uma característica, e ninguem gosta de pensar que subiu porque montou nas costas dos outros. Eu não gosto das comparações, mas isso não quer dizer que não respeite o Duran Duran. Eles ainda fazem muito sucesso.

BIZZ — *Eu vou dar o nome de algumas bandas e gostaria do seu comentario. Vamos começar com o U2.*

Mags — Acho que eles são interessantes, na medida em que são respeitados há bastante tempo. Todo mundo reconhece neles um grande potencial de fazer as coisas acontecerem. É bom saber que, no mundo da música, das primeiras vinte colocadas nas paradas há uma que você realmente respeita.

BIZZ — *Bruce Springsteen*

Mags — É um nome indesmentível demais para a gente comentar, não? *(Risos.)*

BIZZ — *Prince*

Mags — Interessante. Eu tenho que admitir que nao era um grande fã dele durante a fase de *Purple Rain*, cheio demais de glamour. Me irritava. Eu gosto de *Parade* e *Sign O' the Times*. Desles eu sou fã. Acho que o Prince tem movimento, uma coisa para a frente.

BIZZ — *E a onda de hip hop?*

Mags — Não estou muito envolvido. Minha experiência musical não passa por aí. Tudo que parte das raízes tradicionais é bom para a música, mas não me afetou do mesmo jeito que outros tipos de música.

BIZZ — *Muita gente acha que o hip hop pode empobrecer a música pop porque é muita tecnologia e porque, no final de tudo, tende a ficar muito parecido, sem melodia e sem harmonia. Você concorda com isso?*

Mags — Não necessariamente. Eu nao acho que a música tenha de ser cada vez mais sofisticada para estar no caminho certo. Veja o que o punk fez pela musica pop. Não tem que ser sofisticado, e às vezes você tem que ser destrutivo para ser criativo.

BIZZ — *Michael Jackson.*

Mags — Sem dúvida ele tem muito talento. Para mim é a forma acabada do cara do showbiz, pelo jeito que cresceu, com a vida metida na música. Como palco, ele é um grande entretenimento, e, vocalmente, tenho grande respeito por ele.

BIZZ — *Vamos voltar ao A-ha. Em dezembro de 83 vocês firmaram um contrato com a Warner e receberam 125 mil libras de adiantamento. O que vocês fizeram com toda essa grana?*

Mags — Nós torramos *(risos)*.

BIZZ — *Em quê?*

Mags — Nós ficamos tão duros durante tanto tempo que gastamos com férias, diversão, essas coisas.

BIZZ — *Mas não gastaram nos bares. Vocês não bebem muito, bebem?*

Mags — Bebemos normal. O problema aí é que nao gostamos de passar esta imagem de caras limpinhos, mas também não queremos cair naquela armadilha da vida da lenda rock, uma coisa que morreu há anos. Essa estrada já foi explorada demais. Mas nós somos personalidades diferentes que gostam de fazer coisas diferentes, embora tenda a existir uma ênfase na pessoa do Morten.

BIZZ — *E como é que vocês conseguem juntar estas três personalidades diferentes?*

Mags — Bom... *(risos)*. Somos três opostos juntos, e não há razão por que não deva ser assim.

BIZZ — *E o que você gostaria de fazer se nao fosse um astro pop?*

Mags — Eu nunca tive outras aspirações a não ser a de ser um músico. Mas uma coisa que eu sinto falta é a pintura, que eu sempre fazia, quando tinha tempo, e que gostaria de retomar. E gostaria de viajar sem ter que trabalhar.

BIZZ — *Que espécie de pintura você faria?*

Mags — Eu não pertenceria a nenhuma escola de pintura em particular. Eu sou um autodidata que gosta de desenhar e pintar. Mas meu preferido é Edward Munch *(célebre pintor expressionista noruegues, autor do famoso O Grito)*.

BIZZ — *Agora uma pergunta pessoal, qual a cantada mais embaraçosa que você já levou de uma fã?*

Mags — Bom... *(risos)*. Ham... Acho que isto está ficando pessoal demais *(risos)*. Eu fico embaraçado com muita facilidade com o comportamento das fãs. Eu na verdade nunca gostei do aspecto da idolatrização no nosso trabalho. Este tipo de abordagem acontece mais com o Morten. Eu estranho aquelas mãos todas se estendendo, eu nao gostaria de começar a ter uma visão de mim diferente da que eu me acostumei a ter.

BIZZ — *Você acha que consegue se manter em sua posiçao por muito tempo?*

Mags — Não creio que eu conseguiria ficar neste jogo por muito tempo. Acho que uma das razões por que fico é por Pal e Morten, e porque nós conseguimos ainda muito pouco do que queríamos alcançar. Nós tivemos a oportunidade de chegar ao sucesso e ainda queremos fazer mais coisas que para nós sejam significativas. O ponto onde estamos no presente ainda nao parece uma conquista.

BIZZ — *Isto é bastante modesto, não?*

Mags — Depende do que você chama de conquista. Não sei. Quando falo de conquista, falo no sentido musical. Eu sinto, nós todos sentimos isto, que ainda há muito a fazer. Uma coisa que eu aprendi é que não se muda o jeito que se foi formado. É como ser colocado em uma rocha e ter de escalá-la com os meios que houver à mao. Isso coloca você numa situaçao particular, onde você vai se comportar de maneira particular. O objetivo é mudar esta situação para que ela fique mais ideal, para se conseguir mais flexibilidade, mais liberdade, para fortalecer nosso poder de criação.

BIZZ — *Vamos passar para a política. Morten disse que gosta muito do governo de Margaret Thatcher, o que soa estranho em um país como o Brasil. Você não acha que ela está à direita demais para o povo da Inglaterra?*

Mags — Para começar, eu gostaria de dizer que nao me envolvo nesta questao porque nao tenho qualquer conhecimento real dela. Acho que foi um erro do Morten ter se manifestado a respeito. Isto cria posições conflitantes dentro da banda, e nós discutimos muito essas declarações. Acho que deveríamos trabalhar em um nivel mais pessoal, e que este é o único avanço real para a música. Não acho errado que as pessoas usem a musica por motivos políticos, porque este é um meio poderoso. John Lennon nao teria sido o mesmo se não tivesse sido politicamente consciente.

BIZZ — *Vocês fizeram, certa vez, uma musica, "Living Daylights", para o filme* Na Mira dos Assassinos, *do 007. Como foi? Vocês pensam em fazer de novo esse tipo de trabalho?*

Mags — Foi uma experiencia estranha. Ficamos felizes de tê-lo feito, mas não acho que faríamos isso de novo, ou da mesma maneira. Dada a tradição de música no cinema, nós nos sentimos honrados em participar de uma trilha. Mas não acho que chegou ao que potencialmente poderia ter chegado.

BIZZ — *E você gostaria de trabalhar como ator, como Morten fez no filme norueguês* Kamilla and the Thief?

Mags — Se surgir uma oportunidade, sim. Mas eu não queria fazer só por estar usando meu nome e minha fama. Se eu fizesse, seria por achar que poderia fazer melhor que os outros.

BIZZ — *Que tipo de papel você gostaria de fazer?*

Mags — Ah... Acho que meu forte seria um filme que envolvesse muita atividade física.

BIZZ — *Como Rambo?*

Mags — Nao, nao *(risos)*. Eu não estava pensando em um herói. Acho que eu me sentiria melhor no papel de um cara malvado.

BIZZ — *Como Mickey Rourke?*

Mags — Eu não gostaria de ser comparado com grandes atores, porque eu não tenho nenhuma experiência de cinema.

BIZZ — *Vamos passar do cinema para o vídeo. Vocês, como o Duran Duran, começaram a fazer sucesso primeiro em vídeo e depois com os discos. Vocês começaram a estourar com o vídeo de "Take On Me". Você acha que hoje uma banda pop pode sobreviver sem videoclips?*

Mags — Eu espero que sim. Eu odiaria pensar que o vídeo está se tornando mais importante que a música. Pode ser um uro pela cultura. E os vídeos se tornaram hoje tao comuns que você precisa de alguma coisa espetacularmente diferente para aparecer. Nós todos temos consciencia do impacto do vídeo e temos sorte de fazer parte dele. Foi uma oportunidade de aparecer que nao teríamos tido de outra maneira. Por outro lado, cria a dificuldade de passar a imagem de pin-ups adolescentes.

BIZZ — *Que mensagem você gostaria de dar para seus fas no Brasil?*

Mags — Em primeiro lugar, eu fiquei muito surpreso de saber que temos tantos fãs-clubes aí. É uma grande honra. Para nós, o Brasil e a América Latina são muito importantes, são lugares que queremos conhecer. Você deve saber que nós estaremos aí. É uma perspectiva muito excitante para nós, por se tratar de um território virgem, algo que nao tínhamos pensado antes. Nos tínhamos ouvido rumores sobre nosso sucesso aí, informações sobre nossa colocação nas paradas, mas isso na verdade não significa nada até que a gente possa ver com nossos olhos o que isso quer dizer em termos de reconhecimento. Com esta distancia, estamos muito curiosos de saber qual o nosso status no Brasil. Para os fas-clubes daí: continuem com este belo trabalho que vocês fazem e muito obrigado pelo apoio. Nós não temos nenhum fã-clube oficial, e é assim que deve ser, tem de nascer do interesse espontaneo dos fas. E eu me sinto feliz por isso.

BIZZ — *Você conhece alguma coisa de música brasileira?*

Mags — Agora você me pegou de calças curtas. Eu sei da influencia desta musica no cenário ocidental, mas sei muito pouco do cenario brasileiro ou latino propriamente dito. Mas aí nós veremos bandas locais e sentiremos o clima.

BIZZ — *O que vocês estão fazendo no Japão?*

Mags — Nós acabamos de terminar a maior turnê já feita por um grupo ocidental aqui.

BIZZ — *Cansado?*

Mags — Sim. Mas nao temos qualquer show até o Natal da Inglaterra, e por isso estaremos bem irrequietos quando chegarmos ao Brasil.

BIZZ — *Como você se sente sendo um símbolo sexual, se é que você se sente assim?*

Mags — Ah... Ah... *(risos)*. Eu não esperava uma pergunta como essa.

José Eduardo Mendonça

TÃS ... URGENTE ... TITÃS ... URGENTE ... TITÃS ... URGENTE ... TITÃS ... URGENTE ... TIT

GO BACK
O SHOW DE MONTREUX

GO BACK
O DISCO DE MONTREUX

GO BACK
A TOURNÉ MUNDIAL

GO BACK
O DISCO DEFINITIVO
QUE
ENCERRARÁ O 1º CICLO DE SUA CARREIRA

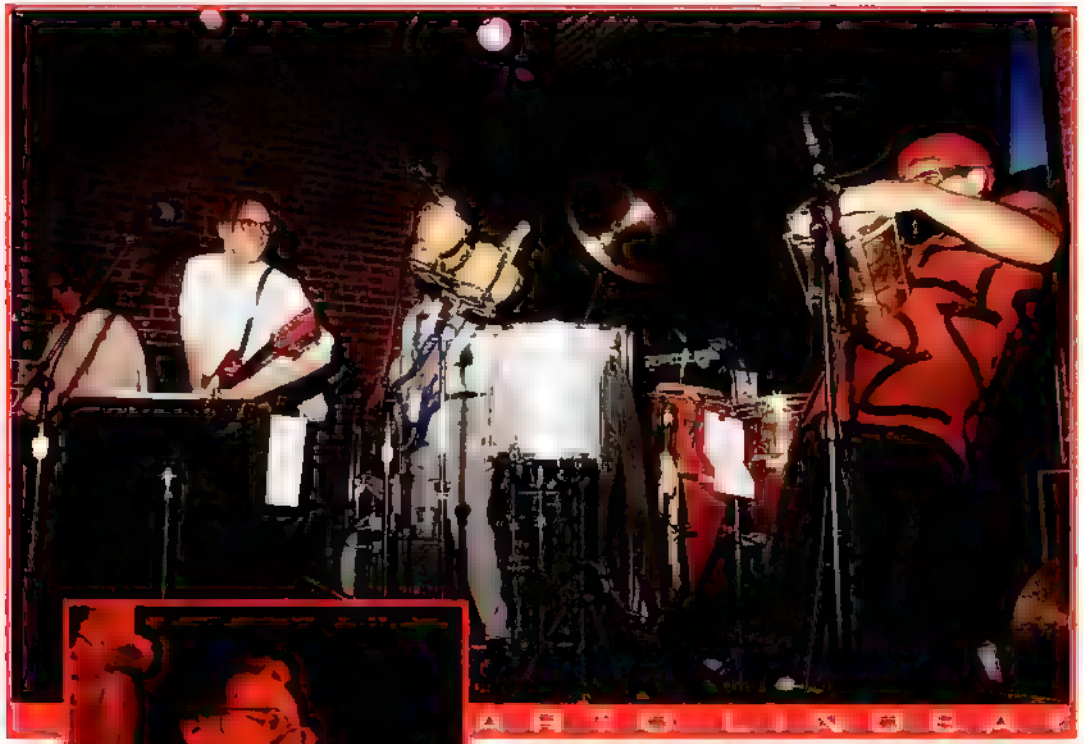
GO BACK
O NOVO DISCO

TIRAGEM INICIAL: 200.000 LPs
GRAVADO AO VIVO EM 24 CANAIS DIGITAIS
EM MONTREUX DIA 07/10

GO BACK
O NOVO SHOW

MONTREUX, LISBOA, SÃO PAULO,
BRASÍLIA, RIO, PORTO ALEGRE,
CURITIBA, FLORIANÓPOLIS,
NEW YORK, BOSTON, LOS ANGELES,
GOIÂNIA E OUTRAS 10 CAPITAIS.

wea



Fotos Tom Gutkin/Atlantic

AMBITIOUS LOVERS

SAMBA DE AMERICANO DOIDO

Nova York, Suíça, Garanhuns... A única maneira de fazer esses lugares estarem próximos é pedir que um cartógrafo bêbado desenhe um mapa. Ou chame Arto Lindsay.

Arto Lindsay liga de Nova York para contar como vai a vida. "Ih, nem te conto, muito trabalho, trabalho demais", ele faz, exagerando a canseira no seu português legitimamente pernambucano. "Tem tanta coisa, tem esse nosso novo disco *Greed* tem uns trabalhos para balé que eu e Peter (Scherer, sua cara-metade na banda Ambitious Lovers) estamos fazendo, com a coreógrafa Amanda Miller do Ballet de Frankfurt, e depois tem esse homem que é louco, menina, maníaco por trabalho, ele é protestante demais."

Que homem, Arto? "O David Byrne. Ele não sossega um minuto. Coisa de puritano mesmo." Arto está trabalhando com o supremo Head numa antologia de música popular brasileira que Byrne quer lançar, no início de 89, por seu selo Fly, distribuído pela Warner nos Estados Unidos. "Tem Paulinho da Viola, Milton, Gil, Chico, Caetano... E Nazaré Pereira, que ele adora, ele fez questão."

Uma semana depois, o amigo puritano de Arto está bebendo cerveja num cantinho escuro do camarim funky do ultrafunky Club Lingerie em Sunset Boulevard, no coração de Hollywood. Está lá como amigo, bicão oficial. Enquanto afina a guitarra, Arto conta mais alguns de seus planos: levar os Ambitious Lovers ao Brasil em breve; produzir nos Estados Unidos um disco com Gilberto Gil e o segundo de Caetano pelo selo Nonesuch; verter para o inglês as letras das músicas que os Paralamas vão lançar, até o final do ano, especialmente para os mercados americano e inglês.

De volta para Nova York, na tarde do dia seguinte, Arto liga de novo para tecer comentários em inglês. E, desta vez, põe Peter na linha e os dois Lovers — ele americano do sul criado em Garanhuns, Peter, suíço educado na Alemanha — discorrem livremente sobre seus assuntos favoritos.

▶BIZZ — *A música dos Lovers tem dois polos muito definidos: doçura e violência, um lado suave, terno, mais brasileiro, e outro que é funky, anguloso, Nova York. A tendência do trabalho de vocês é continuar com essa dualidade ou em algum momento vocês terão que fazer uma escolha?*

Arto — Nós gostamos dos dois lados. As vezes tentamos combiná-los e às vezes colocamos um ao lado do outro, de forma que um se reflita sobre o outro. Acho que não vamos abandonar nenhum deles.

Peter — Eu vejo os dois sempre juntos. Eles são parte do que somos, de quem somos. Cada vez mais estamos misturando um e outro.

▶BIZZ — *Vocês são antigos praticantes daquilo que hoje se chama "world music", música feita no Primeiro Mundo com fortes influências do Terceiro. O que vocês acham da notoriedade que o estilo está encontrando hoje, junto à mídia?*

Peter — De nossa parte, não foi nem uma coisa que decidimos fazer — era simplesmente parte de nosso *background*. Arto viveu no Brasil e me passou muito do seu conhecimento de música brasileira. Meu treinamento é clássico e, além disso, nós vivemos em Nova York, onde a diversidade étnica, cultural e enorme. Isso tudo contribuiu para que fosse um caminho natural para nós. É uma coisa na qual nem pensamos muito.

Arto — Quanto à popularidade da "world music" se ela vai mesmo se estabelecer... Isso seria bom. É claro que isso tem a ver com o fato de que esta geração está enve.hecendo e ficando entediada com suas escolhas musicais anteriores, com rock'n'roll puro e simples. Eu espero que dê certo. É claro também que há músicos imperialistas, com um *approach* tolo em relação a música de outros países.

▶BIZZ — *A questão do imperialismo cultural e musical é muito importante para quem está do lado de cá da "world music". Vocês acreditam que isso seria uma espécie de "mal necessário", um estágio pelo qual se teria de passar até que houvesse uma distribuição mais igualitária de oportunidades e informações musicais?*

Arto — Talvez seja. Se um artista famoso utiliza elementos musicais de outro país, ele

"Esta geração está ficando entendida de rock'n'roll puro e simples"

contribui para que haja maior interesse pela música desse país. Essa é a natureza do mercado. Mas, de um modo geral, quanto mais imperialista um artista, mais tola é sua música. As vezes eu fico furioso com isso, mas depois passa. Olhando bem, vê-se que essa é uma questão estranha, porque o que chamamos de "música americana", na verdade já é uma mistura de música européia, branca e música negra, africana. Do outro lado também se passam misturas, e isso que chamamos de "música americana" já teve elementos incorporados pelas culturas mais diferentes, então há uma troca contínua... O que me irrita é constatar que vários artistas por assim dizer "puros", que estão à parte desse mercado, jamais serão ouvidos, enquanto algumas estrelas famosas se enchem de dinheiro.

▶BIZZ — *Vocês consideram a possibilidade de um dia serem incorporados pelo mainstream entrarem no esquema de paradas de sucesso essas coisas? Serem muito famosos?*

Peter — Por que não? O objetivo de todo artista é ser conhecido pelo maior número possível de pessoas. O importante é que ele seja sempre capaz de fazer exatamente o que ele quer, ser fiel consigo mesmo.

Arto — Creio que até o mais dedicado músico underground, *avant garde*, sonha com alguma forma de popularidade. Se não forem as paradas, então é a História. Ele quer passar para a História como alguém que marcou seu tempo, sua geração.

▶BIZZ — *Por que há sempre uma canção em português nos discos de vocês?*

Arto — Em primeiro lugar, pela sonoridade da língua. O modo como letra e música se inter-relacionam na música brasileira é algo muito complexo, há uma ligação total, seria tolice romper essa ligação. Tantas canções extraordinárias foram escritas em português, as letras da música popular brasileira são tão bem escritas e desenvolvidas que só posso lamentar que tantas pessoas não consigam compreendê-las. Mas a beleza dessas canções, a sonoridade das palavras, eu creio que isso passa para qualquer ouvinte. Depois, é uma forma de estabelecermos uma ligação com a parte de nossa platéia que fala e compreende português. Eles podem não ser muitos, mas são importantes para nós.

▶BIZZ — *Quais são as chances reais de um artista estrangeiro se estabelecer nos Estados Unidos?*

Peter — Eu sou europeu e diria que aqui em Nova York pelo menos, pode ser até uma vantagem você ser um músico estrangeiro, é uma coisa que diferencia você dos demais.

Arto — Muitos músicos estrangeiros tiveram sucesso nos Estados Unidos e não me refiro apenas aos ingleses. Mas muita coisa é claro, depende do artista, do quão americano ele quer parecer ou soar. De um modo geral, quanto mais estrangeiro um artista quer parecer, mais ridículo ele fica. É melhor simplesmente que ele seja ele mesmo. É verdade que o mercado americano é difícil e fechado, mas já foi pior. Também não se pode culpar os americanos por gostarem de música americana — a música americana é muito boa.

▶BIZZ — *Muitas bandas de rock brasileiras sonham em fazer sucesso no exterior. Há alguma possibilidade disso? Pelo menos aqui nos Estados Unidos?*

Arto — Possibilidade, há. Mas exige muito trabalho. Rock'n'roll é o grande trunfo do imperialismo musical americano. Eles não vão ceder assim tão facilmente. A maioria das bandas brasileiras é, de uma forma ou de outra, tributária dessa tradição. E, aqui, a competição já é feroz para os próprios americanos. Não estou dizendo que é impossível, estou dizendo que é muito difícil.

▶BIZZ — *E, novamente, a questão para essas bandas seria a escolha entre enfatizar semelhanças ou diferenças. Elas deveriam, então, ser mais brasileiras ou mais americanas?*

Arto — Mais brasileiras. Enfatizar as diferenças. Estabelecer um estilo. Chamar a atenção para a qualidade específica do seu trabalho, sua imagem. Há bandas no Brasil com capacidade para isso.

Por *Ana Maria Bahiana*, de Los Angeles

NINGUÉM CONTESTA MAIS NADA

-RAUL SEIXAS-

Luiz Carlos Murat

[illegible]

Quando, no dia 18 de setembro, Raul Seixas subiu ao palco do TCA, em Salvador, ao som dos primeiros acordes de "Maluco Beleza" foi recebido num clima de delírio total. Os velhos fãs não acreditavam no ressurgimento do mestre, normalmente avesso aos palcos: os desavisados vibravam ao testemunhar, pela primeira vez naquela noite, a revelação do verdadeiro espírito do rock n' roll, pela voz de um dos seus pioneiros em solo tupiniquim. Era para ser um show de Marcelo Nova, estreando ao lado do novo grupo — mas quem roubou a noite foi o Maluco Beleza.

"Foi incrível, aquilo veio abaixo", relembra Raul, emocionado, mas nem um pouco surpreso. Afinal, a cumplicidade com o público sempre foi um traço característico na sua carreira. Não é de hoje que Raul observa o culto crescendo a seu redor. Um culto que sobrevive, apesar da baixa execução nas rádios, do descaso da imprensa e dos quatro anos em que ele se manteve afastado dos palcos "numa fase de reciclagem". Um culto que sobrevive à margem da ascensão e queda do rock nacional, atravessando incólume a onda brega que assola o país.

"O lance com o Marcelo foi de última hora mesmo, a gente estava jantando e ele me convidou para o show, que era no dia seguinte." Uma união passageira? Nem tanto. Durante o mês de outubro, Raul acompanhou Marcelo em vários shows em São Paulo. E não está descartada a possibilidade de um disco com as parcerias da nova dupla — a primeira delas, "Muita Estrela pra Pouca Constelação", está em *Duplo Sentido*, o último do Camisa. A associação com o ex-líder do conjunto baiano é, porém, a única concessão à geração atual do nosso rock, que ele prefere ignorar. "Os conjuntos que estão aí não fazem a minha cabeça, as letras são muito fracas. Houve uma regressão muito grande na MPB, só agora tá melhorando. Uma coisa que eu sempre gostei foi 'Inútil', não sei de quem é."

Se Raul não tem ouvidos para o rock nacional, a recíproca não é, de modo nenhum, verdadeira. Prova disso é a regravação de "Como Vovó Já Dizia", incluída no novo LP do cultuado (pela crítica) DeFalla, já um hit nas rádios alternativas do país. Para esse cover, o grupo chegou a samplear o refrão da versão original — procedimento vetado pela gravadora, receosa de um processo que poderia ser movido pela editora de Raul. "Achei a versão deles interessante, pelo menos fizeram um arranjo completamente diferente do meu, bem original. Essa coisa de samplear eu acho uma última ideia."

A volta de Raul aos palcos acontece no momento em que este se prepara para mergulhar de cabeça na divulgação do novo disco, *A Pedra do Gênesis*. O nome — "a pedra que deu início à humanidade" — não poderia ser mais apropriado. Ao lado da capa, há uma foto de Raul há cinco anos, segurando um livro de magia. E, com várias referências mais ou menos explícitas ao longo do vinil, ele representa a volta ao passado, mais especificamente a 74, ano de lançamento de *Gita*, o LP que trazia o hino "Sociedade Alternativa". No novo álbum, ela reaparece como uma música incidental em "A Lei" — esta uma adaptação livre da carta que dita as leis da sociedade esotérica a que Raul se ligou em meados dos anos 70. "A Sociedade Alternativa sempre esteve presente na minha vida. Em todos os shows eu canto essa música e aproveito para ler os princípios da sociedade. São as leis do ser humano, pela liberdade do homem, contra as ditaduras." O romantismo de "Gita", até hoje o maior sucesso do cantor, está presente em "Lua Bonita", uma delicada declaração de amor de autoria de um desconhecido compositor nordestino. "Ela foi composta em 55, quando o Zé do Norte tinha apenas 14 anos. Ele só fez essa música mesmo, mas é uma obra de arte."

Quem acompanha de perto a trajetória de Raulzito vai reconhecer pelo menos três faixas desse lançamento: "Check-up", "Não Quero Mais Andar na Contramão" e "Senhora Dona Persona", todas previstas para entrar no disco anterior — mas que ficaram de fora por causa da intervenção de uma velha conhecida nossa, Liberada pela Censura, "Não Quero..." (uma versão de "No No Song" de Hoyt Axton, incluída num disco de Ringo Starr) já andou sendo executada pelas FMs. "Check-up" foi apenas parcialmente liberada: nomes de remédios como Diempax e Valium 10 tiveram que ser substituídos por apelidos fictícios. Será que Raul vai poder respirar tranquilo, agora que o fim da Censura foi oficialmente decretado? "Não creio, não. Entra governo, sai governo, continuam as mesmas pessoas censurando lá em Brasília. Isso não vai terminar nunca."

Raul Seixas está deixando a sua gravadora a Copacabana, irritado com o descaso com que o seu trabalho vem sendo tratado. "É uma gravadora de música caipira, fiquei meio perdido lá. Eles não sabiam trabalhar o meu disco." Com tudo praticamente acertado com uma nova companhia — o nome, ele prefere não revelar por enquanto —, finalmente Raul espera colocar em prática um sonho antigo: registrar no vinil gravações ao vivo de seus shows, desde o início da carreira. "Tenho fitas gravadas desde 59, com shows, ensaios, entrevistas... Só raridades." Todo esse material deverá ser condensado em quatro discos, num pacote imperdível para os fãs. Há ainda um livro, com fotos, letras de música e uma autobiografia, que já deveria ter saído no ano passado. Só que nenhuma editora se interessou em lançá-lo.

Apesar de tanta atividade, o "Chuck Berry Brasileiro", como gosta de ser chamado, não esconde o desânimo diante dos acontecimentos mais recentes, especialmente no campo musical. Lennon, um de seus maiores ídolos com quem teve a oportunidade de se encontrar, acaba de ser assassinado pela segunda vez. "É muito fácil falar de quem não está mais aqui. Esse Albert Goldman é um sensacionalista. Eu estou mesmo é preocupado com a reação de Yoko." As grandes paixões de Raul continuam no passado, principalmente na década de 50, época do nascimento, apogeu e morte do rock'n'roll. Porque, para ele, tudo acabou em 59. "O que vem depois é twist, pop, qualquer coisa... mas não é rock. Não tem mais aquela coisa de movar no comportamento." Nenhuma possibilidade de uma nova revolução? "Não. A arte é o espelho social de uma época. E não tem nada de novo em termos de comportamento rolando por aí. Ninguém contesta mais nada nem aqui nem lá fora. Então existem músicas esparsas, sozinhas, mas nada que encoraje a juventude para uma mudança radical." *Marisa Adán Gil*

Divulgação

O ANJO CAÍDO

(O emissário dos infernos? Ou tanto faz? O fato é que Nick Cave não saiu dos jornais em 88. Problemas com a justiça, o LP* Tender Prey *(que chega aqui em dezembro), o livro* King Ink: *tudo foi motivo. O dossiê completo está nas próximas páginas

Isolamento, loucura e morte — poucos foram os artistas de rock que conseguiram trabalhar esta estranha tríade temática de forma tão intensa e despojada quanto o australiano Nicholas Cave. Com ele, o famoso "tudo é permitido", de Nietzsche, não permaneceu na retórica; através dele, o sofrimento e a crueldade viriam encontrar o veículo ideal para sua expressão.

Nick *The Singer, the black Crown King* é *connaisseur* do caos e dos abismos efervescentes. Foi necessário esperar cerca de quinze anos para que sua obra pudesse sair do âmbito de um restrito círculo de iniciados e passasse a contar ao menos com uma divulgação adequada. Tal mudança não adveio, felizmente, de concessões ou diluições, mas de suas múltiplas intervenções nos campos do cinema, literatura, poesia e teatro. Falaremos um pouco disso, mais tarde.

Ao que consta, tudo começou em Melbourne, no ano de 1973, quando nosso anti-herói iniciaria uma fecunda e duradoura colaboração com o guitarrista Mick Harvey. Não tardou muito e a dupla se transformou no núcleo de um grupo, o Boys Next Door, ao lado de outros anônimos rockers locais. Mesmo sem maiores pretensões, o Boys Next Door chegou a ter alguns discos editados pelo selo independente Mushroom. Destes, *Door Door* é o que se mostra mais interessante, exibindo uma música bem agressiva, é verdade, mas que ainda se deixa prender, em termos de arranjos e estrutura melódica, ao modelo do rock tradicional. De qualquer forma, a voz abissal de Cave já chamava a atenção, como que anunciando o pesadelo que estava por vir.

Na virada da década, o Boys Next Door mudou seu nome para Birthday Party — numa alusão a uma passagem do romance *Crime e Castigo*, de Fedor Dostoievski. É através desse dado que uma série de fixações na produção de Cave — miséria, sexo degradante, brutalidade, crime, dor, culpa, comiseração e expiação — poderá ser melhor entendida. Assim como o personagem Raskolnikov, Cave a partir daí, se entregará a toda sorte de tormentos, numa tentativa de negar a ordem moral, na mais pesada das barras pesadas.

Depois de emigrar para a Inglaterra, o Birthday Party teve de rolar por algum tempo no circuito underground londrino antes que alguém lhe proporcionasse acesso ao vinil. Naquela época, é bom lembrar, não havia Men at Work, INXS ou coisa que o valha que pudesse indicar a iminência do boom de bandas australianas que se viu nos anos seguintes. Foi a então nascente 4AD que teve a coragem de bancar Cave & cia. lançando em 81 o LP *Prayers on Fire*, o primeiro disco da banda a contar com distribuição internacional.

Uma espécie de equivalente sônico dos *Cantos de Maldoror* de Lautréamont, *Prayers on Fire* prima pelos sucessivos climas abrasivos: aí se encontram as hoje clássicas "A Dead Song", "Zoo-Music Girl" e "Nick the Stripper", onde uma maçaroca de guitarras e instrumentos de sopro regurgita uma papa de notas retorcidas sobre Cave, que, por sua vez, urra aos céus, tragado por um redemoinho existencial de proporções incomensuráveis. Algo assim só tinha sintonia com o nauseante industrialismo do Throbbing Gristle e o noise do Faust, e, obviamente, não seria compreendido de imediato.

Em circunstâncias até hoje pouco esclarecidas, o Birthday Party dissolveu-se em 1983. No entanto, seus despojos, especialmente o material registrado ao vivo, continuam — em plena era *noise* — suscitando espanto e controvérsia. É o caso do miniLP *Drunk on the Pope's Blood* (co-dividido com a devassa musa da no wave, Lydia Lunch), cuja audição foi adequadamente descrita por uma nota na contracapa como "dezesseis mãozinhas no inferno". Violência mais absurda só mesmo em *It's Still Living*, uma edição póstuma da gravadora australiana Missing Link, que captou o BP no Astor Theatre, em Melbourne, numa noite em que até o capeta pediu arrego. O es-

carceu traz "King Ink" (reconhecida por Cave como uma das mais importantes composições da banda) como abre-alas, evolui com os rolos compressores "The Dim Locator" e "Release the Bats" e se consuma — reverenciando os Stooges — quando Cave anuncia: "Esta musica que nós vamos tocar agora não é 'Loose', nao é 'No Fun', não é 'Search an Destroy'... Esta música é 'Dead Joe'". E é simplesmente impossível traduzir em palavras o que se segue

Fim de festa. Talvez porque sua perversidade tragicomica excedesse os ditames dos setores conservadores da midia especializada inglesa, o Birthday Party e seu mentor sempre foram relegados ao segundo plano, como se não passassem de uma caricatura malfeita, de um arremedo negativo da pop music. Magoado com as críticas, Cave saiu do país e desapareceu, só ressurgindo um tempo depois, já em Berlim, onde viria a gravar o LP *Burnin' the Ice* com o grupo Die Haut, em 83. Ai, sem residencia fixa, recebendo de sua gravadora apenas o suficiente para as despesas com alimentação e outras necessidades basicas, ele encarnaria o típico outsider — "um estranho numa terra estranha", sem domínio do idioma, sobrevivendo à custa de expedientes como o carteado e esporadicas atuações como DJ em casas noturnas

Em meados daquele ano, a convite do velho amigo Mick Harvey, ele retomaria sua saga junto a uma nova formação, os Bad Seeds, que além do citado partner — agora deslocado para a bateria — incluia o não-guitarrista Blixa Bargeld (a mola-mestra do Einstürzende Neubauten), Barry Adamson (ex-baixista do Magazine), a poetisa Anita Lane e o guitarrista Hugo Race

Ainda que, em conformidade com o BP, os Bad Seeds continuassem lidando com o lado sórdido da condição humana, a forma de atuação desta banda se dava por outras vias. Para começo de conversa, ensaios regulares eram coisa rara. Segundo, cabia a cada membro empregar seu instrumento da maneira que julgasse mais apropriada a suas canções. Terceiro e último, em vez de amenizar, a diversidade de background dos músicos acabou por acentuar ainda mais a "estranheza" das letras de Cave

From Her to Eternity (84) foi o álbum que marcou o debut dos Bad Seeds no selo Mute. Da autoria do canadense Leonard Cohen, a faixa "Avalanche" abre o lado 1, marcando o desencadear de uma sistematica releitura de composições alheias. Além dela, há de se destacar "Well of Misery" — um blues (!) que resgata o velho padrão de chamada e resposta —, a faixa-título e "Wing off Flies", uma ominosa parceria com seu piradissimo compatriota Jim Thirwell, aliás Clint Ruin, aliás Foetus, aliás... Num rasgo de lucidez, os críticos do *New Musical Express* colocaram o LP na lista dos melhores do ano.

Refinando seu ofício, os Bad Seeds retornariam em 85 com *The Firstborn Is Dead* um disco que pode ser caracterizado como o primeiro (e talvez único) álbum de minimalblues da história. Expondo os ossos brancos da tradicional musica negra do sul dos USA, particularmente a do mestre John Lee Hooker, o fruto gerado pelas "sementes ruins" trazia ainda dentro de si o humo do folk, do country n'western e do gospel

E foi referenciando-se no tragico nascimento de Elvis Aaron Presley — Jesse, seu irmão gemeo, morreu durante o trabalho de parto — que Nick Cave não só batizou o disco como também compôs "Tupelo", uma pequena obra-prima. Introduzida por trovoadas e ruídos de chuva torrencial, e embalada por uma letra repleta de premonições e citações do Velho Testamento, "Tupelo" acaba sendo a definitiva narrativa do nascimento desta besta chamada rock'n roll

The Firstborn... não se esgota com "Tupelo". "Knocking on Joe", por exemplo, é uma balada lugubre que se arrasta em *slowmotion* por mais de sete minutos, descrevendo os métodos desesperados que os prisioneiros das penitenciárias americanas usavam para evitar os trabalhos forçados — esmagar os dedos, as maos, os pés... As cinco faixas restantes nao ficam atrás em termos de morbidez

A prospecção arqueológica dos Bad Seeds atingiu o ápice com a gravação de *Kicking Against the Pricks* (lançado no Brasil em 87), uma inacreditável coleção de covers que revisitava o doo wop ("Jesus Met the Woman at the Well"), baladas lacrimogêneas ("By the Time I Get to Phoenix", "Something's Gotten Hold of My Heart") e blues funéreos ("I'm Gonna Kill That Woman", "Muddy Water") com igual desenvoltura. O disco marcou a estréia do baterista Tommy Wydler (também Die Haut) e a derradeira aparição de Tracy Pew, o soturno cowboy tatuado do Birthday Party, tocando baixo em "Hey Joe". Pew morreria em novembro de 86, vítima de um status epilèptico, justamente na ocasião em que era anunciado outro LP dos Bad Seeds, intitulado *Your Funeral ... My Trial*. Lançado num curioso formato (2 discos de doze polegadas, gravados em 45 RPM), *Your Funeral... My Trial* pareceu querer reiterar as acusações de misoginia que muitos imputavam a Cave. Um expert na elaboração das chamadas *murder ballads* desta feita ele caia matando (literalmente) em "She Fell Away", uma angustiada história de amor que termina quando a garota "passa para a melhor", numa noite impregnada de álcool e pólvora. Também as capas internas foram alvo de polémica. Enquanto uma exibia o desenho de uma prostituta com as pernas entreabertas, a outra mostrava Maria Madalena segurando uma toalha na qual se via o rosto de Jesus Cristo impresso por seu próprio sangue — o sacro e o profano postos lado a lado, mais uma das obsessões do compositor.

Eu dediquei o disco a Pixote porque talvez seja o melhor filme que já vi na minha vida. Eu planejava conhecê-lo quando fosse ao Brasil. Não sou uma pessoa com consciência social mas essa história me afetou muito

Após um ano de silencio absoluto, Cave voltaria em ponto de bala, reformulando os Bad Seeds com a guitarra mexicana de Kid Congo Powers (ex-Cramps, ex-Gun Club) e os teclados do alemao Roland Wolf. A nova banda foi testada e aprovada no single "The Mercy Seat", um vertiginoso mantra sobre a angustia de um prisioneiro prestes a morrer na cadeira elétrica, e que serviu de aperitivo para o novissimo album *Tender Prey*. Paralelamente, um subito interesse pelo Birthday Party fez com que a 4AD desenterrasse de seus arquivos os antologicos *Junkyard* e *Prayers of Fire*, reeditando-os, pasmem, em CD. Responsável pelo catálogo que abriga as sessions do DJ John Peel, a Strange Fruit não deixou por menos e soltou um EP da banda com gravações de 1981

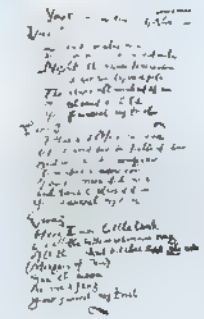
1988 também marcou a estréia de Cave nas telas de cinema. Como fã apaixonado de rock, o diretor Wim Wenders sempre fez questão de incluir bons representantes do gênero — Chuck Berry, Canned Heat, Ry Cooder — como trilha ou musica incidental em vários de seus filmes. Seu último longa, *As Asas do Desejo*, não foge à regra. Além da canção "From Her to Eternity" acompanhar os créditos, numa de suas cenas, o protagonista entra num bar e — surpresa! — dá de cara com os Bad Seeds em ação. Já em *The Ghosts... of the Civil Dead*, do cineasta australiano John Hillcoat, Cave representa um prisioneiro psicopata, participa do roteiro (com Hugo Race) e é responsável pela trilha, junto a Blixa Bargeld e Mick Harvey, cantada por Anita Lane

E, como se isso ainda fosse pouco, a editora Black Spring se dispôs a lançar dois livros escritos pelo moço: *King Ink* e *And the Ass Saw the Angel*. O primeiro, lançado em maio deste ano, traz, em suas 150 paginas, pequenas peças de teatro (co-redigidas com Lydia Lunch), textos em prosa, letras de musica e um brilhante ensaio sobre o Einstürzende Neubauten. No início do ano que vem, sai *And the Ass ...*, um romance que trata dos revezes de um certo Euchrid, um alienado mental que vive numa comunidade primitiva, regida por um deus implacável criado pelos proprios habitantes do lugar. Passivo no princípio, Euchrid vai paulatinamente modificando-se, até que passa a agir com uma violência sem limites, desafiando a ira divina e suas punições. Quem ouviu trechos da obra da boca do proprio autor num recital em Sydney garante que gostou e nao faltaram sequer nobres comparações — Flannery O'Connor e William Faulkner — a seu favor

Ao sucesso? Não e nao. Embora aparentemente cansado de ser apenas mais um cantor de rock, Nick Cave persiste em sua senda, eterno cronista do caos e da desordem. Os miseráveis, os vencidos, os malditos e humilhados agradecem

Arthur G. Couto Duarte

A VOZ



BIZZ — *O que você está achando de ir ao Brasil?*

Nick Cave — Estou muito excitado. É um dos únicos lugares do mundo a que eu realmente tenho vontade de ir. Quero mesmo conhecer o Brasil, isso é sincero, nao é papo promocional. Talvez eu vá morar aí, depende do que encontrar. Eu não sei praticamente nada a respeito, só sei que as pessoas são quentes e receptivas

BIZZ — *Você sabia que tem muitos fas aqui?*

Nick — Não. Eu espero que o público goste do show. Não decidi ainda, mas provavelmente vamos tocar músicas de todos os discos

BIZZ — Tender Prey *é dedicado a* Pixote, *certo?*

Nick — Eu dediquei porque *Pixote* é talvez o melhor filme que já vi na vida. Estava em Berlim quando soube que ele tinha sido morto. Planejava conhecê-lo quando fosse ao Brasil. Não sou uma pessoa com consciência social, mas essa história me afetou muito.

BIZZ — *Fale um pouco sobre seu último disco,* Tender Prey

Nick — Eu fiquei surpreso com as críticas, eles dizem que é meu disco mais positivo. Para mim foi o mais desesperador, as gravações — em Londres, Berlim e Paris — foram caóticas. Nenhum estúdio queria trabalhar com a gente, por uma série de razões. Cada dia eu mudava de opinião sobre as canções, havia várias idéias musicais rolando. Isso se reflete no vinil, tem vários estilos diferentes, nós quisemos que cada faixa fosse diferente. Nesse sentido, ele é parecido com *Kicking Against the Pricks*

BIZZ — *Você tem planos de encenar as peças que estão no* King Ink*?*

Nick — Algumas companhias se interessaram, mas as companhias não têm dinheiro e, para encená-las, elas precisam de auxílio do governo. Para isso o governo tem que ler as peças. Então, eu acho que elas nunca vao ser encenadas, elas não sao muito comerciais

BIZZ — *Como estão os seus problemas com a lei?*

Nick — Eu sempre tive problemas com a lei. O que aconteceu agora foi que eu tinha duas opções: ou ia para cadeia ou passava algum tempo numa clínica. Eu escolhi a segunda e esse tempo na clínica foi bom para mim.

BIZZ — *Por que as referencias bíblicas sempre aparecem no seu trabalho?*

Nick — Não sei, acho a Bíblia interessante. Eu sou muito mais religioso hoje do que quando era criança

BIZZ — *O que você acha das bandas australianas?*

Nick — Eu nunca fiz parte da *australian wave*. Nós nunca fomos queridos na Austrália. Eu não conheço muitas bandas, nos já deixamos a Austrália faz tempo e não tenho nada a ver com essas bandas. O Midnight Oil eu ouço faz tempo, mas o Church eu nao sei o que está fazendo agora.

BIZZ — *Você gosta do Midnight Oil?*

Nick — Nao

BIZZ — *Por que você acha que Wim Wenders te escolheu para fazer* As Asas do Desejo*?*

Nick — Eu sempre gostei dos filmes do Wenders. A nossa parte foi rodada em um ou dois dias, mas participar do filme foi *great*. Acho, porém, que foi pelo fato de morarmos em Berlim, ou talvez tenha a ver com as idéias que estao por trás do nosso trabalho.

BIZZ — *E sua experiência de ator em* Ghosts... of the Civil Dead*?*

Nick — A experiência como ator foi boa, mas difícil. Foi aí que eu percebi o quanto é difícil fazer cinema, as coisas têm que ser rápidas, não dá tempo de ficar repetindo. A minha parte foi completamente improvisada. Eu ficava sentado na minha cela e tinha uns minutos para colocar a minha fala, e foi isso. E no roteiro eu participei muito pouco

BIZZ — *Você se identifica com o personagem superautodestrutivo?*

Nick — Ele é um *outsider*, um cara que perturba as pessoas, que sempre arruma encrenca aonde quer que vá. Eu acho isso muito interessante, eu me identifico um pouco com ele.

BIZZ — *Você gostaria de trabalhar como ator de novo?*

Nick — Sim, eu gostaria. Será que no Brasil não tem um papel para mim?

Marisa Adán Gil

We Invented The Future

1989

MAIS UM DISCO REVOLTANTE DE BOM

. LANÇAMENTO EXCLUSIVO NO BRASIL, PARA O NATAL EMI

SIOUXSIE SIOUXSIE SPUTNIK

2ND ALBUM ★ DRESS FOR EXCESS

ENTREVISTA

PATTI SMITH

O SERENO RETORNO DA MUSA INCENDIÁRIA

Numa tépida noite de verão em Florença, em 79, Patti Smith fez seu último show. Desfilou para o público hits como "Horses" e "Gloria" e saiu serenamente para o exílio que iria durar nove anos. Hoje, casada e com dois filhos, ela resolveu sair da toca e lançar* Dream of Life. *Aqui, em sua primeira entrevista na década de 80, a* Chris Roberts, *do* Melody Maker, *ela fala da ausência e do retorno

Ameaça e prece, como disse Jean Genet, use ameaça e prece

'Hmmm, eu gosto disto, ainda gosto

No Japão, em 77, Patti Smith disse. "Todos dizem que tudo acabou... a arte acabou, o rock morreu. Deus morreu. Foda-se! Esta é a *minha* vez na vida. Estou aqui agora e quero que o agora seja o melhor tempo de todos. Esta é a *minha* Era Dourada... Se cada geração percebesse que o tempo de grandeza é agora mesmo, quando estão *vivas*."

E em 88? A arte está viva? O rock esta vivo?

"Bom, *eu* estou viva, ainda. E tenho dois filhos no mundo. Obviamente acredito tanto no poder do indivíduo quanto no poder do coletivo, e, sabe, sempre vai haver *alguém*. A coisa está viva porque há um bebê que daqui a quinze anos vai fazer ficar viva. Na arte, quem manda é o indivíduo."

Parece que você hoje em dia prefere mais a música clássica.

"Um pouco. Às vezes prefiro nada de música. Pode ser John Coltrane. Pode ser um enorme desejo de ouvir "Purple Haze" ou de ouvir o silêncio. As ondas estourando. O mar."

"O que eu sinto sobre o rock .. Eu vi ele nascer, nasci no final dos anos 40 e vi os 50, vi Little Richard, vi a chegada de tudo, todas as mudanças. Quando eu era jovem, no começo dos anos 70, eu me *preocupava* com ele, pensava que ia desaparecer ou se dissolver, ou se transformar em um brilho ou algo assim. Mas *sobreviveu*. Com ou sem mim, *vai* sobreviver também. Em todos os campos sempre surge alguém para quebrar tudo."

"Não tenho o mesmo fascínio com isto. Quando eu era mais jovem eu realmente me divertia fazendo coisas, gostava de atenção. Mas neste ponto da minha vida eu acho isto um pouco *frívolo*... Você entenderia, se fosse mãe.."

Leitores: eu não sou mãe.

"Tudo pode ter valor se for usado corretamente, mas a maior parte do tempo trata-se de um montão de indulgências."

Então *por que* você voltou ao jogo vicioso?

"Estou fazendo algumas coisas que considero que valem a pena, mas não me considero de volta ao "jogo". São umas poucas horas, e acabou. Não estou interessada mesmo no jogo da carreira. Eu e Fred temos sorte de ter uma saída para nosso trabalho, mas se não der certo temos outras coisas para fazer. Meu mundo não gira em torno destas coisas."

Você vê seus discos antigos com nostalgia? Você *gosta* deles? Você gosta de você mais jovem?

"Uma parte eu gosto, uma parte vejo com nostalgia, mas não me sento para ouvi-los. Coloquei neles os melhores sentimentos e por isto fecho com eles, tenho orgulho deles. Não quer dizer que os ouça. Gosto de *Gosth Dance*."

Chegamos a Nova York sabendo que temos a chance de conseguir a primeira entrevista com Patti Smith na década. Talvez ela fale com o Los Angeles Times. Ela não quis falar com *Time*, *Life* e *Rolling Stone*. E todo o resto. Com certeza, não está correndo atrás de atenção.

"Em uma época de montões de entrevistas e não quero mais entrar nessa", ela diz. Patti Smith tem 42 anos, é casada com Fred Sonic Smith (do grupo MC-5) e tem dois filhos, Jackson e Jesse. Eles vivem em Detroit.

Patti Smith foi uma poetisa andrógina revolucionária que se tornou a mais autêntica sacerdotisa do rock dos anos 70. Ela ousou onde outros vacilaram. Seu primeiro LP, *Horses*, ainda não foi igualado em verve, sacadas, melancolia e uma exuberância irrequieta. É melhor que o primeiro LP do Velvet Underground. É melhor que qualquer coisa. "Land" é a faixa mais excitante que já foi gravada. "Gloria" e

"Você não vê, quando olha para mim, que eu nunca vou acabar, transcender, transcender..." — ("Radio Ethiopia", 1976)

"Free Money", as mais edificantemente românticas; "Break It Up", a mais torturada.

E há ainda "Lest's Get It On", de Marvin Gaye, e "Horses", de Patti Smith, e o que ela escreveu é o estado da arte até hoje. Sem Patti Smith, a mulher no rock seria ainda a dançarina go-go e haveria um imenso abismo entre o agressivo e o afetado. O punk não teria sido desarticulado. As guitarras ainda serviriam para aprender acordes. Cantar seria emitir as notas "corretas".

Uma Mona Lisa, uma Joana D'Arc, ela foi a mais alucinatória e inspiradora performer ("Nós sabemos como dar nossas vidas todos os dias", Rimbaud). Seus discos subsequentes, *Radio Ethiopia*, *Easter* (antes do qual ela quebrou o pescoço caindo do palco e escreveu o livro *Babel*) e *Wave* ficaram mais fortes e mais amplos, mais intensos e mais apropriadamente à esquerda com o passar dos anos. Depois de *Wave* ela desapareceu, com Frederick dançando descalço. Depois de nove anos ela ressurge com *Dream of Life*, um lindo LP que substitui a velha e irrepreensível metralhadora por uma serenidade transcendente.

Serenidade?

"Eu não sei o que esta palavra quer dizer.."

Dream of Life é um novo no no mapa, um lago, um redemoinho latente. Temos muita sorte. O profano se tornou sagrado.

Na Hit Factory, estúdio onde foi gravada a maior parte do LP, Patti concordou em filmar uma entrevista para sua gravadora, a Arista. A gravação circulará pelo país, e assim ela poderá ficar em casa com a família. Se der tudo certo, conseguiremos nossa entrevista antes que ela saia. Não é muito garantido. Especialmente quando ficamos sabendo que seu velho amigo, o conhecido fotógrafo Robert Mapplethorpe, está morrendo de Aids em um hospital. Ela acabou de chegar de uma visita e está, portanto, compreensivelmente preocupada.

Patti Smith, uma rara lenda, é uma das poucas pessoas no mundo com quem nunca conversara o bastante. Ela irradia uma beleza única, uma beleza da mente e da vontade. E ela uma vez escreveu: "Tudo é uma merda. A palavra arte deve ser redefinida". Ela também escreveu: "As trombetas. O som incansável. Olhar para você. Eu quero cortar todo o meu cabelo e tomar uma droga e outra droga. Amor. Monocaina. Descasque todas as minhas camadas, pele após pele, de película translúcida."

Patti grava sua entrevista para a televisão. TV, Patti, é uma coisa curiosa..

"Eu nunca assisto. Agora assisto. Não continuamente. É a história do ovo e da galinha. Ela está mudando o mundo e esta constantemente sendo mudada por causa do mundo. Às vezes tudo se parece com um gigantesco music video. Eu gosto de ver as notícias e gosto quando passam velhos filmes de artes marciais rituais. Kung Fu. Não gosto das coisas da Máfia. E amo os filmes de Sherlock Holmes. Qualquer um deles. Por isso tem valor como entretenimento. Eu *sei* que ela tem milhões de coisas terríveis."

A TV avisa que estão rodando. O que você fez nestes últimos nove anos?

"Nove anos em 90 segundos?"

Claro. Dez segundos para cada um.

"Bom, para ser bem rápida, foram nove anos muito prolíficos. Fred e eu nos casamos, fizemos muitas viagens e tivemos aventuras interessantes, fomos para a Guiana Francesa, tivemos nosso filho Jackson. Ambos perseguimos nossos estudos pessoais. Escrevemos música juntos; é uma coisa que ele sempre faz. E eu escrevi bastante, quatro ou cinco livros, sobre a Guiana Francesa, o mar, toda espécie de coisas. Foram bons nove anos, cheios de construção e reflexão."

Que levaram a *Dream of Life?*

"Suponho que se possa dizer isto. Levaram a uma porção de coisas."

Dream of Life é tão gratificante para você quanto os discos anteriores? Quanto? Mais? Menos?

"É um tipo diferente de satisfação. Se uma pessoa coloca um trabalho num planeta como o nosso, bombardeado por nove milhões de toneladas de trabalho, então deve ficar *pelo menos* orgulhosa dele. A diferença deste LP é a alegria de tê-lo feito como uma coisa una com meu marido e de ter nossos pensamentos fundidos em um. Isto para mim é especialmente maravilhoso. Estou feliz."

Como você consegue combinar ser uma dona de casa e uma artista?

"Acredito que um artista é um artista, está no sangue e não se pode impedir. Você simplesmente *é*. A mesma coisa acontece com uma mae. Eu não tenho de combiná-las, eu *sou*. É minha busca. Se eu estou cuidando das crianças, tenho ainda meus pensamentos, não?"

Não se perde a intensidade?

"No meu caso, não. Mas só posso falar por mim. Se algo se perde em intensidade de forma superficial, certamente há um ganho em *clareza*. É uma troca justa."

A música é um meio de expressão satisfatório para você?

"Sim, se você consegue comunicar o que pretende. A única coisa insatisfatória é um mau trabalho. Se você fizer um bom trabalho, pode ser um livro, um desenho, pode ser alguma coisa que ninguém nunca vá ver, um sonho, uma revelação privada..."

E importa se ninguém o vê?

"É importante, mas não é tudo. Acho que todo artista deseja ver a fruição de seu trabalho, gosto de vê-lo exposto. Não há como evitar isto."

O senhor e a senhora Smith foram recentemente a um concerto de Beethoven com a Detroit Symphony Orchestra. Quando era criança, Patti sonhava em ser cantora de época, antes do sonho de ser bombeira e enfermeira. "Meu pai me comprou uns discos de Puccini quando tive escarlatina." Ela ama Maria Callas e Art Pepper. Os únicos discos pop dos quais ela consegue se lembrar são "Man in the Mirror" (Michael Jackson), "Into the Groove" (Madonna) e "Time After Time" (Cyndi Lauper). Destes ela gosta.

E o que há por trás do novo LP?

"Fred e eu temos uma tapeçaria bem definida de ideologia pessoal. Ao ter um filho eu certamente ganhei outra fonte de inspiração, mas o que nós discutimos é o sofrimento, o meio ambiente, Afeganistão, Romênia — para onde você olhar vai ver corações partidos. É por isto que escrevemos uma música otimista como 'People Have the Power'. É maravilhoso que estejamos tomados por uma chama. Não podemos desistir, não podemos nos esconder em uma concha e começar a ver o noticiário como se estivéssemos vendo uma novela. Já foram escritas muitas outras músicas como esta, e muitas outras serão escritas ainda."

"Eu estava sonhando em meus sonhos, Deus sabe, uma visão mais pura/E enquanto me entrego a meu sonho, eu consagro este sonho a você" — ("Dream of Life", 1988)

Paul Cox/LFI

Das outras novas músicas, "Where Duty Calls" é uma canção de lamentação pró-humanitária — "dá quase para ver a mulher de negro chorando por seus filhos". "The Jackson Song" é uma cantiga de ninar; e "Up There Down There" foi gravada no dia em que Andy Warhol morreu.

"Eu liguei para Mapplethorpe para falar sobre umas fotos e ele me disse: 'Andy morreu'. Era algo para se pensar. Para mim Andy *era* Nova York, era um espectro sobre a cidade como o Empire State Building, uma parte dela. Ele não era meu artista favorito, mas foi tão triste vê-lo partir... Na verdade, quando penso em Andy penso em seu *cabelo*."

"'Dream of Life' é na verdade tão abstrata quanto pessoal. Eu penso em meu pai falando comigo, e Jesus também disse 'eu sempre estou com vocês'."

Quao importante a religião é para você?

"Eu não me alinho como membro de qualquer religião organizada. Eu acho que o aspecto espiritual do homem é muito importante e sempre fui fascinada pelos artefatos e rituais religiosos que o homem desenvolveu. Eu não chamaria de religiao as coisa que penso. São áreas de estudo... Acho que há uma área de *possibilidade de ser* que o homem *chama* de religião. O homem precisa dos seus deuses. E *deve* lhes render homenagens."

Na capa de *Wave*, entre os pombos, você cita Rilke: "Amar o outro; esta é para o ser humano talvez a mais difícil de nossas tarefas; o último teste e prova, o trabalho para o qual todos os outros não são senão preparação..." Isto parece profético. Você o seguiu.

"É. Na época eu não sabia o que iria acontecer, mas isto indica que eu comprometi meu coração dentro de mim antes. Foi uma coisa muito boa de se fazer. Eu sei."

Você ainda é apaixonada por Rimbaud e Baudelaire?

"Eu exauri aquele período, mas ainda, de vez em quando, volto a Rimbaud, e as *Iluminações* são ainda tão belas."

Eu penso numa frase de Rimbaud: "Apenas com uma candente paciência conquistaremos a cidade que dará luz, justiça e dignidade a todos os homens". Você está nessa?

"Hum.. É muito bom."

Quer dizer que agora é paciência em oposição aos gritos radicais?

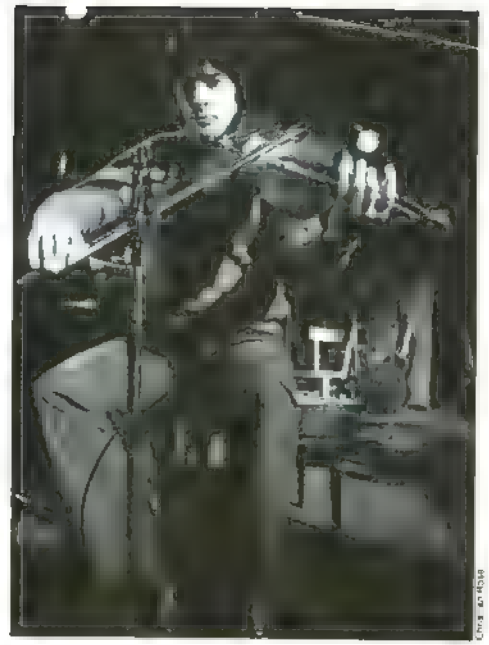
"São *ambos* necessários. Espero que não se passe a vida toda com só um dos dois. Há horas de *gritos radicais* e há horas em que a paciência é a virtude."

JOHN CALE

Claudia Thompson/Arai

A EMINÊNCIA PARDA DO VELVET UNDERGROUND

É freqüente no rock que o som de um grupo seja o resultado do sutil equilíbrio ou do choque frontal de personalidades bastante diversas. No caso do Velvet Underground, foi a dupla John Cale/Lou Reed que criou aquela incrível e aterradora mistura de experimentação cerebral e energia em estado bruto (veja também BIZZ 6 e 7/Ano 4). Depois da saída do VU, Cale principiou uma produtiva carreira como músico e produtor. Em produção, a lista é respeitável — Stooges, Patti Smith, Modern Lovers, Nico... Como músico, levou adiante um trabalho sempre imprevisível — uma formidável ponte entre sua formação clássica e seus anos caóticos na primeira banda de rock absolutamente moderna



Chris Walter

Mike Putland/LFI

BIZZ — *Como foi sua educação?*
Cale — Foi uma coisa muito restrita. Minha mãe era galesa e pertencia à igreja metodista. Meu pai era um protestante muito rígido. Aos domingos eu não podia ouvir rock'n'roll ou nenhuma música muito alto, porque as pessoas que estavam passando na rua para ir à igreja não podiam ouvir música. Coisas assim.
BIZZ — *Você não tinha toca-discos em casa?*
Cale — Não, nem pensar. Nas sextas-feiras à noite dava para ouvir a Rádio Luxemburgo, que tinha o programa do Alan Freed, e era isso aí.
BIZZ — *O que você queria ser antes de escolher a carreira musical?*
Cale — Nunca pensei em outra carreira. Inicialmente, eu queria ser regente de orquestra ou solista de viola clássica.
BIZZ — *Você foi estudar música em Londres?*
Cale — É. Estudei composição com Humphrey Serle e viola com um professor da Royal Academy.
BIZZ — *E como e por que você foi parar em Nova York?*
Cale — Bem, depois de Londres, o passo seguinte era ir para os Estados Unidos. No último ano na universidade fiquei sabendo uma porção de coisas sobre a música na América, então me candidatei a uma bolsa de estudos em Tanglewood *(N.R. — no estado de Massachusetts, EUA; é a sede de verão da Orquestra Sinfônica de Boston e centro musical de fama mundial)*. Eu teria vindo de qualquer forma, com ou sem bolsa... Ainda em Londres, eu conheci Aaron Copland *(compositor e dirigente de orquestra)* e ele me deu a maior força.
BIZZ — *Isso foi quando?*
Cale — Vim para cá em 1963, no final do ano letivo.
BIZZ — *Então isso foi antes dos Beatles...*
Cale — Foi. Nessa época os Stones já eram conhecidos e tinha muita atividade ligada ao jazz na universidade. Mas instrumentos com amplificação elétrica ainda eram muito raros.
BIZZ — *E como é que foi em Tanglewood?*
Cale — Minha bolsa era para um curso de verão — composição avançada com Iannis Xenakis. As aulas eram uma coisa esquisita... Ele ficava fazendo gráficos trigonométricos e falando de teoria das probabilidades e da possibilidade de um bemol menor ocorrer nos próximos três compassos segundo o princípio de Eisenberg... Xenakis tinha uma teoria musical — por exemplo, ele explicava que o tempo de um glissando derivava realmente dos ângulos de um edifício desenhado pelo Le Corbusier. Não tinha muito a ver com a música dele, que era fortíssima, no estilo nacionalista grego. Era um som violento, dinâmico, que ele explicava de um jeito esotérico. A gente ficava ali, sentado, de boca aberta, tentando entender o que a matemática tinha a ver com aquilo tudo.
BIZZ — *Nesta altura, você ainda não pensava em fazer música pop?*
Cale — Não, ainda não... Quer dizer, tinha qualquer coisa que não me satisfazia completamente, mas eu não sabia o que era. Quando eu fui para Nova York estudar com La Monte Young *(compositor de vanguarda)*, comecei a entrar mesmo na música de vanguarda. A teoria do La Monte era baseada numa escala diferente, o que também é bastante esquisito.
BIZZ — *Como é que você encontrou Lou Reed?*
Cale — A gente se conheceu numa festa. Nós dois tínhamos o cabelo comprido e alguém falou: "Vocês tem uma pinta bem comercial", o que quer que isso signifique...
BIZZ — *Ele já estava escrevendo letras?*
Cale — Ele tinha escrito uma coisa que chamava "The Ostrich".
BIZZ — *Como é que vocês trabalhavam? Ele escrevia as letras e você compunha a música?*
Cale — Não era bem assim. O que acontecia é que ele improvisava as letras com muita facilidade, então a gente sentava e compunha a música e depois ele metia a poesia em cima.
BIZZ — *E aquelas músicas famosas "Walk on the Wild Side", por exemplo?*
Cale — "Wild Side" é totalmente dele, é uma coisa autobiográfica.
BIZZ — *As pessoas de quem ele fala são o pessoal que era da turma de Andy Warhol... Como é que o Andy se interessou pelo Velvet?*
Cale — O Andy estava procurando um grupo para um espetáculo multimídia chamado *Exploding Plastic Inevitable*. Então ele mandou alguém dar uma volta pelos clubes e o cara encontrou a gente meio no escuro, tocando aquelas músicas sobre sadomasoquismo... Era isso que ele estava querendo.
BIZZ — *E é verdade que o Velvet Underground nunca fez muito sucesso?*
Cale — É. Na gravadora (MGM) até teve um papo na época se eles deveriam investir na promoção do Velvet ou do Frank Zappa. Acabaram decidindo pelo Zappa, porque a gente já tinha o apoio do Andy.
BIZZ — *Você foi o primeiro a deixar o Velvet, não?*
Cale — É, estávamos ficando de saco cheio. O Lou disse... Ele decidiu que eu não ia mais tocar com o Velvet.
BIZZ — *Foi uma daquelas situações de choque de personalidades?*
Cale — Bem, é que... Tem uma evolução que acontece com os grupos — quando você começa, trabalha duro, ensaia o tempo todo e vai desenvolvendo um som —, e foi assim que nós fizemos. Levamos um ano inteiro ensaiando todo dia para fazer o LP da banana *(The Velvet Underground and Nico, 67)*. Aí fomos para a estrada e viramos uma banda ao vivo — aí o que você quer é tocar rock'n'roll e fica tocando o tempo todo até ficar completamente enlouquecido. Aí você volta para o estúdio para fazer outro álbum e entra de novo na rotina de trabalhar todo dia, mas já está sem saco para fazer isso. Então acaba com um LP que é muito menos interessante — foi o caso do *White Light/White Heat* (68). O fato é que você não volta mais para sua posição inicial, nunca mais volta a pensar cuidadosamente no que está fazendo.

"Gosto da idéia de ajudar os outros. Patti Smith, por exemplo. Ela queria ser o Keith Richards, mas era essencialmente uma poetisa"

BIZZ — *Isso deve ser mais ou menos o que acontece com todas as bandas.*
Cale — Provavelmente, mas é um desapontamento que acontece com você. A gente sempre se acha mais esperto.
BIZZ — *Agora, rock'n'roll é tocar ao vivo, não? Os LPs dão grana, mas fazer um LP não é fazer rock'n'roll.*
Cale — Exatamente. Nós sentimos essa armadilha e tentamos várias coisas... Começamos tocando músicas mais longas, como "Sister Ray", para ter a possibilidade de mudar dentro da música — ter segmentos que podem ser tocados com o *feeling* do momento, para nunca encher o saco. A gente ficava improvisando e Lou acrescentava diferentes personalidades à interpretação. A certa altura, ele virava um pastor protestante do sul, em outra ele fazia o gênero sadomasoquista. Era realmente fascinante e foi isso que nos agüentou por um tempo, mas, no fim, não foi o suficiente para manter o interesse.
BIZZ — *Então você deixou o Velvet e se tornou produtor. Você não queria mais tocar?*
Cale — Eu achei que poderia produzir — achei que tinha os conhecimentos necessários para dar uma mão a outros grupos. Gosto da idéia de ajudar outros artistas. A Patti Smith, por exemplo... Ela era o caso de uma pessoa que queria muito ser uma rolling stone, queria ser o Keith Richards, mas era essencialmente uma poetisa. Então eu queria misturar esses dois lados dela e, mais ainda, preparar uma banda que tivesse todo o entusiasmo mas que nunca fizera uma gravação.
BIZZ — *E o Iggy Pop, ele era realmente louco?*
Cale — Nunca achei que ele fosse uma pessoa destrutiva. A melhor coisa dele nos shows era o humor... parecia que ele estava ameaçando todo mundo, mas sempre acabava sendo uma coisa com estilo.
BIZZ — *Seu primeiro álbum,* Vintage Violence *(69), a distância parece muito mais careta do que os LPs do Velvet.*
Cale — É. Eu estava começando como autor, indo com cuidado.
BIZZ — *Você ainda gosta desse LP?*
Cale — Era bem americano, então... LPs como *Fear* (74), *Slow Dazzle* (75) ou *Helen of Troy* (75) são mais europeus, gosto mais desses.
BIZZ — *Você sempre ficou baseado em Nova York?*
Cale — Mais ou menos. Na época dos LPs da Island eu estava morando em Londres. A perspectiva é diferente e isso se reflete especialmente nas letras. Lá tem um respeito pela língua como não se tem aqui em Nova York.
BIZZ — *Tem um álbum ao vivo muito interessante dessa época que se chama* June 1, 1974. *Como é que pintou esse LP?*
Cale — Foi uma jogada de marketing. A Island tinha todos esses artistas *(um LP ao vivo com, além de Cale, Kevin Ayers, Brian Eno e Nico. Colaborações especiais de Mike Oldfield e Robert Wyatt)*, que, individualmente, não vendiam muito e faziam mais ou menos o mesmo gênero. Então eles pensaram que um álbum com todos ia vender mais do que com cada um. E de fato foi o que aconteceu.
BIZZ — *Seus LPs vendem bem?*
Cale — Modestamente. Vendem na Europa, aqui nem tanto. Mas também a maioria não sai aqui nos Estados Unidos *(e ne-*

nhum no Brasil). Eu faço turnês, mas depois os discos não estão a venda, não serve de muito. Os únicos que foram lançados nos Estados Unidos foram o *Vintage Violence* (69) e *Honi Soit* (81). Aliás, eu acho *Hony Soit* demasiado político, muito agressivo. Estou muito feliz que as letras não tenham sido impressas na capa

BIZZ — *Você nao quer assumir posições políticas?*

Cale — Não, não desse jeito demasiado radical. Acho pouco sutil ficar falando abertamente das minhas posições. Acho que o melhor modo de fazer afirmações políticas é falando de outra coisa qualquer

BIZZ — *Você acha que o rock não deve fazer afirmaçoes políticas?*

Cale — É impossível evitar isso. O rock tem muita força, logo, é melhor ter cuidado. Não gosto de ser tão político assim. Se faço afirmações nessa área, é só de passagem. Quando vejo as pessoas como o Zappa serem tão diretos... Acho que não tem alegria nisso, não é uma atividade leve

BIZZ — *Mas seus álbuns, principalmente do período de Fear*, tambem nao têm nenhuma alegria. Você estava se sentindo assim na época?

Cale — Especialmente em *Music for a New Society (82)*

BIZZ — *Você não acha legal que o Zappa tenha uma grande atividade política?*

Cale — Acho um horror

BIZZ — *Bem, ele se preocupa com a política do país. É bom que uma pessoa que é ou vida tenha coisas interessantes para dizer*

Cale — Mas ele diz alguma coisa interessante?

BIZZ — *Há uns meses, ele deu uma entrevista em que disse muita coisa interessante Falou dos problemas da América Latina da falta de diálogo entre o governo americano e os países latinos A falta de diálogo é um dos maiores problemas*

Cale — Bem, a falta de diálogo também é um dos maiores problemas do Zappa. Ele não conversa com as pessoas. Ele fica apenas falando, polarizando, sem ouvir

BIZZ — *Mas isso não é um dos resultados de ser um star? As pessoas têm uma certa tendência a não contrariar as afirmações de quem é muito famoso*

Cale — Isso é verdade, mas não é uma explicação satisfatória para a falta de diálogo

BIZZ — *Não é uma explicação satisfatória, mas é um fato que as pessoas famosas tendem a se considerar auto-suficientes intelectualmente*

Cale — Nem todos Por exemplo, o Kris Kristofferson entra em diálogo. No caso do Lou, as coisas dele são como colocar um espelho na frente das pessoas. A imagem refletida pode nao ser muito agradável, mas não é isso que interessa O que interessa é que se cria uma situaçao de confronto, o que é até mais construtivo

BIZZ — *Você escreve as letras antes da música?*

Cale — É. Habitualmente, começam como poemas e depois viram letras Você pode escrever poesia boa que não funciona com música. Na poesia escrita há uma elegância especial, porque você nao tem que cuidar da sonoridade musical Por outro lado, a música pode acrescentar algo de novo às palavras

BIZZ — *Você gostaria de ter um hit? Passa pela sua cabeça fazer um grande sucesso?*

Cale — Eu sei que poderia tentar, mas não acho que seja o melhor modo de conseguir Quer dizer, quanto mais se tenta, menos se consegue. Ninguém sabe qual vai ser o próximo hit Só algumas pessoas nas gravadoras é que têm esse conhecimento.

BIZZ — *Mas você sabe muito de musica*

Cale — Isso não é nenhuma garantia

BIZZ — *Mas você conhece o mercado, sabe como fazer uma coisa vendável*

Cale — Vendável? Eu deveria fazer um LP de heavy metal?

BIZZ — *Eu estou dizendo tudo isso mas sempre pensei que um artista como voce está no equilíbrio certo, Você vende o suficiente para poder se sustentar mas nao tanto que precise fazer concessoes*

> **"Numa época, a posição pública do VU era defender que as drogas fossem livres mas não que fossem usadas. Era uma diferença sutil"**

Cale — Eu gosto dessa liberdade. A verdade é que fazer um hit nao é tão bom como parece. Se você faz um hit e depois volta para coisas mais inteligentes, fica meio estranho. A indústria e o publico querem que você tenha uma única imagem

BIZZ — *Você muda de músicos com muita frequencia, não? Ouvi dizer que você é muito exigente com a sua banda.*

Cale — Não sei, não. Sempre tenho problemas com a banda. Os baterístas nao sao muito bons, os baixistas são sempre maus Por uma razão ou por outra, nunca consigo uma banda como eu gostaria. Agora estou satisfeito com o baixo, mas tenho que mudar de baterista. Um dia ainda vou conseguir um grupo como eu quero — profissional, tocando direitinho

BIZZ — *É isso que você está procurando?*

Cale — É. O Chris Spedding foi meu primeiro guitarrista e a gente se dava bem porque eu improvisava muito no palco. O grupo não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo, mas o Chris segurava tudo muito bem — esse é o grande valor dele pega rapido o que vai na minha cabeça. O problema com a minha banda é que a gente sempre soa melhor ao vivo do que em disco Eu fiz um LP ao vivo (*John Cale Comes Alive 84*), mas, mesmo assim, nao é tao legal quanto no palco. No estudio, você fica mudando o material até que saia um bom take, mas isso nao quer dizer que você tenha tocado bem; quer dizer apenas que tocou o suficiente para sair uma gravaçao legal. Quando você fica na estrada tocando durante quatro ou seis semanas — aí é quando você aperfeiçoa o material

BIZZ — *Uma vez vi você ao vivo na Danceteria em NY Você estava completamente enlouquecido e teve a maior briga com o cara do som*

Cale — Eu estava levando choque do microfone Eu já tinha reclamado durante o ensaio mas o cara era um cabeça dura Imagine que a gente estava lá ensaiando uma música e ele veio até o palco e falou que nosso som era uma merda Durante o show eu fiquei tomando choque, depois tropecei Acabei realmente puto

BIZZ — *Você fez a trilha sonora de* Totalmente Selvagem, *não?*

Cale — Foi um trabalho pequeno, talvez umas seis ou sete horas de mixagem. O mais interessante era uma guitarra Midi que tinha um canal para cada corda A musica propriamente dita era uma ideia de Jonnathan (*Demme o diretor*). Ele tem um conhecimento enciclopédico de musica. A gente se conhece ha muitos anos e falamos muito sobre como sair do estilo de Hollywood

BIZZ — *O Andy Warhol era legal?*

Cale — Muito Sempre incrivelmente generoso Eu sempre tinha problemas com capas de disco e coisas assim e ele sempre encontrava uma solução Em *Honi Soit* eu é que estraguei a capa com aquelas cores, ele queria que fosse em preto-e-branco

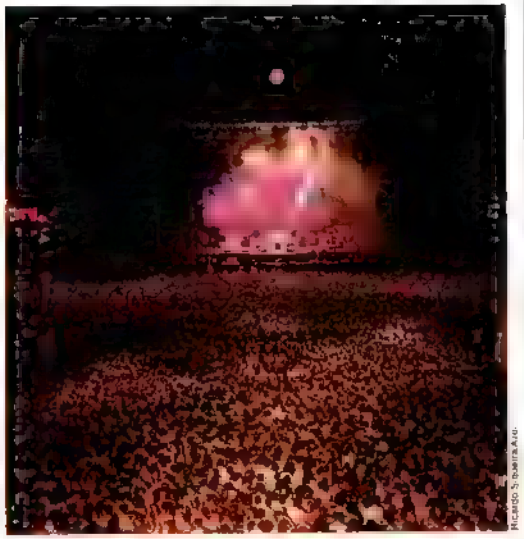
BIZZ — *As vezes vendo um artista como Lou Reed, que antes fulava de drogas, de uma vida marginal e agora está casado, com uma vida perfeitamente integrada ao sistema, fico pensando se ele não estava enganando as pessoas, vendendo mais um estilo do que um conceito de vida*

Cale — Não sei . Não sei até que ponto Lou chegou a propor o uso de drogas pesadas. "Heroin" não era uma música defendendo isso, era uma musica sobre uma pessoa que nao gostava de si propria. Havia um ambiente em volta das coisas que Lou fazia, no qual é muito difícil distinguir entre proposta e pratica. Lou teve várias opiniões sobre as drogas. Lembro que, numa época, nossa posiçao publica era defender que as drogas fossem livres, mas não defendíamos que as pessoas as usassem. Era uma distinção muito sutil

RETROSPECTIVA 88

O algarismo 8, na horizontal, é o símbolo matemático do infinito. Pelo jeito, na vertical e em dose dupla, significa marasmo... Eta ciclinho sem surpresas... A tendência para baixo, que se iniciou em 87, continuou inexoravelmente para as profundezas. Os pessimistas dizem que não tem possibilidade de reversão, os otimistas afirmam que só assim que vão aparecer coisas novas... No meio do fogo cruzado, cruzem os dedinhos pela década de 90

ILUSTRES VISITANTES



Não há dúvida: o Brasil está na rota dos shows internacionais! Abrindo o ano, o Hollywood Rock, menos megalomaníaco que o Rock in Rio e mais afinado. Lembra quem veio? Duran Duran, Pretenders, UB40, Simple Minds, Simply Red, Supertramp (exceção à regra) dividiram os palcos com os não menos sintonizados Paralamas, Ultraje, Titãs, Marina, Lulu Santos e Ira! Não parou mais: de Tina Turner a Nick Cave, de New Order a James Brown, de Toy Dolls a Mission, teve show para todos os gostos. A moçada do rap teve James Brown, Kool Moe Dee, Whodini e Kurtis Blow. Os saudosistas ficaram com Jethro Tull e Mamas & the Papas. O Iguana também marcou ponto, o príncipe das trevas Peter Murphy não faltou. Oxalá 89 seja tão (ou mais) recheado assim.

RUSH THE SHOW!

Se alguém previu que o hip hop ia ser um modismo de pavio curto, se enganou redondamente. Ganhou seu primeiro álbum duplo, *He's the D.J, I'm the Rapper*, de DJ Jazzy Jeff & the Fresh Prince, e não parou de freqüentar as paradas, tanto norte-americanas quanto inglesas. O outro lado dessa moeda foi que as gangues adotaram definitivamente o rap como trilha sonora. No filme documento *Colors — As Cores da Violência*, de Dennis Hopper, fica claro de que lado — das gangues ou da polícia — os rappers estão. Yo!

TRÊS ANOS DE BIZZ

No dia 19 de julho, a BIZZ comemorou 3 aninhos de vida com uma festança memorável no Projeto SP. Quem esteve por lá teve a rara oportunidade de testemunhar uma das melhores (senão a melhor) atuações do Legião Urbana neste ano, convidado especialmente para celebrar a data num show aberto ao público.

A idéia inicial era de que o grupo tocasse covers de clássicos do rock'n'roll. E foi o que aconteceu durante a primeira hora de show — com Renato Russo arrasando nas interpretações de "Heroes", de David Bowie, "Route 66", de Chuck Berry, "Purple Haze", de Jimi Hendrix e "Get Back", dos Beatles, entre outros. Quando muitos já davam o show por encerrado, Renato, entusiasmado com a reação da platéia, decidiu prolongar o *set*, que se estenderia até os primeiros momentos do dia seguinte. No final, o grupo começou a atender diretamente aos pedidos do público, num clima de cumplicidade geralmente impraticável num show desse porte. Um final perfeito para uma noite inesquecível.

GESTOS NOTÓRIOS E DESAGRADÁVEIS

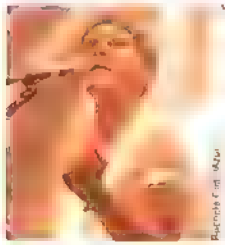
A bandeira brasileira foi alvo de contestação este ano, no que ela representa política e economicamente, pontos altos de nossa miséria durante 88. Cazuza e Renato Russo quebraram protocolos e regras e mostravam, em público e em cores, seus repúdios para com a situação. Renato Russo, no show do Legião, em abril, no Maracanãzinho (RJ), pisou numa bandeira que desembarcou no palco. Da mesma feita, Cazuza cuspiu noutra, também atirada da platéia em seu show no Canecão (RJ), em outubro.

Já o famoso beijoqueiro, graças à ingenuidade de Peter Gabriel, que o deixou subir ao palco do show da Anistia, ocupou o microfone e destilou discursos, fazendo, inclusive, campanha para o Sr. Leonel Brizola à Presidência da República, debaixo de uma saraivada de vaias e "fora!"

O FÔLEGO DO U2

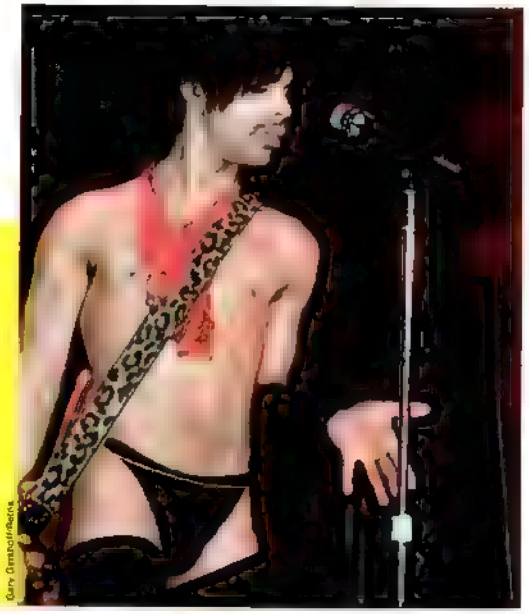
88 foi o ano do U2. Pela segunda vez consecutiva, a banda de rock mais popular desta década ofuscou com o seu brilho todas as demais. Depois da superexposição de 87, Bono e seus asseclas conseguiram se superar lançando simultaneamente um livro, um álbum (duplo) e um filme, todos com o nome de *Rattle and Hum*. Em vez de apenas registrar no vinil a turnê *The Joshua Tree*, o U2 foi mais longe e mesclou faixas ao vivo (incluindo covers) e trabalho novo de estúdio, num dos trabalhos mais complexos da sua carreira. O disco chegou aos primeiros lugares nas paradas inglesa e norte-americana e o filme promete ser uma das maiores bilheterias da temporada. Agora, é esperar que os rapazes encontrem um cantinho na agenda e incluam o Brasil em uma de suas próximas megaturnês.

Andrea D'Aquino/Paramount


Purple Rain/Warner

"Foi o meu ano
Nasci em 58. Foi o ano
em que deu tudo certo
para mim. Estou sendo
bem egoísta, mas
foi isso"
(Cazuza)

O PRÍNCIPE ESTÁ NU


Gary Gershoff/Retna

Se é verdade que Michael Jackson saiu ganhando em termos monetários, mais uma vez Prince mostrou que é o soberano dos palcos, percorrendo o mundo com uma performance ainda mais (super)produzida e vibrante do que a de *Sign O' the Times* (vista por aqui na Mostra Internacional de Cinema de SP). A turnê coroou o êxito de *Lovesexy*, um dos discos mais polêmicos de 88 — não por sua música, mas por trazer em sua capa o mago de Minneapolis nu em pelo. *Lovesexy* acabou tomando o lugar do *Black Album*, que deveria ser o sucessor natural de *Sign...* — mas acabou não saindo por vontade do próprio Prince, que cancelou o lançamento na última hora sem explicar nada para ninguém. Ironia do destino: hoje em dia, o *Black Album* (em versão pirata) é mais fácil de se encontrar (lá fora, é claro) do que *Lovesexy*, banido de várias lojas por ser considerado ofensivo à moral. De quem, ninguém sabe.

OS CAMPEÕES DE AUDIÊNCIA (AQUI)

Abril

Mesmo cercado por Rasanas e Yahoos, o rock resistiu bravamente, furando o cerco brega e colocando alguns hits entre os mais tocados do ano. As rádios, mais conservadoras do que nunca, preferiram apostar nos nomes de consumo certo — ou seja, os grupos chamados "grandes". A exceção fica por conta dos Engenheiros do Hawaii, saindo do anonimato para as paradas, com "Infinita Highway" e "Terra de Gigantes". Entre os velhos conhecidos, tivemos Titãs, com "Comida" e "Desordem". Legião com "Eu Sei", "Que País É Este", "Faroeste Caboclo" e "Angra dos Reis", e ainda o Capital Inicial, com um hit isolado, "Independência". Mais para o final do ano, os Paralamas voltaram arrasando e emplacaram duas: "O Beco" e "Uns Dias". Mas o grande surpresa ficou com Cazuza, que nunca esteve tão em evidência, nem mesmo nos tempos do Barão Vermelho. Com "Ideologia" e, principalmente, "Faz Parte do Meu Show", ele assaltou as rádios, com direito até a um especial na Globo.

OS DINOSSAUROS SAEM DAS GELEIRAS

Divulgação

Dinossauros de toda linhagem tiveram entrada livre e triunfal em 88. Do sucesso estrondoso da turnê do Pink Floyd ao álbum solo de Keith Richards (enquanto sua caramelada, Mick Jagger, saracoteava sozinho por outros palcos), do reaparecimento de Jimmy Page (com Jason, filho de John Bonham, na bateria) e de Robert Plant à virtual ressurreição de Brian Wilson, do tributo a Roy Orbison à superbanda Traveling Wilburys (Orbison, George Harrison, Bob Dylan, Tom Petty, Jeff Lynne) da volta de Patti Smith a George Harrison concorrendo entre os vídeos do ano da MTV, 88 teve umas duas ou três décadas comprimidas em doze meses.

Uma controvertida ressurreição foi a de John Lennon. Oito anos após seu assassinato, John teve sua vida e sua obra revistadas e discutidas por conta de dois projetos biográficos conflitantes — o livro de Albert Goldman, *The Lives of John Lennon*, um levantamento escandaloso e factualmente discutível da vida do ex-Beatles, e *Imagine*, livro, disco e filme comissionados por Yoko Ono (e, por conta disso, decididamente domesticados).

LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO

Columbia

A música dos anos 90 vai aboli-los? Desde a invenção do sampler, essa inquietação perpassa o planeta, mas esse ano o sucesso da house music — música exclusivamente produzida em estúdio — e do acid house — house cruzada com acid rock mais world music mais ruídos sampleados — levantou a lebre novamente. É a vez dos produtores no Olimpo da música pop? A pilhagem não pode parar...

O FIM DO ECHO & THE BUNNYMEN

Divulgação

Quem havia vibrado em 87 com a brilhante apresentação dos coelhinhos de Liverpool aqui no Brasil, teve uma grande decepção neste ano, com o anúncio do fim do grupo. Ian McCulloch já prepara composições para um disco solo que deve sair nos próximos meses. Resta torcer para que o novo trabalho de Big Mac chegue até nós — no vinil e, quem sabe, ao vivo.

METAL PRA TODA OBRA

Nos Estados Unidos, o grande fiirano das paradas, em 88, foi o heavy metal. Durante todo o ano, pelo menos seis dos cinco primeiros postos foram ocupados pela mais conservadora escola do rock, a que se julgava extinta desde 1970. Ledo engano: enquanto houver adolescentes haverá metal, e, agora, esses adolescentes querem as versões atualizadas do que não conheceram. Evidentemente, o metal que impera nas paradas, na MTV (que tem um programa dedicado ao gênero, e que roda uma massa considerável de clips nos horários normais) e até nos rádios, é o mais leve, mais domesticado, no estilo de bandas como Van Halen, Bon Jovi, Def Leppard, Guns'n'Roses, Poison, Europe e Whitesnake.

A face mais perigosa do metal, o speed/thrash, de grupos como Metallica, Anthrax e Megadeth, continua definitivamente limitada aos subterrâneos — e suspeita de ter as piores conexões com satanismo, crimes e suicídios juvenis (mais uma vez a cortina de fumaça para os reais problemas que adoecem a sociedade do "Primeiro" Mundo).

Em parte, na esteira desse triunfo do metal, a velha guitarra — que se julgava banida da face do rock pelos sintetizadores etc. — foi reinstalada no trono em 88. Cada sucesso de cada banda metal trazia em seu bojo um triunfo da guitarra. E, além disso, este foi o ano de Joe Satriani (um LP independente disputando os primeiros lugares das paradas) e da estréia de uma banda que subverte várias noções de uma tacada só — Living Colour, com a guitarra furiosa de Vernon Reid provando que esperar apenas funk and soul de negros é, também, uma forma de racismo. Para culminar, a IRS lançou, dentro do selo No Speak, a série *Guitarspeak*, exumando dinossauros do porte de Alvin Lee e Leslie West.

FUNK-SE QUEM PUDER

A "onda" hip hop, que definitivamente pegou no Brasil em 88, já fazia história nos guetos nova-iorquinos desde o início da década de 80 e ganhou o mundo a partir de 83, quando mais uma vez o atento Malcolm MacLaren saiu na frente com o álbum *Duck Rock*. Logo em seguida o ritmo chegava às ruas de São Paulo através dos dançarinos breaks. O hip hop galgava os primeiros degraus no Terceiro Mundo.

Na periferia, o funk e derivados já balançavam os bailes promovidos por associações como a Chic Show há pelo menos dois anos.

Além dela, marcou presença a programação da Rádio Bandeirantes FM, que rendeu-se ao ritmo tornando-se "a segmentada" no dial para o charme, funk e hip hop.

No Rio de Janeiro, o movimento funk existe há pelo menos 15 anos — desde o saudoso banda Black Rio. Ele ocupa atualmente vários clubes de subúrbio nos fins de semana e calcula-se uma média de 200 bailes.

A Chic Show, com seus ilustres convidados, literalmente povoou os shows do Palmeiras este ano.

MEGASHOWS

O superconcerto, com ou sem causa nobre como pretexto, tornou-se coisa comum em 88. Ecos de Woodstock? As novas gerações também querem sua experiência comunal e as tecnologias avançadas de som e imagem contribuem para facilitar e ampliar as coisas

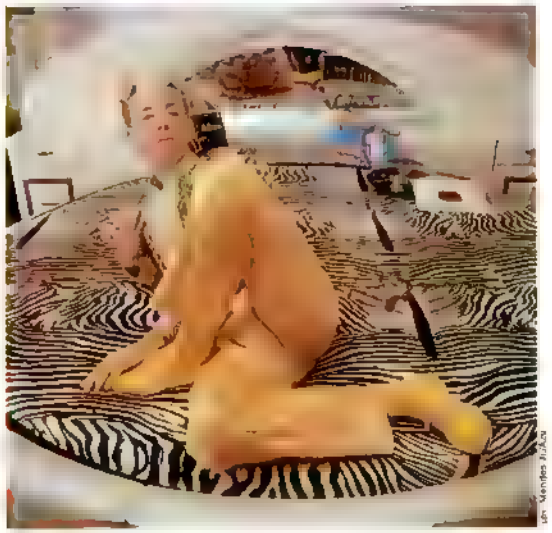
só em 88 aconteceram o Tributo a Nelson Mandela, a turnê da Anistia Internacional por cinco continentes (olha nos aqui!), o show em benefício do furacão que assolou a Jamaica, em Londres, e a turnê Monsters of Rock para satisfazer novas platéias de metal

(Humberto, Engenheiros do Hawaii)

BANDAS DESCARTADAS

Enquanto a megalomania das gravadoras armava pelo menos duas bandas — Yahoo e Heróis da Resistência —, de outro lado enterrava outras duas — Mercenárias e Metrô. Se tudo que dedicaram àquelas fossem dado a estas, o cenário pop/rock local não teria sofrido tanto quanto sofreu em 88. Logo que o LP *Trashland* completou três meses nas lojas, suas autoras, as notórias Mercenárias, eram desligadas da EMI-Odeon com apenas um curto e grosso telegrama. O Metrô, que nos presenteou com um dos melhores LPs em 87, *A Mão de Moo*, sofreu a síndrome do "jogá-para-o-alto-se-alguém-pegar-é-lucro", desta feita através da CBS. A mesma gravadora disse praticamente "não" à Nau, ao garantir apenas a gravação do novo LP, sem nenhuma divulgação. A banda preferiu cair fora. Assim fica meio difícil mudar qualquer cenário artístico. A Nau ainda resiste. Metrô e Mercenárias divulgaram seu fim

OS INDEPENDENTES CONTINUAM NA LUTA



Não, as gravadoras independentes não se f* em 88. Tanto quanto cada um de nós, apenas. Tentando solucionar o maior problema que as norteia, Ataque Frontal, Baratos Afins, Wop Bop, Devil Discos e New Face se uniram numa única distribuidora intitulada Central, que colabora, ainda, com selos de outros estados.

O Ano de 88 viu, também, a sedimentação de um selo embrião em 87 — Devil Discos — e a criação de pelo menos um outro — o Vinil Urbano, que lançou LPs do MR-8, Mona Angélica Não Mora Mais Aqui, além da coletânea curitibana *Cemitério de Elefantes*. A Devil Discos definitivamente abraçou os filhos do punk ou, ainda, os sub-undergrounds. No destaque de seus lançamentos, o LP *Miséria e Fome*, registro vital dos primórdios dos Inocentes.

A Baratos Afins destacou-se com os vinis *Concerto para um Trombone Quebrado*, de Boccato, e *Forçando a Barra*, do Golpe de Estado. A Wop Bop ficou com dois dos melhores lançamentos independentes do ano, *Fairy Tales*, do Harry, e *O Ápice*, do Vzyadoq Moe. A Câmbio Negro, de Belo Horizonte, saiu com um único mas substancial LP: *Filme*, do Último Número. A Ataque Frontal nos presenteou com uma boa coletânea, a *Contra Ataque*, reunindo as bandas República Não Religião, Indecisos, Olhos Seco, Laranjas, Pupilas Dilatadas e Skarnio, além do LP *Delirium Tremens*, dos Kães Vadius.

A Vórtex, de Porto Alegre, especializada em fitas K-7, nos enviou pelo menos cinco imperdíveis: Grafonola Xilarmônica, Julio Reny & Expresso Oriente ao vivo no teatro Porto de Elis, A Vingança de Montezuma, Alhavalpa i os Panques e o Esporte para Dois. E, claro, os metaleiros, que continuam bem apadrinhados pela Rock Brigade, de São Paulo, e a Cogumelo Discos, de Belo Horizonte

O ANO DAS ARMAÇÕES E DA MÚSICA BREGA

Embora tenha sido uma realidade incontestável, não se pode dizer que a péssima qualidade dos lançamentos nacionais é que abriu uma brecha para que tanto as armações como o chamado música brega se consolidassem no ano de 88. Antes, há de se considerar o espírito megalomaníaco da indústria cultural brasileira, que impede a mobilidade dos pequenos grupos para o médio e megapatamares, e fica na dependência da criatividade ininterrupta dos que "lá" chegaram. No desespero, elas apelavam.

A mais explícita ficou por conta do Yahoo, liderado pelo já conhecido Robertinho de Recife. Na verdade, esta é a banda cujo crooner teria sido ninguém menos que Rosana, brilho do cenário brega em 88.

Como se não bastasse, os tais Juba e Lula, do ex-bela série *Armação Ilimitada*, resolveram botar a boca no trombone. E saíram com uma versão de "Surfing In USA", dos Beach Boys, muito aquém daquela feita muito antes por um grupo que tenta sua entrada no mercado há anos: Luiz Otávio e os Quatro Olhos. O *Globo de Ouro*, responsável pela exibição ao vivo e em cores para todo o país dos sucessos do momento, esteve dominado por este e outros nomes do mesmo calibre: Adriana, Fagner, Jane Duboc.

O fenômeno Xuxa viu nascer, em 88, vários clones da blondie. A que mais correspondeu ao original foi Angélica, apresentadora do *Clube da Criança* e da b* de programa de playback chamada *Milk Shake*, ambos na Manchete.

Na rasteira, tivemos ainda Mara Maravilha, no SBT, e Patrícia nas paradas de sucesso junto ao Dominó.

"Foi tão avariado que os próprios dígitos (88) não podem refletir o quão para baixo ou para cima foi este ano. Uma loucura! Uma bad trip!"
(Lobão)

RESTROSPECTIVA 88

Depois de rotar por toda a Europa e aquém em 88, PEPE ESCOBAR emerge da delirante massa pop e envia suas impressões idem

"Eu vi as melhores mentes da minha geração destruídas pela loucura, famintas, histéricas, nuas."

Este foi o uivo de Allen Ginsberg em 1955 — simultâneo à pelvis libidinal de um country boy do Mississippi e à rebeldia sem causa de James Dean.

Eu vi, você viu, todo mundo viu quando os studios do *flower power* proclamavam: 'não confie em ninguém com mais de 30 anos.' Eu vi, você viu, todo mundo viu que a própria cultura pop/rock/etc. há muito tem mais que 30 anos e, portanto, configura-se como absolutamente inconfiável.

Levando-se em conta a premissa básica, vamos ao remix 88 do uivo de Ginsberg. Eu vi:

William Burroughs, velho junkie, e melhor mente de uma geração esculpida pelo sabor vital, em uma galeria londrina, silencioso, inescrutável como uma múmia asteca de terno cinza, pequenos olhos azuis em uma face impassível, os murmúrios de uma atriz nos lábios a ponto de se converter em passes de magia xamânica (e sua banda favorita é Sonic Youth)

A bacanália da era do chip nos nortes de sangue, suor e Ecstasy da dormência acid house londrina, contrabandeada de Chicago. Hordas silenciosas de Reebok e Benetton ajoelhados a vitrines laminadas com compact-discs dos Dire Straits.

As ortodoxias éticas de todas as latitudes planetárias corrompidas pela blasfêmia do som dos guetos negros.

A má consciência de uma armada de milionários pop oferecendo seus serviços grátis aos pobres e desesperados do sonho corporativo de consumo universal, em troca de uma simples exposição via satélite a milhões de sócios deste sonho com liquidez no cartão de crédito.

Os órfãos da Perestroika na Alemanha Oriental imaginando os pantomimos de David Bowie através do muro de Berlim.

Os remanescentes da última pétala perdida da flower power comprando dez gramas de *sensemilla*, no Bulldog, em Amsterdam, para acompanhar a audição de "Third Stone from the Sun", de Hendrix.

Legiões suburbanas de jeans encardido, camisetas satânicas e garrafas de cerveja morna rezando no nono círculo do inferno de metal para reencarnações da bruxaria Zeppelin, como Mission e Kingdom Come.

Jimmy Page entrando no palco do Hammersmith Odeon como um mendigo da Londres de Dickens para pronunciar a definitiva missa negra em "I Can't Quit You Baby".

O blues dos soldados da América em sua febre de sábado à noite, quando largam os botões de seus mísseis Pershing estacionados para a proteção do mundo livre e enchem as caras avermelhadas com copos de um litro de cerveja temperada nos botecos de Frankfurt, a Dallas da Europa Central, ao som de Dolly Parton.

Os egos inacessíveis de Morrissey e Mark Smith, que os impediram de abraçar a confusionismo pós-moderno e reterem sua condição de aloados.

Marc Almond abusando da estética Judy Garland de dilaceramento terminal.

O elo perdido entre o acid rock e o expansionismo jazz-fusion em um funkadélico LP do Defunkt.

Batman confidenciando que sua atração pela Mulher-Gato estava no cinto de utilidades.

Whitney "Nova Iguaçu" Houston vendendo 27 milhões de discos em todo o planeta e sublimando sua libido acetinada em uma apoteose de orgasmos fingidos.

Wacko Jacko mutando-se em uma nova raça.

Japoneses jogando calcinhas no palco à visão de gigantescos monitores da rala barba libidinal de George Michael, exalando o visual James Dean BMW, privilegiado por nove entre dez aspirantes a detonar uma epidemia de Aids.

Prince mutando-se em uma nova entidade lasciva.

Três quartos do New Order tomando chá em copinho de papel a 30 pence e pagando a conta com adicional de autógrafo para a caixa escocesa da estação de Manchester.

Freaks, junkies e auto-excluídos da grande prestidigitação reaganiana amanhando as paredes em Alphabet Street ao som de discobeats latinizados.

A prece canônica do disco queen vernácula Ofra Haza saindo dos remix para ilustrar em estilo world music um filme classe Y, estrelando a cancerosa artivista da volúpia, Brigitte Nielsen.

Patsy, Mandy, Sabrina, Bananaramas, Primitives, Sugarcubes adornando as paredes e sonhos molhados dos que sonham com Porsches brancos com estofamento de couro vermelho e o topo da escala corporativa com contos de mordomia.

A nova geração do rap, do Bronx à Filadélfia, arrebentando a complacência do homem branco com o efeito de mil Mike Tysons e instaurando o dia do juízo final.

A insolência sexual do gay disco em cópula com o eletroeuropop na textura abstrata da house music.

O sonho corporativo de consumo universal aplicado ao pop, com a transformação dos anos 80 em anos 50 high tech, através da completa assimilação das técnicas de clip à manufatura de comerciais de jeans, bancos, veículos e bebidas configurados como passaporte à terna inocência.

A Levi's pilhando Jackie Wilson, Percy Sledge, Kerouac e Raymond Chandler.

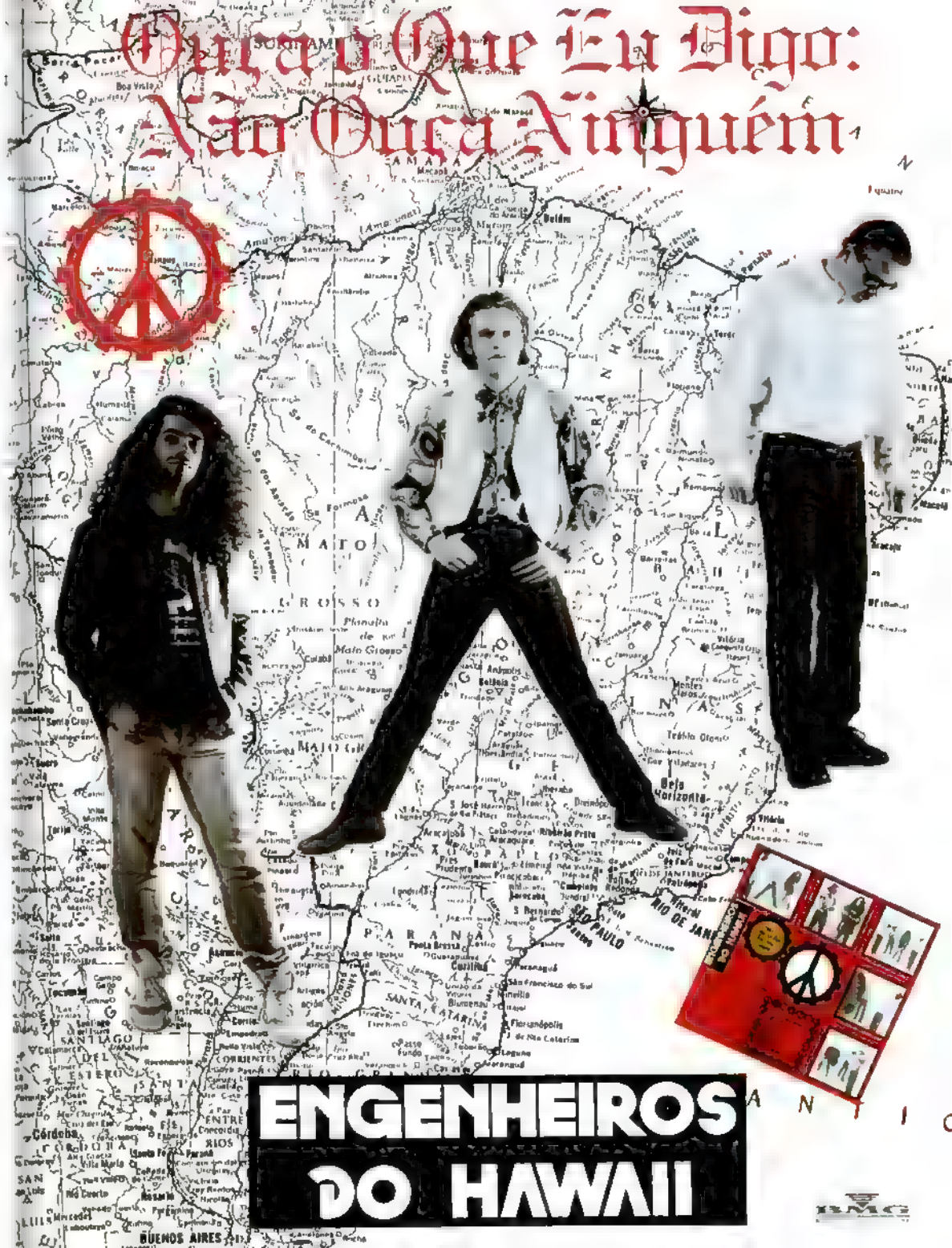
John Waters pilhando o 'twist', o roach, o bug, o bird, o mashed potato e todos os laquês de cabelo de Baltimore a Amarillo para o perfeito trash move *(Hairspray)* com Divine, Debbie Harry e Sonny Bono.

Public Enemy pilhando os Panteras Negras.

Yoko pilhando Lennon.

Pilhas douradas Duracell detonando um ghetto-blaster à plutônio com o maior remix da humanidade desde Nero — em um acesso de ironia, ou terror, cantar "Let Me Stand Next to Your Fire" para as colinas de Roma.

Ouça o Que Eu Digo:
Não Ouça Ninguém

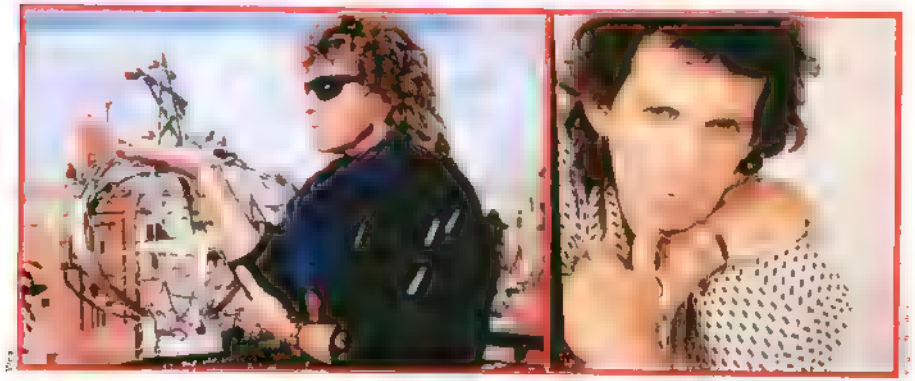


ENGENHEIROS DO HAWAII

BMG

RESTROSPECTIVA 88

De seu mirante para a América e além, nas colinas de Los Angeles, ANA MARIA BAHIANA revê 88



A família Monstro. Lassie e o pessoal da *Missão Impossível* estão na TV. Você procura outro canal: no VH1 os Four Tops, grisalhos mas enxutos, estão fazendo um *comeback*. O problema, você pensa, talvez seja que a VH1 é dirigida ao público mais velho, encostando nos 50 (no fundo da sua mente uma vozinha informa que Keith Richards, este eterno rebelde sem causa, vai fazer 45, mas você aumenta o volume da TV). O controle remoto chega à MTV, auto-intitulada tribuna eletrônica do que é *hip* e atual: em sequência, caem Robert Plant, Whitesnake e Bad Company (você olha o calendário na parede para ter certeza do dia, mês e ano). Logo depois, entra no ar o prefixo ribombante de *Remote Control*, o programinha de auditório onde, todo dia, três estudantes universitários com cara de idiotas respondem perguntas de "trivia" ("Qual o nome do anão da tiha da Fantasia?", "Quem foi o guitarrista da primeira formação dos Yardbirds?"), enquanto a platéia urra e uma lourinha com cara de ainda mais idiota anuncia os prêmios a que eles concorrem — um videocassete, uma bicicleta de corrida, um sen-sa-cio-nal fim de semana no Caribe.

Silvio Santos em inglês? É esta a geração que quer tomar o poder? Talvez você esteja enganado. De geração ou de ano. Você desliga a TV e sai para a rua, para a perfumada noite da Califórnia, onde as freeways são mais longas e as avenidas, misteriosas." É preciso procurar", você pensa, "é preciso descer a algum outro território, um outro país, a subterrâneo das lendas onde as coisas acontecem. O ano é definitivamente 1988, não há mais dúvida", você raciocina. Prince vem aí, enfim, com aquele show arrasa-quarteirão que você viu no filme *Sign O' the Times* (mas quem está na cidade é George Michael, lhe diz a vozinha. E Rod Stewart. E Jimmy Page. E... Whitesnake.)

Você liga o rádio. O rádio loca, quase sempre, a mesma coisa, porque o rádio está dividido em três partes iguais: "classic rock", que se recusa a passar de 74, "Top 40", que é escravo da parada (e a parada está sob controle de uma forma branda de heavy metal), e "rock", cuja atualização suprema não passa do Depeche Mode (você gosta do disco, até, mas...). De vez em quando, assim como que flutuando no ar, você pega o sinal rarefeito da KXLU, um rosnado distante de thrash e speed, alguma outra coisa... Um par de milhas adiante você mesmo se surpreende ouvindo, com a máxima atenção (ou, pelo menos com desconforto) uma emissora de música clássica ou o sinal tênue de uma rádio pública, onde um coral búlgaro canta uma linda balada incompreensível.

Você desliza pela madrugada de Sunset Boulevard, onde os outdoors gigantescos vendem U2, o disco e o filme, os heróis do ano, e também uma porção de confecções modeminhas com modelitos que, há dez anos atrás seriam chamados de punk. Você sorri de ironia ao passar pela quinta modelo de cabelinhos espetados, suspensa, plástica, na noite angelena — enquanto, em carne e osso, na calçada, desfilam os rapazes cabeludos da brigada metal, cruzando de clube em clube.

As camélias de Griffith Park estão ainda mais perfumadas e as estrelas já se apagaram quando, enfim, você chega a Silverlak e àquela parelha sem número atrás do qual se esconde — isso lhe foi confiado no maior segredo — o clube noturno mais quente da cidade. "Clubes são importantes", você pensa, "são as versões das discotecas dos anos 70 e dos anos 60 (e aquela sua prima que vivia indo ao Le Bateau? "Quantos filhos agora?" "Três? Quatro?"). Este lugar é engraçado, é o filho mais recente dessa safra anglo-californiana: o clube móvel, um novo endereço a cada semana. Lá dentro, no lusco-fusco do bar, você acha que vê os Beastie Boys (ninguém liga mais para eles) e o cantor do Guns'n'Roses. O DJ põe "Aquarela do Brasil" na pista de dança. Você acha que é um sinal do além. Você ergue um brinde ao imponderável futuro. Bem vindo, 1989

OS PARALAMAS DO SUCESSO

TOUR 88/89

BORA BORA

O show mais aplaudido deste ano!

AGORA EM TOUR NACIONAL

CAMPO GRANDE
CUIABÁ
UBERABA
UBERLÂNDIA
BRASÍLIA
GOIÂNIA
IMPERATRIZ
SÃO LUÍS
TERESINA
VITÓRIA
SALVADOR
ARACAJÚ
MACEIÓ
FORTALEZA
NATAL
RECIFE
JOÃO PESSOA
PORTO ALEGRE
FLORIANÓPOLIS
CURITIBA

EMI

OS PARALAMAS DO SUCESSO
BORA BORA

DEF LEPPARD

OS SOBREVIVENTES

Tom Quesnly/Azul

Tom Quesnly/Azul

Seis milhões de cópias só nos Estados Unidos não é exatamente um índice de vendagem que acontece todo dia. Ainda por cima quando a banda responsável por isso passou quatro acidentados anos entre um disco e outro. Com vocês, a histeria Leppard

Joe Elliott tem nas mãos as mais de 20 mil pessoas que lotam o Shoreline, um anfiteatro ao ar livre construído sobre um gigantesco depósito de lixo ao sul de São Francisco, na Califórnia. À frente do mesmo quinteto que lidera desde 1978 — o Def Leppard —, Joe está comandando um show exemplar, em que a banda quase consegue tornar íntima, nessa vastidão de cadeiras e gramado, a sua assinatura de pop de guitarra pesada e *state-of-the-art*. Mas essa apresentação, a antepenúltima na costa oeste dos Estados Unidos este ano, tem significados especiais, históricos até. Nessa mesma semana ia para as bancas a edição da revista *Billboard*, que anunciaria ao mundo que seis milhões de norte-americanos tinham em casa uma cópia de *Hysteria*, o mais recente álbum do Leppard. Ninguém na banda — tampouco o management, liderado pelo ponderado Cliff Burnstein, o mesmo que empresaria Metallica e Dokken — acreditava na possibilidade dessa marca, idêntica à do disco anterior, *Pyromania*. É inadmissível que banda, empresário e gravadora não tivessem trabalhando nesse sentido, mas, para todos os envolvidos, a escala do sucesso de *Hysteria* estava bem próxima de um milagre.

Durante cinco sólidos anos a banda esteve fora de combate. As gravações do sucessor de *Pyromania* — que só não foi o disco mais bem-sucedido de 1983 por causa de *Thriller* de Michael Jackson — foram interrompidas, sucessivamente, por doenças — Elliott teve uma recaída de caxumba —, trocas de produtores e diversos acidentes automobilísticos. O mais sério deles causou a amputação do braço esquerdo do baterista Rick Allen, que precisou reaprender a tocar com um só braço, mais uma pedaleira especialmente desenvolvida para ele. Rick se tornou um caso único na história do rock. Em *Hysteria*, o Leppard é o que os cristãos devem ter em mente quando falam em ressurreição.

Em 1983, o Def Leppard tinha o mundo nas mãos e realizara o disco em que definia sua personalidade musical, mais pesado que o pop regulamentar, menos estridente que o metal reinante, com melodias e harmonias enxutas, sem uma só gordurinha excessiva, e exercitando as possibilidades atuais da clássica formação de guitarras dialogando, tão característica do Wishbone Ash. Tudo isso realçado pela escolha de valores de produção, tão excitantes quanto o cheiro de um carro zero-quilômetro. No dia 31 de dezembro, quando descansavam da gravação do sucessor de *Pyromania*, ocorreu o acidente de Rick.

"No dia seguinte as pessoas começaram a telefonar para o estúdio", recorda Phil Collen, guitarrista, o único londrino da banda, originalmente formada em Sheffield, área industrial da Inglaterra. "Eram outros bateristas se oferecendo para substituir Rick. Nós nem sequer sabíamos se o cara iria continuar vivo!" Phil faz uma pausa e olha em volta da suíte que estamos ocupando, nos bastidores do Shoreline, enquanto o Europe — a banda que está abrindo a excursão norte-americana do Leppard — faz seu *soundcheck*. "Não nos pareceu nem um pouco bem-vindo esse tipo de atitude", resume, com uma atenuação de sentimentos tipicamente inglesa.

As coisas já não iam bem para o grupo antes de Rick se acidentar. O Leppard esperava poder contar com o produtor Mutt Lange, uma espécie de sexto integrante que colaborava com a banda desde 1981 (e reparte créditos de autoria de alguns hits). Lange começou a trabalhar com o Def Leppard quando foi chamado para remixar "Bringing on the Heartbreak", uma faixa do álbum *High 'n' Dry* de pouca repercussão até então. Depois de ter passado pelas mãos de Lange, a canção tornou-se o primeiro grande sucesso do grupo e o Leppard foi promovido de sub-AC/DC-com-melodias à mais inventiva banda de rock pesado dos anos 80. Mas, agora, Lange declinara o convite para produzi-los mais uma vez. Exausto após longos meses no estúdio com The Cars, Lange queria descanso.

Desesperado, o Leppard recorreu a uma lista de produtores "de nome" organizada às pressas, quatro semanas antes de entrarem no estúdio. Da lista saiu Jim Steinman, o mestre da produção brega-bombástica de Bonnie Tyler e Meat Loaf. Contratado, Steinman durou quatro meses com o Leppard. "Com tão pouca antecedência antes do início do trabalho, ele era o único disponível", justifica Collen. "Experimentamos trabalhar com ele. E não deu certo."

"Mutt Lange é ótimo baixista, ótimo vocalista, grande compositor e excelente engenheiro de som, que sabe criar altos sons! É um artista completo. E Jim não se encaixava nessa mesma categoria. O padrão de Mutt é altíssimo. Enquanto isso, Jim apenas sugeria conceitos. E não concordávamos com nenhum desses conceitos. As faixas que gravamos com ele eram iguaizinhas a nossas demos, só que com muito mais eco. Era um pesadelo." Sozinho no estúdio, o Leppard tentou se produzir sem ajuda externa, apoiado apenas em Mike Shipley, engenheiro de som com quem trabalham desde *High 'n' Dry*. "Mas faltava carisma", lamenta Phil. "E a gente não sabia como conseguir isso."

Ninguém acreditava, nem o Def Leppard, nem o manager — só que quando saíram os primeiros singles, quem acreditou mesmo foi o público que fez o possível e o impossível acontecer...

A pressão crescia na medida em que os meses no estúdio se transformavam em anos e esses anos se sucediam. Com o acidente de Rick, o atraso do trabalho — que já não era pequeno — aumentou mais ainda. Diariamente, o Def Leppard era soterrado por avalanches contínuas de perguntas e cobranças. Em determinado momento resolveram responder as perguntas com camisetas-padrão, com "não" e "ainda não" estampados em letras garrafais para serem lidos pelos que desejavam saber se o Rick Allen tinha saído da banda (a primeira camiseta) e se o disco já estava pronto (a segunda). O primeiro "sim", no entanto, surgiu quando Mutt Lange voltou atrás e decidiu ajudar a banda somente na gravação dos vocais. Acabou ficando para o disco inteiro. O Leppard jogou no lixo dezesseis meses de gravações feitas sem Lange e recomeçou o disco do zero.

"O plano original era lançar um álbum com dez faixas", ressalta Collen, "mas tínhamos doze músicas prontas e outras tantas inacabadas. A gente esteve longe durante tanto tempo, porque não lançar todas as doze, de uma vez?" A idéia prevaleceria. Além das faixas "inacabadas" — como "Tear It Down" e "I Wanna Be Your Hero" — lançadas em lados B de diferentes compactos, o Leppard realizou no álbum *Hysteria* uma façanha rara na vigente mesquinharia do vinil. O disco tem 62 minutos de música (contra, por exemplo, menos de 55 minutos de *...Nothing Like the Sun*, o álbum duplo de Sting). De volta à confraria, Lange se encarregaria de lapidar as doze faixas mais importantes da carreira do grupo, aquelas que mostrariam ao mundo se o Def Leppard ainda existia como banda.

Computado o último centavo dos cinco milhões de dólares gastos em *Hysteria*, o Def Leppard tinha nas mãos sua mais forte coleção de canções. Além de uma enorme dívida com a gravadora e o desafio de recuperar tempo e terreno perdidos num mercado muitíssimo diferente do que quase haviam dominado absolutamente em 1983. "Estimo que tenhamos conseguido manter 25% de nosso antigo público", calculava o empresário Cliff Burnstein numa entrevista dada em Glenn Falls, em Nova York, no primeiro show da turnê. "O que ocorreu em 1983 não pode acontecer de novo, na mesma escala. É impossível. O rádio mudou. A MTV *(uma das forças mais importantes no impulso de* Pyromania*)* mudou. E a banda mudou." Burnstein estava mais do que certo. "Cabiam umas dez, onze mil pessoas naquele estádio", recorda, meses mais tarde, Phil. "E tinha apenas sete mil para o nosso show. Era meio deprimente. E era uma platéia mais velha do que antigamente. Era o que havia sobrado da platéia antiga."

Três semanas antes do show na área de São Francisco, o Def Leppard retornou a Glenn Falls e se apresentou num campo aberto para uma platéia de 27 mil pessoas. Para uma banda inativa que retornou a um mercado onde tudo havia mudado, muita coisa mudou do primeiro show da turnê até hoje. Basicamente, ocorreu *Hysteria*. Quando *Pyromania* foi lançado, existiam várias e diferentes estações de rádio que tocavam rock", pondera Collen. "Mas depois isso parou. Hoje só existem rádios de classic rock e rádio de sucessos top 40. O único jeito de uma banda nova de rock ser tocada no rádio é tendo um single no top 40. Por sorte, isso aconteceu conosco." Collen está sendo modesto: cinco singles de *Hysteria* freqüentaram (e/ou lideraram) o top 40 — "Women", "Animal", "Pour Some Sugar on Me", "Love Bites" e a faixa-título num período de cerca de um ano. A MTV — atualmente um espelho das rádios top 40 — incorporou os clips desses singles com voracidade e, junto com a excursão, converteram novos fãs à crescente legião de leppardmaníacos. Em agosto essa legião contava com seis milhões de membros, só nos Estados Unidos.

Em tese, o ocorrido com o Leppard traduzi na o caminho de bandas que dominaram a cena rock norte-americana na virada de 87 para 88 — Bon Jovi, Whitesnake, Poison e tantos outros de uma leva pretensamente metálica que disso tinha apenas o peso. O restante do pacote incluía características pop — melodias agradáveis, harmonias bem casadas — que amaciavam o produto mais ainda para a garotada mais jovem e, particularmente, para as meninas. Essas bandas — junto com Cinderella e outras tantas — dominaram o mercado no ano passado. E não se pode dizer que elas ou o Def Leppard sejam heavy metal, no sentido estrito da expressão. E isso o próprio Collen admite: "Iron Maiden, Judas Priest, essas sim, são bandas de heavy metal. Agora você vai chamar o Europe de metal? 'Love Bites' não é metal." Como o Leppard, em algum momento de sua trajetória, muitas dessas bandas se aproximaram um bocado mais do heavy metal, para descobrirem, mais tarde, seus próprios caminhos. Mas o caminho do Leppard — o pop pesado *state-of-the-art* muito aparentado com o do Queen — já era, em termos gerais, o mesmo desde 1981. O que eles precisaram fazer dessa vez foi se apresentar para um público que ainda não os conhecia. O resto — guardadas as devidas proporções — foi fácil.

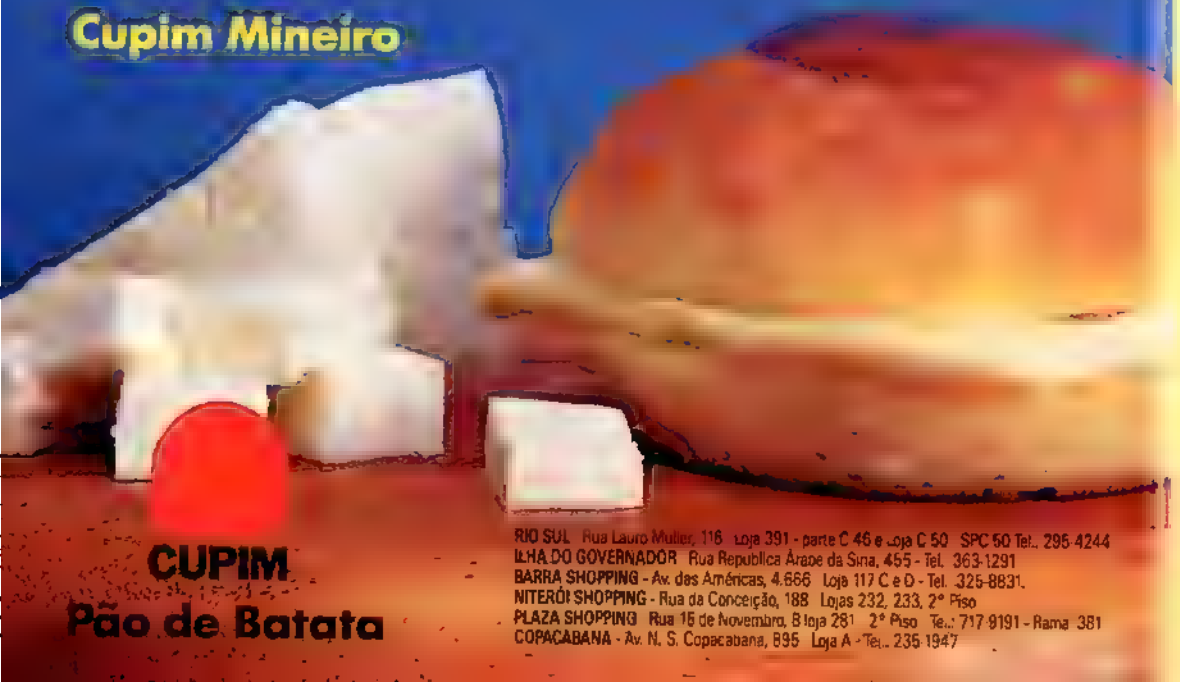
Para manter esse mesmo público, o mínimo que o Leppard precisa fazer é não sumir por mais quatro anos. "Já temos data marcada para voltar ao estúdio", garante Collen. 15 de novembro. "Terminamos a turnê, tiramos duas semanas de férias e entramos no estúdio. É melhor assim. Já temos umas sete faixas praticamente prontas das gravações de *Hysteria*. Quando você sai da estrada para o estúdio é quando há maior inspiração, você está carregado de novas experiências. Esse foi um dos problemas de *Hysteria* — levamos tempo demais com um só disco. Ficava um olhando para a cara do outro, se perguntando: 'E aí? O que você acha? Está bom? Está ruim?' Não sabíamos o que queríamos. Agora nós sabemos."

Por *José Emílio Rondeau*
de Los Angeles

Jarre demite o óbvio.
Ao lançar o bombástico Lp
Revolutions, o multitecladista
francês, Jean Michel Jarre
demitiu por justa causa o
óbvio e seus parentes
que tentam se
aproximar do músico
desde que ele nasceu.
Desafiando hit-parades,
popismos e similares,
Jean Michel Jarre
conseguiu manter-se
livre, a bordo do seu
som totalmente
inesperado e
inovador. Neste
novo trabalho
JEAN-MICHEL
JARRE
REVOLUTIONS
EM LP, COMPACT DISC E CASSETE DE CROMO BASF
PolyGram

DIRETO DE MINAS

Cupim Mineiro



CUPIM
Pão de Batata

RIO SUL Rua Lauro Muller, 116 Loja 391 - parte C 46 e Loja C 50 SPC 50 Tel.: 295-4244
ILHA DO GOVERNADOR Rua Republica Árabe da Síria, 455 - Tel. 363-1291
BARRA SHOPPING - Av. das Américas, 4.666 Loja 117 C e D - Tel. 325-8831.
NITERÓI SHOPPING - Rua da Conceição, 188 Lojas 232, 233, 2º Piso
PLAZA SHOPPING Rua 15 de Novembro, 8 loja 281 2º Piso Tel.: 717-9191 - Ramal 381
COPACABANA - Av. N. S. Copacabana, 895 Loja A - Tel.: 235-1947

DESTA VEZ VAI

(OU, NADA SUPERA A EXPERIÊNCIA)

Ricardo Siqueira/Fotos

O primeiro LP, Debut, não teve combustível suficiente para a decolagem. No segundo, Supercarioca, os Picassos Falsos partem instintivamente para a world music e, deixando as inseguranças de lado, prometem acontecer em grande estilo

Alguém assistiu a um show e ficou impressionado. Outro ouviu músicas de uma fita demo na rádio Fluminense e achou demais. O bochicho acabou chegando na imprensa e nos ouvidos de um escriba pop, que resolveu bancar a produção do LP *Debut* numa grande gravadora. A RCA estava agitando o selo Plug, só para rock, e, com tamanha unanimidade de olheiros e público, não hesitou na contratação. Afinal, como resistir a uma banda que atende pelo nome de Picassos Falsos?

Assim, com pouco tempo de carreira, o grupo Picassos Falsos, carioca do tradicional bairro da Tijuca, chegou ao LP, com muitas expectativas externas e ansiedades internas. So que, por razões desconhecidas, e apesar da conjunção benéfica, o disco não decolou como se esperava. Por quê?

O grupo aponta alguns fatores que contribuíram para o não estouro. A produção nao correu conforme o esperado, não em relação ao produtor, o correspondente da BIZZ em Los Angeles José Emilio Rondeau, e sim por inexperiência da banda e pelo pouco tempo hábil para a gravação. Tudo rolou muito rápido. Outro problema é que o som dos Picassos Falsos é, de certa forma, muito peculiar e pessoal, como enfatiza o vocalista e letrista Humberto F. Por não estar dentro de um padrão radiofonico e mercadológico, e não ser uma banda essencialmente funk, como muitos pensavam, acabaram causando estranheza aos mais apressados.

Açados à condição de grande nome pop por força das circunstâncias, mas nao tendo onde tocar (um dos maiores problemas da cena do rock carioca nos últimos anos), os Picassos Falsos acabaram ficando restritos ao mesmo grupo de pessoas que os viu nascer. Uma pena.

Desta vez, com *Supercarioca*, o segundo LP, isto não vai acontecer. Pelo menos esperam. Todos ficaram inteiramente satisfeitos com o resultado final (desta vez a produção foi de Geraldo D'Arbilly, ex-Blue Rondo a la Turk, que, apesar de entreveros com alguns deles, pôde captar melhor o clima). Pelo que ouvi do trabalho antes de batucar estas linhas, arrisco o palpite de que este é um dos melhores lançamentos nacionais deste ano na área do rock.

Os barristas podem reclamar do título *Supercarioca* e achar que o disco é uma coletanea de "rock de bermudas", como costumam dizer. Não sabem o erro que vão fazer incorrendo em um julgamento preconceituoso. A idéia de *Supercarioca* que está presente em todas as faixas (nome inspirado na musica "Magrelinha", de Luiz Melodia), é, ao mesmo tempo, homenagear e criticar a ex-Cidade Maravilhosa, como uma história em quadrinhos realista, num clima quente e agitado como o da cidade. Longe das odes românticas de Vinicius de Moraes, e mais perto do estilo malandro de Melodia e mesmo de Jorge Ben. Um Rio *noir*.

Por isto, *Supercarioca* é completamente conceitual e só pode ser compreendido por completo se ouvido como um todo. Musicalmente, seus elementos vão alem de um híbrido samba-rock. Toques nordestinos se mesclam a citações psicodélicas de Jimi Hendrix e do cancioneiro popular brasileiro, alcançando um resultado final tão coeso que dificultará os rotuladores de plantão. Como bem definiu Humberto, "os Picassos Falsos estão neste disco para o samba, o afoxé e o baião assim como Clementina de Jesus está para os blues e o pagode: é, sem nunca ter sido". Ou seja, as semelhanças e aproximações de estilo estão longe de ser propositais. Não há discursos ocultos. A musica fala por si.

Com uma mudança na formação, onde Luiz Henrique substitui Zé Henrique no baixo, os Picassos Falsos, Luís Gustavo (guitarra) e Abílio (bateria), alem de Humberto, estão com tanto fôlego agora como se estivessem realmente começando, com o primeiro LP. A diferença é que as dúvidas, inseguranças e inexperiência ficaram de lado. Agora, a objetividade e a vontade de rolar a bola para frente estao redobradas e bem visíveis.

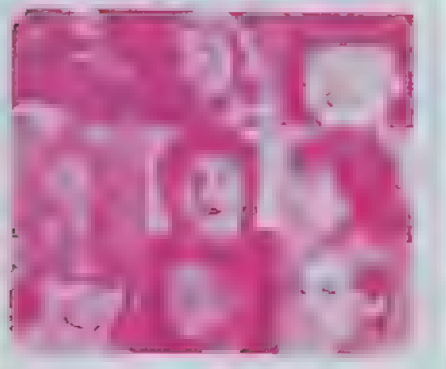
Enquanto muitas bandas se preocupam mais em seguir a forma do momento — e saem por aí copiando padrões importados e nem adicionam um molho local —, os Picassos Falsos, de maneira não intencional, acabaram produzindo um dos melhores exemplares nacionais de world music, sem deixarem de ser extremamente rock'n'roll. É isso, afinal, que fica.

Tom Leão

FUNDIÇÃO PROGRESSO

O ROCK NA IDADE DO AÇO

CIRCO VOADOR



O 1º SHOPPING CULTURAL DO BRASIL/COMPRE UM TITULO DE SOCIO-FUNDADOR DO MAIS NOVO ESPAÇO DE ROCK DO BRASIL/01 OTV — OBRIGAÇÕES DO TESOURO VOADOR — Cz$ 2.000,00/DESCONTOS DE 10 A 20% EM TODOS OS SERVIÇOS E ESPETACULOS DO SHOPPING/CAMISETAS/BOTTONS/PLASTICOS/REVISTA MENSAL COM TODAS AS INFORMAÇOES/ESTREIA EM 89 220-5022

ESPAÇO SHOW + 4 TEATROS + 2 CINEMAS + DANCING CABARET + SALA DE EXPOSIÇOES + GALERIA DE ARTE + ESPAÇO CULTURA FISICA + 13 ESTUDIOS DE ARTINDUSTRIA + ESTUDIOS DE SOM E VIDEO + LIVRARIA + SALAS DE MUSICA E ENSAIOS + 8 LOJAS DE ARTIGOS CULTURAIS + BANCO COMERCIAL + CENTRO DE TURISMO + AUDITORIO + CENTRAL DE COMUNICAÇOES + CHOPERIA + 4 RESTAURANTES + GRANDE LANCHONETE + PADARIA + SORVETERIA + CAFETERIA + B[illegible]S + PRAÇA COM CIRCO + BIBLIOTECA INFANTIL + [illegible] QUEDOS + QUIOSQUES + SEGURANÇA + ESTACIONAMENTO PARA 1.000 VEICULOS

BRAHMA

SIDERBRAS/COBRAM COMPANHIA BRASILEIRA DE PROJETOS INDUSTRIAIS — COMPANHIA VIDRARIA SANTA MARINA VIMO BRAS VIDROS E MOLDURAS [illegible] MENTOS LTDA. PERKON CONSTRU[illegible] E COM[illegible]

RANK — *The Smiths* (Stiletto)

A Perfeição não é tão elusiva quanto se pensa e, de vez em quando, manda cartões postais do Purgatório, do Inferno e do Paraíso. A música pop não é só a puta calculista que nos traiu com a melhor anestesia, mas o Rock'n'Roll... *is dead, boys*. De vez em quando, manda polaroids do cadáver em seu esplendor, um milésimo de segundo antes de começar sua deliciosa putrefação. Assim se passaram 34 anos desde Elvis e, para cada expressão digna da Eternidade, um labirinto de *clones*, derivados e diluidores, no qual algumas gerações ainda estão condenadas a se perder. Um bilhão de Robertos e Erasmos para cada Arnaldo Baptista, o que só atiça o prazer da descoberta.

A Última Banda de Rock'n'Roll teve, também, seu Paraíso, seu Inferno e seu Purgatório. Em outubro de 86, mais precisamente, estavam no National Ballroom, no suburbio londrino de Kilburn... um milésimo de segundo antes dos primeiros sintomas do declínio. *Rank* (escalão) não traz o show inteiro e esse é seu único defeito. O delírio da massa torna inaudíveis a "entrada" — *Romeu e Julieta*, de Prokofiev — e a "saída" — "You'll Never Walk Alone", com Shirley Bassey. Entre elas, pau puro. Engrossado pela guitarra de Craig Gannon, o quarteto original decola com "The Queen Is Dead", na fina fronteira entre o *hard* e o *heavy*... mas qual desses dois territórios já ostentou uma letra assim... "letrada"?

Está escrito que, naquele dia histórico, a rádio em que Morrissey estava sintonizado anunciou o vazamento em Chernobyl e emendou com "Wake Me Up Before You Go", do Wham. Assim nasceu "Panic", com seu inesquecível refrão "Enforquem o D.J.!" Em *Rank*, essa "excentricidade" é seguida da historinha de um vigário que se diverte vestindo um saiote de bailarina, um refúgio bem escolhido após o exorcismo da infância e da adolescência nas canções da safra *The Smiths*/*Hatful of Hollow* (eles nunca mais poderiam ser os mesmos e foram os primeiros a saber disso).

Um dia, Johnny Marr pilhou o riff de um fabuloso rockabilly do repertório de Elvis, "His Latest Flame", para fazer "Rusholme Ruffians" — aqui ambas se fundem. E assim vão se intercalando os postais e polaroids, com o deboche de "Bigmouth" contaminando o desespero de "Stiffiii" e a navalhada ficando para "I Know It's Over" (a canção de amor mais intensa de Morrissey tinha, afinal, de ter sido escrita para sua mãe... e para ele mesmo).

É claro que para terem sido *absolutamente* perfeitos, os Smiths teriam de ter acabado antes de *Strangeways*... e alguns *singles* supérfluos que o precederam, como "Sheila Take a Bow". Mas isso não é coisa que se diga em cerimônias solenes como o Grande [illegible] e [illegible] Dançante [illegible] Velório [illegible] do Rock'n'Roll. Descanse em paz, amor....

José Augusto Lemos

FRENZ EXPERIMENT — The Fall (Stiletto).

Reaparecendo no Brasil com este segundo lançamento, numa discografia que inclui — de agosto de 78 até o presente — um total de 36 singles (contando remixes e 12 polegadas) e 13 LPs (entre os quais dois ao vivo e uma antologia), o poeta/vocalista Mark E. Smith e seu radical Fall continuam a desafinar o coro dos contentes com o 14.º capítulo de sua incorruptível revoluçao. Desde seus umbrais e até hoje, em que ostenta uma considerável reputação nos meios do avant-garde, o trunfo do grupo continua sendo sua inabalável postura de oposição em relação a todos os moldes descartáveis do pop.

Neste seu "frenético experimento", Mark E Smith continua a espelhar em sua música a nudez sombria de Manchester, sua cidade natal, ou seja, uma sonoridade que cheira a armazéns enferrujados, casinhas de tijolos na neblina, antiquários fechados para reforma, ruas silenciosas, luzes de lampião e uma demoníaca britadeira que não pára de esburacar a mansão mais linda da burguesia. Suas letras são as mesmas obsessões e Mark em seu severo canto narrativo assemelha-se a uma criança desprotegida e indignada com o poder. Assim sendo, o capitalismo, as drogas, a luxúria, as discrepâncias sociais e os modismos continuam fechados com um sentimento desnudado e rebelde, absolutamente inerente ao que há de mais puro e necessário na cultura rock.

A musicalidade inserida neste *Frenz Experiment* traz duas novidades: maior aproximação do pop (sem quaisquer conivências com o ortodoxismo) e, pela primeira vez (claro que excetuando sua cover de "Ghost in My House" — a 60's hit — e a dos Beatles, no LP *Sergeant Peppers Knew My Father*, de "A Day in the Life"), a gravação de uma cover, "Victoria" (enraivecido brado-protesto dos Kinks). O resto é aquele despojado primitivismo, em que a técnica ou qualquer aproximação ao virtuosismo pouco significam. Baseada em rock'n'roll e rhythm'n'blues essa experência não apresenta destaques particulares, mas, se você quiser checar, basta ouvir a hipnótica taciturnidade de "Frenz", o big-trad-hard-rock "Garry Bag Man", o folkster provocativo "The Steak Place" e o desarticulista rock'n'roll "Bremen Natch", tudo isso sem contar o clássico "Victoria", que na voz do diabinho louro ficou unpagável.

Fernando Naporano

DOWN IN THE GROOVE — Bob Dylan (CBS)

O vigésimo sexto LP de material original numa discografia que já soma 33 LPs foi adiado por mais de seis meses e o repertório alterado por três ocasiões. Na verdade, o mestre muito hesitou em lançá-lo, pois, mais que ninguem, já havia sacado que foi-se o tempo de esperar "qual a nova de Dylan". Culpa dele? Não, jamais. A culpa é que vivemos num mundo em que não ha mais respostas e ele "nem é mais solução nem a parte de um problema". O menestrel de todas as dicas sentiu o desgaste natural e a miséria das coisas ao longo da efemeridade humana e resolveu não descansar, mas olhar a vida com outros olhos, talvez não descreditados, mas distantes de todo o imemovível inferno reprimido da modernidade.

O resultado, embora trate-se de um LP de Bob Dylan (e nenhum LP dele pode ser destratado sem zilhoes de argumentos), é uma síntese de alguem cansado, mas que mesmo assim ainda consegue comover os que se aperceberam da desencantada situação do mestre. Obviamente, para tudo ser de acordo, convocou vários amiguinhos, entre os quais estão Eric Clapton, Ron Wood, o pessoal do Grateful Dead, outros consagrados no estúdio, como o batersta Steve Jordan e a dupla Dunbar e Shakespeare. Das dez faixas, seis são versoes (claro, para que compor?) e as que se sobressaem são o rhythm n blues "Let's Stick Together" (porem muito melhor com o finado grupo Canned Heat no LP *Future Blues*), a lacrimal "When Did You Leave Heaven?", a bluegrass "Rank Strangers to Me" e a traditional country-gospel "Sehnandoah". O resto é o resto e é melhor esperar que haja outro mundo para ele compor. *F.N*

THEN AND NOW — Grover Washington Jr. (CBS)

A parte a pisada de bola de "French Connection", que lembra uma trilha sonora de um filme B cucaracha, um disco obrigatório num panorama em que predomina o engodo que se convencionou chamar fusion. Mesmo nas músicas mais recentes do album, como em "Blues for D P", de Herbie Hancock, Grover, alternando no LP sax alto, tenor e soprano, prefere a trilha do *Jazz* (assim mesmo, com maiúscula). Atenção para a soberba interpretação de "In a Sentimental Mood" de Ellington, com o piano experiente de Tommy Flannagan. *J E M*

IN THE CITY OF ANGELS — Jon Anderson (CBS)

O que pode levar velhos combatentes de batalhas passadas do rock a deslizar na mais insípida geléia pop FMunsda? É difícil acreditar que Jon Anderson, vocalista que participou da edificação do Yes, seja o mesmo que cometeu essa baba. Um amontoado de baladas-e-ichês banhadas de teclados edulcorados comparáveis a balas cheias de corantes químicos. Consomem-se depressa, deixam um gosto esquisito no ouvido e um tédio infindável na alma. Resposta de Joni Mitchell: "Nos anos 60, achávamos que era possível mudar o mundo. Nos anos 70, constatamos que era impossível. Nos anos 80, resolvemos ganhar dinheiro". *J Y N*

THE EYE OF THE HURRICANE — The Alarm (CBS)

O grupo galês Alarm, que despontou nos idos de 83 como uma energética mesclagem de trad-folk com punk (via Clash) com uma deliciosa nuance dylanesca ao fundo, após um álbum arrebatador (*Declaration*) e um apenas mediano (*Strenght*), reaparece em *Eye of the Hurricane* (de 87), o trabalho mais fraco de sua carreira.

O quarteto optou por fórmulas convencionais, abusando de timbres carregados nas guitarras, levadas de *MOR rock* na bateria e eventuais teclados (dois músicos convidados) que colaboraram em embolar os arranjos. Mesmo assim na folk-ballad "Hallowed Ground", na dylanesca "One Step Closer to Home" e na springsteenesca "Permanence in Change", eles mantêm a insaciável chama que os caracterizou. *F.N*

RELIGIO — Heróis da Resistência (WEA)

Bandas que incluem *make-up* como credito em seus discos sempre me suscitaram desconfiaça. E este *Religio* nao faz mais que confirmar tal suspeita. Num assomo de pretensão, os Heróis da Resistência assumem a *pole position* dos *poseurs* tropicais, se valendo de uma poesia fabrica para tentar corroborar esta bobagem, gravada e muxada em Londres. Aí abrigados, há desde arranjos insossos até um estapafúrdio instrumental, recheado com solo de bateria e sampleagens inúteis. Preocupados apenas com o supérfluo, Leoni & cia. acabaram se esquecendo do único item indispensável — a música.

A G C.D

WHALES ALIVE — Paul Halley & Paul Winter (SBK)

Este álbum atrai de cara a simpatia, pela presença do logotipo da WWF (World Wildlife Fund) impresso na contracapa, com o famoso desenho do panda, ao lado do qual está escrito que os royalties dos artistas sobre as vendas serão revertidos a essa associação mundial para a proteção dos animais.

Um dos artistas em questão é Leonard Nimoy, o Doutor Spock em pessoa, que faz a narração de textos literários nos intervalos deste réquiem para baleias e orquestra. Sobre uma arrebentação musical (em que os teclados predominam) dirigida por Roger Payne, Paul Halley e Paul Winter, as baleias, gravadas *in loco*, mostram que têm mais talento que muitos cantores que andam por aí.

J Y.N

THE GENIUS OF THE ELECTRIC GUITAR — Charlie Christian (CBS)

Trata-se de uma edição reduzida do álbum duplo lançado ano passado pela mesma CBS — em tiragem limitada, junto às lojas Brenno Rossi —, agora em sua série *Jazz Masterpieces*. Nada mais justo, pois através deste LP e de seu antecessor finalmente chegam às nossas estantes discos representativos desse que é inegavelmente o patrono da guitarra elétrica. Foi ele quem nivelou a linguagem do instrumento — ainda em seus primórdios — às experiencias sonoras desenvolvidas pelo sopros de gênios como Lester Young, Dizzy Gillespie e Charlie Parker. E foi em sua curta carreira no circuito de jazz novaiorquino que Christian — entre 1939 e 1941 — conseguiu nos deixar um legado inestimável, representado neste LP por sua atuaçao no sexteto do clarinetista Benny Goodman — mesmo sem a presença do *band leader* em duas faixas, "Blues in B" e "Warmin for Benny" —, que se estendeu a sua orquestra (presente na faixa "Solo Flight"). Um vôo sonoro. *C.P*

TRACY CHAPMAN (WEA)

Ela surgiu em meio ao *boom* de cantoras folk estimulado pelo sucesso de Suzanne Vega no ano passado. Ela surgiu no meio universitário, onde, há duas décadas, Joan Baez e Bob Dylan desfilavam repertório semelhante. Suas canções falam de revolução social, gente procurando um lugar ao sol, vizinhos que batem em mulheres, incompetência policial, racismo e críticas ao capitalismo. Sua trajetória a levou da capa da revista *Rolling Stone*, lugar onde uma mulher negra não é vista há anos, à turnê mundial da Amnsta Internacional e à lista dos LPs mais vendidos dos EUA. Sua voz de contralto, porém, nao traz novidades, soando como Joni Mitchel. O saudosismo dos anos 60 aprova as reminiscências, 1968 está definitivamente em voga. Tracy atualizou o altruismo populista, mas não é fácil engolir a falta de sutileza de seus versos, como em "Por que os bebês devem ficar famintos se há comida suficiente para alimentar o mundo..." E se a poesia urbana de "Fast Car" é um achado, "Baby Can I Hold You", que toca na novela da Globo, é brega de doer. De qualquer modo, sua estréia a coloca acima da média americana. *M.P*

O TALENTO DE SYLVIA TELLES (EMI-Odeon)

Madrugada do dia 17 de dezembro de 66. Na estrada de Maricá, Rio, um caminhão na contramão colidia com um carro, destroçando-o. Dentro do carro estava Sylvinha Telles, 32 anos, musa da bossa nova e uma das maiores cantoras brasileiras. Parece que estava escrito. Dois anos antes, ela dizia ter visto a morte de perto num desastre de automóvel. Em sua curta carreira, iniciada aos 21 anos em teatro de revista (*Gente Bem e Champanhota*), em que cantava o samba "Amendoim Torradinho", Sylvinha gravou cinco LPs, o primeiro deles em 57, *Carícia*, em que a bossa nova engatinhava com "Chove Lá Fora" (Tito Madi) e "Se Todos Fossem Iguais a Você" (Jobim e Vinícius), as duas contidas nesta coletânea muitíssimo bem-vinda. Afinal, além da voz de Sylvinha — parecida com ela, extrovertida e ao mesmo tempo contida e modulada por seu traje costumeiro, colant preto e meias idem —, o repertório desta seleção resgata parte substancial do percurso da bossa nova.

O álbum duplo abre com "Dindi", marca registrada da cantora, de Tom Jobim e Aloysio de Oliveira. Aloysio, que viria a se casar com Sylvinha em 63, foi o responsável maior pela divulgação e explosão da bossa nova nos EUA e mentor do selo Elenco, de saudosíssima memória (quando é que uma boa alma vai abrir todos esses baús para ouvidos tão carentes de harmonia?). "A Felicidade", de Tom e Vinicius, nos lembra que de lá para cá nada mudou ("A felicidade do pobre parece a grande ilusão do carnaval... pra tudo se acabar na quarta-feira"). "Só em Teus Braços", de Tom, lembra o exacerbado (e bonito) romantismo de um movimento num tempo em que o Rio era Guanabara e as coisas eram risonhas e francas (sim, antes dos militares e do Sarney, o ar andava cheio de promessas). "Duas Contas", do talentoso violonista Garoto, escancara possibilidades harmônicas. "Eu Sei Que Vou Te Amar" (Tom e Vinicius), regravada por Caetano, fala das transitórias certezas dos fogos das paixões. A boemia em que circulava a bossa nova aparece em "Foi a Noite" (Tom e Newton Mendonça): "Foi a noite... ilusão, eu bebi talvez". E a desilusão fica por conta de "Canção da Volta" (Ismael Neto/Antonio Maria), com seu "nunca mais vou fazer o que meu coração pedir". Uma antologia imperdível, com muito a se aprender e recuperar.

José Eduardo Mendonça

SHADAY — Ofra Haza (WEA)

Ofra Haza nasceu em Israel de pais iemenitas. Nos kibutzim, é uma estrela desde os 15 anos e já gravou vinte álbuns que viraram todos ouro ou platina. Sua voz, extraordinária, já foi comparada àquela da princesa inca Yma Sumac.

Esta coletânea abre mais uma porta para a descoberta da *world music*. Uma descoberta por certo instrutiva, mas que não vai sem apresentar perigos para os interessados desavisados. "I'm Nin'Alu," que abre o disco, sua primeira canção de estatura internacional, contém letras escritas pelo Rabbi Shalom Shabazi, no século 17. Nessa música, Ofra é acompanhada por um conjunto de percussionistas que batucam com as mãos sobre barris de petróleo. O resultado seduziu os integrantes do Coldcut, feras da *house* inglesa, que samplearam (sem autorização) a voz da cantora para inseri-la ao remix que fizeram de "Paid in Full", de Eric B. & Rakim. Pode parecer um sacrilégio, já que Ofra carrega em sua voz o carisma de uma tradição secular. No entanto, longe de se embaraçar com essa pesada herança, ela escreve e interpreta canções definitivamente voltadas para 1988, recorrendo à mais moderna tecnologia de estúdio. Se composições como "Eshal", "Love Song" ou "Shaday" resumem com certa felicidade a forte personalidade da música popular de seu país, as outras são esmagadas pelo uso abusivo da bateria eletrônica e dos teclados, que têm o poder de uniformizar tudo. Moral da história: o tecnodisco israelense é igual a todos os tecnodiscos do mundo. Mesmo assim, vale a pena conhecer.

J V N

BRUCE SPRINGSTEEN (CBS)

Lançamentos de *extended plays* são raros no mercado nacional. Este aqui, por exemplo, só se justifica pela recente passagem de Springsteen pelo Brasil, dentro do projeto comemorativo da Anistia Internacional.

São quatro faixas. "Spare Parts" comparece em duas versões, uma extraída do LP *Tunnel of Love* e outra de um show na Inglaterra. Há, ainda, a levada rock'n'roll de "Punk Cadillac" e o emocionante resgate de "Chimes of Freedom" — da safra 1964 de Bob Dylan — ao vivo na Suécia.

A G C D

DON'T BE AFRAID OF THE DARK — The Robert Cray Band (PolyGram)

A vertente musical do guitarrista Robert Cray guarda certos paralelos com aquela desenvolvida anteriormente por B.B. King, ou seja, incorporar ao blues puro um toque de soul e R&B, transformando-o num artigo pop convenientemente embalado. Mas, enquanto King e sua Lucille fazem isso com brilhantismo há três décadas, Cray com sua Stratocaster limita-se a diluir essa fórmula, conseguindo um pastiche convincente que chega até a impressionar certas alas de público e crítica. O *release* estampa Cray dizendo que este é um LP "cool". Alguém deveria avisar ao moço que esse adjetivo não se aplica a um disco de um *real bluesman*.

C.P

WHITE COATS — New Model Army (EMI-Odeon)

Em 1640, lacerada pela guerra civil, a Inglaterra assistiu ao surgimento do New Model Army, um partido cujos militantes, os "levellers", reclamavam por mais justiça e pela abolição dos privilégios da elite governante.

Em 1983, Sade The Leveller e seus comandos sônicos retomaram o combate e, passados cinco anos, o NMA se mantém fiel às premissas originais, como atesta este seu quarto LP, onde no lado 1 uma música dura e obsessiva emoldura críticas rascantes à ciência ("White Coats"), ao moralismo hipócrita ("Chinese Whispers") e ao admirável mundo novo ("Charge"). No lado dois, temas já gravados em estúdios são repassados ao vivo com raro poder de fogo. Obrigatório.

A G C D

GO BACK — Titãs (WEA)

O que artistas de formações e estilos tão díspares quanto A Cor do Som, Toquinho, Beth Carvalho, A Cor Valença, Paralamas do Sucesso, Gilberto Gil, Elba Ramalho, Pepeu Gomes e Baby Consuelo, Moraes Moreira e Ivinho poderiam ter em comum? Simples: o fato de todos eles — assim como os Titãs — terem um disco gravado ao vivo em Montreux. Será esta compulsão à repetição um tique de *marketing*? O sinal de uma epidemia circunscrita aos nossos executivos do vinil? Ou o quê?

Seja qual for a resposta a essas indagações, ao menos uma coisa é certa — o título deste LP não poderia ser mais sintomático. Senão, vejamos.

Ao formular seu celebre conceito de regressão, Freud falava de um retorno da libido — frente a poderosos obstáculos externos — a níveis de desenvolvimento anteriores. Os Titãs cansaram de declarar à imprensa que não pretendiam fazer um disco no cassino suíço. Sua gravadora, entretanto, "sugeriu-lhes" exatamente o contrário. Configurava-se, assim, um caso de neurose.

Felizmente, este ir para trás foi trabalhado de forma adequada, fazendo com que a frustração inicial acabasse dando lugar à sublimação. E investindo num grupo de composições mal resolvidas — em gravações prévias, a banda conseguiu redimensionar sua diversão — "A vida até parece uma festa, em certas horas isso é o que nos resta... ficar frágil como uma criança, só por medo ou insegurança... diversão é solução sim, diversão é solução pra mim". As imagens dos Titãs-crianças impressas na capa de *Go Back* são a síntese perfeita desse trajeto.

De um lado, músicas como "Marvin", "Não Vou Me Adaptar" e, sobretudo, "Pavimentação" ganharam releituras muito interessantes, adquirindo total sintonia com o repertório atual. Do outro, triunfa a atmosfera lúdica, ainda que levada na garra, ainda que levada na marra, e que se instala a partir de "Polícia" e "Cabeça Dinossauro".

Ao final do catártico tratamento imposto a "Lugar Nenhum", só nos resta a certeza de que *Go Back* marcou um avanço para os Titãs.

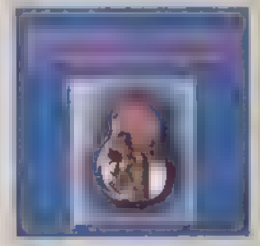
Arthur G. Couto Duarte

RIO GRANDE DO ROCK — Vários (SBK)

As gravadoras precisam tomar vergonha na cara e acabar de uma vez por todas com os nefastos paus-de-sebo. Além da produção mesquinha e da divulgação (?) precaríssima, os critérios para a escolha dos participantes quase sempre privilegiam a mediocridade.

No presente caso, só Julio Reny diz a que veio. Aliás, expô-lo a um picadinho desses é a prova definitiva da falta de sensibilidade dos executivos do vinil. Seu "Expresso Oriente" é simplesmente genial, pop de dezoito quilates, feérico, que por si só valeria o acesso a um LP. Já o entulho restante nem sequer é digno de nota.

A G C D



THE PROGRESSIVE BLUES EXPERIMENT — Johnny Winter (EMI-Odeon)

Não é o trabalho mais recente do albino *bluesman*, como pensam alguns desavisados. Foi tirado de uma *demo* deixada por Winter em 68 na Imperial Records, que a lançou (contra sua vontade) simultaneamente ao primeiro LP dele na Columbia, já em 69. Mesmo aqui no Brasil, é relançamento. Mas, mesmo assim, é um trabalho de peso, mostrando as raízes de Winter vindas do Mississippi, como em "Rollin' and Tumblin'" (de Muddy Waters), "Help Me" (Willie Dixon) e na adaptação acústica de "Broke Down Engine". Poucos brancos até essa época tinham interpretação tão negra quanto Winter, que, com a voz, desafinava sua própria agilidade nas cordas, notada aqui em "It's My Own Fault" e na homenagem a seu ídolo Muddy Waters em "Tribute to Muddy".

L.R.

BACK BY POPULAR DEMAND — Kurtis Blow (PolyGram)

Enfim, o autoproclamado rei do rap volta ao vinil após um afastamento de dois anos e ele — que já foi o homem da boca mais rápida do Bronx — continua se dizendo imbatível. Frases como "I'm the king" e "I'm the master" sublinham *Back By Popular Demand* de ponta a ponta. E sua petulância se estende ao oferecimento de lições aos *rappers* da nova geração.

Entende-se: Kurtis Blow foi, além de um pioneiro cativante em seus primeiros discos, o primeiro *rapper* a alcançar a marca de meio milhão de cópias vendidas com uma canção, em 1979, rompendo o restrito circuito de festas-bailes do Bronx. Grupos como Full Force, Fat Boys e mesmo Run-DMC já o consideraram seu padrinho. Entretanto, Kurtis Blow polemizou recentemente com os contratados do selo Def Jam, dizendo que a música de grupos como Run-DMC e Beastie Boys não era rap. Ao mesmo tempo, gravou uma música com Bob Dylan e se mudou da sujeira de Nova York para as proximidades de Hollywood, de olho no mundo cinematográfico, estimulado pelo relativo sucesso de *Krush Groove*, filme em que desempenhou um papel de destaque. Agora, se diz "de volta, atendendo a pedido popular".

Este é já seu oitavo LP e celebra os velhos tempos do rap, pré-guitarra elétrica, pré-sequenciadores. Os samplers estão presentes, mas usados como o tradicional sistema de som das festas dos anos 70. O que eles tocam não podia ser mais década passada. O lado A, por exemplo, encerra com três incursões em funks standards de James Brown, com o curioso detalhe da ficha técnica indicar o solerte surrupio. O embalo 70's também se manifesta via um cover de "Express Yourself", hit de Charles Wright & the Watts 103rd Rhythm Band, além de vocais de *fly girls* fazendo coringo de fundo.

A reciclagem é radical, uma aposta na tradição dançante da música negra americana, que resgata o sangue extinto na atual produção de hip hop. Sai o experimentalismo e entra a celebração.

E, no final, nem tudo gira em torno da coroa de Blow. Em "Only the Strong Survive", a melhor faixa do LP, há rua, polícia, drogas e morte, o que hoje, na América, também é popular.

Marcel Plasse

DELIRIUM TREMENS — Kaes Vadius (Ataque Frontal)

Reduzidos a um quarteto pela defecção do saxofonista Marcos Veia, os Kães Vadius ressurgem do hiotério mais bulhentos do que nunca, desta feita num mini-LP gravado em 45 rotações. Ao incorporar o espírito do Barão voo Frankenstein, o produtor André Christovam — que já havia dado uma canja com sua guitarra no disco anterior — soube por bem suturar os membros descamados do rockabuly morto-vivo dos Kães e, mediante uma providencial descarga de eletricidade, anular as falhas presentes em *Psychodemia*.

Assim, o grupo ganhou muito em *punch* e concisão, as guitarras se hipertrofiaram nos lugares certos e apenas os recalcitrantes "uou uou" do vocalista Hulk soam incômodos.

Dentre as seis faixas — sem contar o *feedback* agônico que fecha o lado V — as mais interessantes são "Vampirismo", "Adamastor, o Suicida" e "Baratas Grandes".

A G C D

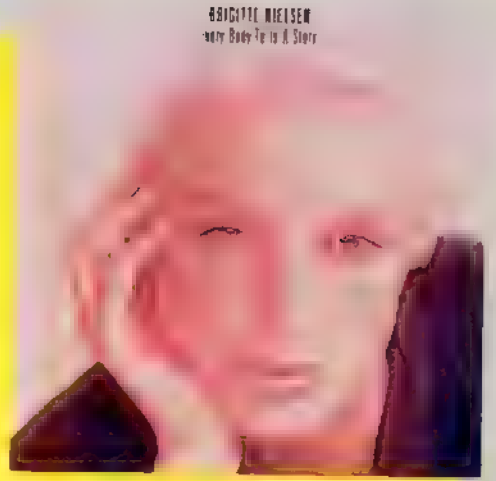
PARA FICAR CONTIGO — Ritchie (PolyGram)

No selo, uma imagem cândida — um punhado de nuvenzinhas, quais flocos de algodão, esparramadas sob um céu azul-anil. Na capa, uma fotografia desfocada do cantor — a cabeça jogada para trás, os olhos cerrados. Nos sulcos, a cristalização de uma cantilena infrabridinal que faz a festa das garotinhas, perdidas em devaneios com seus travesseiros na calada da noite.

Dizem que não se deve mexer em time que está ganhando, e foi exatamente isso que Ritchie fez ao ocupar — pela primeira vez — o cargo de produtor, mantendo intacta a fórmula que o consagrou nos quatro LPs anteriores. Tudo bem, este é o caminho certo para as estações de rádio, mas... e daí? Mesmo para quem diz desejar ser apenas um cantor de música pop, a previsibilidade e a monotonia não são, certamente, as melhores companhias. Sua tecnoparceria com a poesia *one way* de Bernardo Vilhena, por exemplo, está mais que esgotada. Resgatar composições de autores como Vinicius Cantuária e Charly Garcia também não ajuda em nada. Do jeito que está, o título de uma das faixas resume a questão: "Déjà Vu".

A G C D

RAPIDO & RASTEIRO



"Uma pavorosa maldição aguarda quem abrir esse sarcófago." Não acredite. Além do que, se não comentar esses discos, posso padecer de um destino ainda mais cruel. Contudo... Que guinchos horripilantes serão esses? É... E... rhythm'n'blues italiano! Bleargh! Isso é pior do que o Filho da Bo.ha! **BLUE'S** (PolyGram), o quarto LP de **Zucchero "Sugar" Fornaciari,** frequentador do festival de San Remo, tem a participação de **Clarence Clemmons,** saxofonista de Bruce Springsteen. Entretanto algumas faixas parecem Roberto Carlos" ■ Pior que blues italiano só mesmo bolero vertido para o português em montagem condensada. O **Trio Irakitã** é o responsável pela gosma no LP **ANTOLOGIA DO BOLERO** (EMI-Odeon) ■ A série Antologia ainda tem outro Frankenstein, **ANTOLOGIA DO PARTIDO ALTO.** Valha-me Oxalá! Os restantes, **ANTOLOGIA DA FOSSA** e do **SAMBA-CANÇÃO,** foram salvos da fogueira graças a clássicos como "Chove Lá Fora", de Tito Madi, e "Eu e a Brisa", de Johnny Alf, que são torturados pela seleção que os acompanha de Simones e Djavans. Nem Jekyll e Hyde foram tão ecléticos! ■ O grupo **Sagrado Coração da Terra,** no LP **FLECHA** (CBS), é possuído pelo espírito do grupo 14-Bis. Exorcista neles! ■ O saxofonista **Léo Gandelman** investiu no musak solo. Seu LP **OCIDENTE** (PolyGram) chega a trazer um monstro de mil dedos, o terrível César Camargo Mariano ■ E um goiano, vítima de radiação, de ira em se tornar Ivan Lins. Já conseguiu ter uma das músicas do LP que leva seu nome, **JOÃO CAETANO** (Continental), na trilha da novela *Fera Radical* ■ O resultado de **SMALL WORLD** (CBS), novo LP de **Huey Lewis & the News,** não é diverso: ataque de emburrecimento auditivo ■ **WILL TO POWER** (CBS) é o LP homônimo de **Bob Rosenberg,** cantor, músico e produtor obscuro que tenta ser um link entre house e Madonna. Usa até sampler de James Brown em sua formuleta mágica, mas não consegue disfarçar o cheiro de armação, tão forte quanto o de múmia de Boris Karloff ■ **FLIRT** (EMI-Odeon) é o novo LP da ex-cinfeta **Evelyn King.** Ataca de *funk charm*, essa meleca romântica que começa a dar náuseas ■ **MOTHER WIT** (CBS), de **Betty Wright,** vai pelo mesmo caminho, mas descobre que o buraco é mais embaixo, dançante e hip ■ O artefato mais esperado deste sarcófago amaldiçoado enfim aparece: a arca perdida com o LP de estréia de **Jane Wiedlin,** a ex líder das **Go-Gos,** produzido por **Stephen Hague** (Pet Shop Boys, New Order). **FUR** lembra The Motels e outros grupinhos mumificados ■ A ex Mrs. Stallone, **Brigitte Nielsen,** depois de ter sido modelo, duelado com Schwarzenegger no filme *Guerreiros de Fogo* e bancado a malvada com Eddie Murphy em *Um Tira da Pesada II* comete **EVERY BODY TELLS A STORY** (PolyGram) ■ A sangue-frio **Pat Benatar** surgiu no *boom* de cantoras americanas do final dos anos 70. A pequenina tentou ser o Billy Idol de saias. Não conseguiu. O LP **WIDE AWAKE IN DREAMLAND** tenta outras saídas, sem chegar a lugar nenhum ■ O quarteto **Cheap Trick** também teve a sua chance na virada da década. Seu roquinho é muito ingênuo para esses tempos de horror. A melhor faixa de seu novo LP, **LAP OF LUXURY,** é um cover que fica devendo muito ao original de Elvis Presley ■ Por falar em covers, nada mais insólito do que o LP **BORN 2 B BLUES** (EMI-Odeon), de **Steve Miller,** que transforma "Zip-A-Dee-Doo-Dah", clássico Disney, e "God Bless the Child", de Billie Holiday, na mesma musak de elevador. Um autêntico *remake* de *Elevador sem Destino* ■ A maldição continua. **OUT OF THIS WORLD** (CBS), do grupo **Europe,** traz sotos cheios de escalas banais, pianinhos impertinentes, arranjinhos piegas grandiloqüentes e ainda tenta passar por heavy metal. Piedade! ■ Mas o pior... *God! The worst!* Pior do que filme de terror B. É **SAVAGE AMUSEMENT** (PolyGram), o novo LP do grupo alemão **Scorpions.** O disco enfoca as várias tentações, físicas e espirituais, a que os integrantes da banda estiveram sujeitos em suas incursões pelo planeta. Vou vomitar.

Marcel Plasse

OVER NIGHT

Uma overdose de som, luzes e efeitos especiais.

Com este TICKET você ganha 20% de desconto no valor do ingresso.

Válido até 31-01-89 INDIVIDUAL

Rua Juvenal Parada,35-Mooca.f.92-1070-291-3362

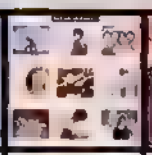
PACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT DISC ♩ COMPACT

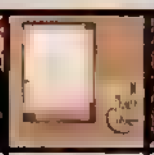
Amantes não só da boa, como da Melhor música — e privilegiados o suficiente para arcar com o custo de um CD na recessão vigente — têm um ótimo motivo para ir até a loja da esquina: **URUBU** (WEA) de **Tom Jobim**, um monumento da hipersensibilidade do maestro em suas vertentes favoritas, do "brazilianismo" de "Boto" ao "romantismo" de "Lígia" (talvez exista *love song* mais bonita em algum baú empoeirado da MPB, mas eu não conheço) ⊗ Os outros destaques do mês ficam por conta da série **GRANDES SUCESSOS** (Som Livre), com volumes dedicados a **Jorge Ben** Ben (safra 77-84), **Rita Lee** e **Roberto** (com as pérolas pop "Mania de Você" e "Lança Perfume") e **Agepê** (incluindo o clássico "Deixa Eu Te Amar")⊗ Por fim, os CDs **VIRGEM** (PolyGram), de **Marina, YAUARETÉ,** (CBS) de **Milton Nascimento,** e **A MOMENTARY LAPSE OF REASON** (CBS), com o **Pink Floyd** ou o que sobrou dele após a saída de Roger Waters.

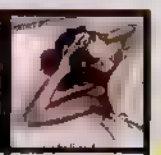
José Augusto Lemos

GRAVADORAS INDEPENDENTES SBK - R. da Glória 290, 7º andar, Rio de Janeiro/RJ (021) 221-4166 ATAQUE FRONTAL - Cx. Postal 54213 São Paulo/SP (011)257-1518

BOLSA DE DISCOS







	TOUGHER THAN LEATHER (Run-DMC / PolyGram)	DOLCE CONSTANZA (EMI-Odeon)	LOVELY (The Primitives / BMG-Ariola)	NOUVELLE CUISINE (WEA)	DREAM OF LIFE (Patti Smith / BMG-Ariola)	CORAÇÃO IMPRENSADO (Eugenia Melo e Castro / EMI-Odeon)
Arthur G. Couto Duarte (Rádio Liberdade, BH)	●	🎧	🎧	🎧	☹🎧	●
Fernando Naporano (O Estado de S.Paulo)	😐🎧	😐🎧	🎧	😐🎧	😐🎧	😐🎧
Jose Eduardo Mendonça (BIZZ)	😐🎧	😐🎧	😐🎧	😐🎧	😐🎧	😐🎧
Jean-Yves de Neufville (Folha da Tarde, SP)	☹🎧	☹🎧	☹🎧	☹🎧	☹🎧	☹🎧
Marcel Plasse (BIZZ)	😐🎧	😐🎧	🎧	●	☹🎧	●
Bia Abramo (BIZZ)	☹🎧	☹🎧	🎧	🎧	🎧	🎧
Celso Pucci (BIZZ)	●	☹🎧	☹🎧	●	☹🎧	☹🎧
Marco Smirkoff (Folha de S.Paulo)	☹🎧	☹🎧	🎧	🎧	●	●
Hagamenon Brito (A Tarde, Salvador BA)	😐🎧	😐🎧	🎧	🎧	😐🎧	●
Alex Antunes (SET)	😐🎧	☹🎧	🎧	🎧	🎧	🎧
Jose Augusto Lemos (BIZZ)	😐🎧	😐🎧	😐🎧	😐🎧	😐🎧	😐🎧
Leopoldo Rey (FM 97 Santo André, SP)	☹🎧	☹🎧	☹🎧	☹🎧	😐🎧	●

Ótimo 😐🎧 — Bom 😐🎧 — Interessante 😐🎧 — Razoável ☹🎧 — Fraco 😐🎧

MARISA MONTE

nas lojas, em dezembro
LP, K7 e Compact Disc

EMI

Por Sônia Maia, Luiz Cláudio Oliveira (Curitiba), Arthur G.C. Duarte (Belo Horizonte), Oliveira Antunes (São Paulo) e Tom Leão (Rio de Janeiro)

A voz — natural ou "tratada" — é o instrumento que o mineiro Aum vem pesquisando há cinco anos, tanto em nível de novas articulações fonéticas quanto na extração de timbres inusitados através de samplers. Atualmente compondo as bases de um trabalho que desenvolverá a quatro mãos com o polivalente Akira S, Aum deverá estar brevemente mostrando seus sons no circuito alternativo paulista. Olhos e ouvidos atentos, portanto.

Apesar dos shows escassos, Xitas é um dos novos grupos que mais têm impressionado o público por aqui. Sua música tem um drive desatinado e flui principalmente à custa do guitarrista Miguel, dono de um fraseado único, que concilia seu background adolescente — Peter Green, Hendrix e toda a escola dos sixties blues — à vertente *lux in tenebris* desta década. Ao seu lado, Gê (baixo), Nelson (bateria), Bruno (vocal) e uma onipotente bateria eletrônica.

Já o Grande Ah!, um dos pioneiros da cena local, passa por um período de intensa movimentação. Devido à ida de alguns integrantes para a França, o grupo viveu um estado cataléptico por meses. Ressurge, agora, ampliado por um naipe de metais e finalmente lança seu primeiro LP, de forma independente. Mesclando o funk aos cadentes ritmos latinos, sem esquecer as referências à ala "niakita" da MPB, o Grande Ah! mostra que voltou para ficar.

Clang! Os industrialistas surgem no Rio. "Como?", perguntaria o leitor. Isso mesmo! Raubvögel — palavra alemã que significa ave de rapina — é o nome desse grupo que não poderia ser de outro lugar senão Bangu, o bairro-cidade da zona oeste carioca, nascido e batizado por causa de uma fábrica de tecidos. Eles já fizeram dois "shows", um no Suburban Dreams e outro no Cenário, onde dividiram o palco com a não menos barulhenta Black Future. O Raubvögel é formado por Anderson, Arafat, Suely, Ivan Jorge e L. Motta e já possui uma fita demo lançada e distribuída nacionalmente em Santa Catarina (?!?!). Nela constam, entre as "músicas", "Os Terríveis Aspectos de Raubvögel" e "Isso Não Vai Dar Certo", ensaios e ruídos diversos, incluindo o som original do filme *Blade Runner*. Os que quiserem conhecer o "som" dos rapineiros de Bangu devem escrever para a C.P. 28153, Bangu, RJ, CEP 21840. Haja algodão!

Do outro lado temos os grupos A Mosca, Banda Quarto Crescente, Favoritas da Marinha, Brasil Palace e Grande Trepada (Big Trep) lançando fitas demo nas alternativas e mesas de gravadoras. Todos, cada um em seu estilo, possuem potencial para emplacar. Já o Saara-Saara aguarda resposta da Odeon — com uma forcinha de André X, da Plebe Rude. Essa duplinha tecno-dada vai longe.

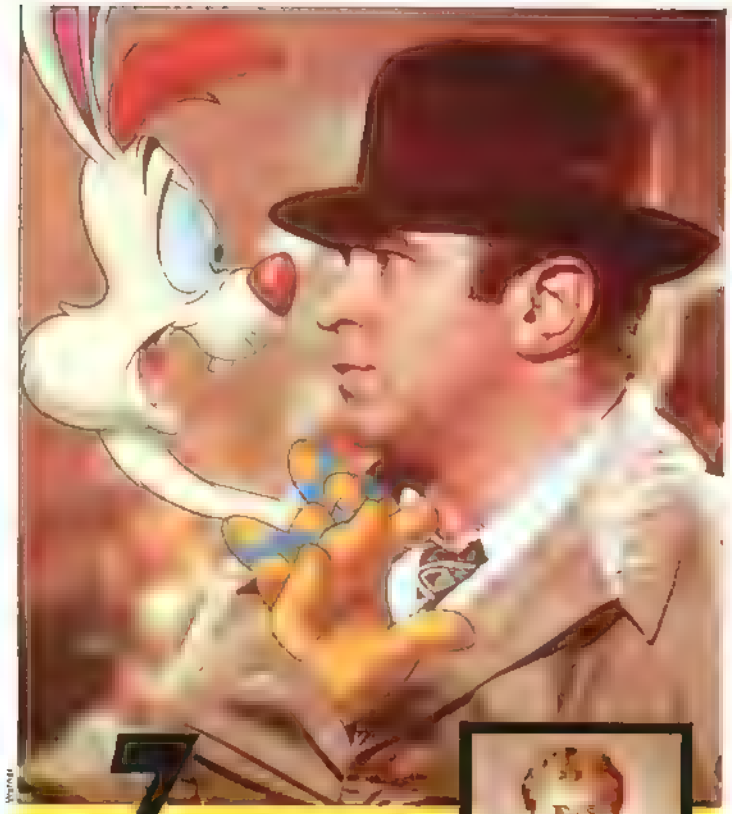
Sob o rótulo erudito de *música eletroacústica*, estreou, em meados de novembro, num show no Sesc Pompéia (SP), o quarteto Nomenclatura, na verdade um saudável *crossover* de referências musicais. Formado por R. H. Jackson (co-fundador dos pioneiros Voluntários da Pátria, que deixou o grupo para uma temporada nos EUA), Lika Meinberg, Marcelo Brissac e Lívio Tragtenberg (conhecido por vários espetáculos, trilhas e projetos multimídia, além de dois discos próprios), o grupo rebate obsessivas seqüências eletrônicas e baterias programadas com os sopros de Tragtenberg (saxofones) e Marcelo (flauta). Jackson e Lika se alternam nos teclados computadorizados, percussão e vozes, com espaço ainda para a *noise guitar* eventual do primeiro. "É saudável tocar e compor com músicos tão diferentes, que tempos atrás nem se sentariam para beber juntos. O Marcelo tem formação erudita, mais voltada para o barroco. Eu, para o contemporâneo. O Jack é mais rock; o Lika, jazz-rock", diz Lívio. Mas o resultado é orgânico e envolvente — particularmente em um dos pontos altos do show, o "Pós-Tango". Nomenclatura prova que é até capaz de se apropriar de referências populares para fazer uma música avessa ao pastiche, inteligente porém emotiva. O grupo prepara mais apresentações para antes do ano, ao mesmo tempo em que registra em estúdio seu repertório.

Como foi citado no Ao Vivo da edição anterior — Rock Conexão Brasil —, Curitiba prepara o lançamento em vinil de suas bandas mais representativas. O LP sai pelo mais novo selo independente, chamado Vinil Urbano, que lança, ainda, discos das bandas paulistas MR-8 e Maria Angélica Não Mora Mais Aqui. Esta última já conseguiu criar uma pequena quantidade de fiéis e aficionados fãs. Interessados podem escrever para a C.P. 18400, São Paulo, capital, ou ligar para (041) 243-9228 e falar com Júnior ou Vilma.

O LP que trará os curitibanos se chama *Cemitério de Elefantes* — uma clara referência a sua cidade (o escritor Dalton Trevisan tem uma obra com esse nome). E isso já diz tudo: um lugar difícil de ser encontrado mas que esconde tesouros. Beijo AA Força, Ídolos de Matinée, Tessália e Bons Garotos Vão Para o Inferno compõem o coquetel.

ROBERT ZEMECKIS

E SUA CILADA PARA O TÉDIO



Zemeckis é o homem que já nos levou De Volta Para o Futuro e agora nos leva além da imaginação pela mão (ou pata?) de um coelho histérico e de uma vamp de acetato...

Uma Cilada para Roger Rabbit não é apenas o primeiro cartoon *noir* da história do cinema. Não é apenas o primeiro filme onde personagens de desenho animado convivem — no mesmo plano, na mesma imagem, durante todo o filme — com atores reais. Não é apenas a maior invenção de Hollywood desde, justamente, os filmes *noir* e os cartoons. *Uma Cilada para Roger Rabbit* é o prazer supremo do cinema-espetáculo. 1 035 efeitos óticos, 300 desenhistas trabalhando em tempo integral durante dois anos, supervisionados pelo canadense-londrino Richard Williams (ex-*Pantera Cor-de-Rosa*). 1 440 desenhos necessários para uma cena de apenas dez segundos. 56 minutos de animação. Cinco meses de filmagens. Pós-produção interminável, incluindo efeitos especiais na Industrial Light & Magic, de George Lucas. Associação olímpica: estúdios Disney ("Nós éramos moralmente obrigados a fazer esse filme"), Steven Spielberg, George Lucas e Robert *Back to the Future* Zemeckis na direção. Colaboração de todos os grandes estúdios. Orçamento guerra-estelar de 45 milhões de dólares.

Roger Rabbit causa furor na América desde sua aparição no auge do verão. Causou prazer destrambelhado à crítica do mundo inteiro em sua pré-estréia européia no Festival de Veneza, em setembro. Não poderia ser diferente. *Roger Rabbit*, o filme, tem Bob Hoskins como um êmulo de Philip Marlowe na Hollywood de 1947, sua sensual amiga Dolores, um produtor alucinado de desenhos animados (R.K. Maroon), um vilão (Doom), um coelho histérico (Roger Rabbit — o Pernalonga desta época), uma *pin-up* apoteose-do-pincel-erótico (Jessica) e a vida inimaginável dos toons — ou seja, os personagens de desenho animado, que vivem em um gueto, Toontown, trabalhando todos no cinema, e que estão, como nós, sujeitos a uma afinidade de caprichos e problemas com suas vidas privadas.

O enredo de *Roger Rabbit* é inenarrável. E este não é o ponto. O ponto é se submeter a este *maelstrom* de fantasia onde desenhos frente a cameras em constante movimento assumem uma amplitude e um volume jamais vistos no cinema, onde uma pin-up com voz de máxima carga lúbrica pode dizer "eu não sou uma *bad girl*. É, só que me desenharam assim...", e onde um ator (Bob Hoskins) foi capaz de ficar meses falando sozinho em sets de filmagem, falando com toons imaginários que depois seriam criados em pranchas miraculosas.

BIZZ — *Como você resumiria* Uma Cilada para Roger Rabbit *para quem ainda não viu o filme?*
Robert Zemeckis — *Uma Cilada para Roger Rabbit* é a história de um homem, uma mulher e um coelho envolvidos em um triângulo de problemas. Personagens reais e desenhos animados vivem e trabalham lado a lado no coração de Hollywood e se cruzam em um filme sobre o delito, a avidez, o sexo, a corrupção e os cartoons.

BIZZ — *Como se organizou, passo a passo, o processo de filmagem?*
Zemeckis — Primeiro filmamos todos os planos de ação ao vivo. Tínhamos que imaginar toda a animação. Para ajudar, tínhamos as vozes dos personagens de cartoon no set. Depois da fotografia principal, o filme foi editado em Los Angeles e gravamos as vozes dos cartoons na trilha. Cada fotograma passou pelo fotostato e foi ampliado. Richard Williams *(o diretor de animação)*, a partir daí, pôde começar os desenhos e mesclá-los à ação dos atores. Toda a filmagem da animação foi depois para São Francisco, onde a Industrial Light & Magic a mixou com os efeitos especiais. Um trabalho extenuante.

BIZZ — *Foi sua, desde o início, a idéia técnica de mesclar o jogo de atores com a loucura dos desenhos animados? Como vocês fizeram para contornar as dificuldades técnicas?*
Zemeckis — O meu objetivo básico era juntar três coisas: a articulação dos desenhos de Disney, os personagens dos "shorts" animados da Warner Brothers e o humor de Tex Avery, porém menos brutal. Eu queria toda a dimensão desses três estilos. Tivemos sorte de contar com uma das melhores equipes técnicas já montadas no cinema. Não se pode dizer que tivemos dificuldades. Era gente no ponto exato e no máximo de suas carreiras, sempre enfrentando um desafio. Quando nos perguntávamos: "Como é que se faz isso?", não podíamos nunca nos remeter a qualquer outro filme como referência.

BIZZ — *Muitos vão tentar reduzir o filme ao filão cinematográfico de nostalgia dos anos 40 e 50. O que você acha disso?*
Zemeckis — Eu não acho que exista na América uma tendência a prestar homenagem aos filmes do passado. Em relação a este filme em particular, a idéia era combinar dois elementos da história do cinema americano: o filme noir e os cartoons malucos. As duas formas me interessam muito. O filme noir — como os cartoons — foi uma das grandes invenções de Hollywood.

BIZZ — *Daí a mulher fatal e o detetive cheio de problemas.*
Zemeckis — Sim. Jessica foi baseada em um tipo de pin-up e de desenho de pin-up dos anos 40. Tem três modelos: Veronica Lake, Lauren Bacall e Rita Hayworth. O mesmo vale para o detetive Eddie Valiant. O bom desse filme é que, se você está imerso na história do cinema, vai encontrar uma série de piadas e citações. E, mesmo se não está, ele é capaz de atingir todo tipo de público.

BIZZ — *Você não perdeu os cabelos com o custo dessa epopéia?*
Zemeckis — Em março deste ano, estava em 32 milhões de dólares. Foi quando eu parei de perguntar para os contadores *(o custo total foi 45 milhões)*. Essa forma de arte é *labour-intensive*. Nunca o cinema teve artistas desenhando todo e qualquer fotograma. Nos filmes de Disney, desenhavam um sim e outro não. Nesse, tinham que desenhar todos, porque a câmera está em movimento o tempo todo. Esse filme, tecnicamente, é o mais elaborado até hoje. O cartoon inicial, de três minutos e meio, é uma celebração desse tipo de animação, mas com uma sensibilidade diferente.

BIZZ — *O plano-sequência inicial é de tirar a respiração. Tem movimen-*

"Enfrentamos um desafio. Quando nos perguntávamos: 'Como se faz isso?', nós não podíamos nos remeter a qualquer outro filme como referência"

tos de câmera de uma sofisticação fora do comum. Que câmeras e lentes vocês usaram? Como conseguiram essa magia?
Zemeckis — Eu não me lembro de quais as lentes que nos usamos, as suas especificações técnicas. Usamos duas câmeras desenvolvidas especialmente para este projeto. Filmamos em Vista Vision 1.8.5, com lentes esféricas. A imagem é bastante *sharp*. Em uma só tomada, sem edição, a câmera indo e vindo, temos o efeito desejado, que é o de provocar imediatamente, no espectador, a suspensão de qualquer possibilidade de ele não acreditar no que está vendo

BIZZ — *Como você analisa a condição atual dos desenhos animados, com o boom japonês na TV?*
Zemeckis — Eu não gosto particularmente do mecanicismo dos cartoons japoneses. No meu tempo, os cartoons eram a grande celebração de sábado de manhã na vida de um garoto. A minha crítica aos cartoons modernos é a animação limitada e ao fato de os personagens raramente se movimentarem. É um problema acima de tudo econômico. Para fazer um show de TV de meia hora a um custo efetivo, a animação deve ser cada vez mais pobre. É o que chamamos *poor animation*. Em *Roger Rabbit* os desenhistas faziam dez pés *(cerca de três metros)* de animação por semana. Na animação para a TV, devem fazer pelo menos noventa pés *(cerca de 27 metros)*. Em certas cenas de *Roger Rabbit* chegamos até mesmo a apenas três pés por semana, como na cena em que as balas de revólver saem em perseguição

BIZZ — *São muito interessantes alguns temas laterais de* Roger Rabbit, *relativos à especulação imobiliária e ao avanço dos grandes conglomerados. As brincadeiras subversivas são suas, aos roteiristas ou já estavam no romance original de Gary Wolf?*
Zemeckis — É uma mistura. Me interessam muito os subtextos nesse caso, como o progresso mudou a face de Hollywood para o mundo. A ação do filme transcorre no momento em que se está removendo o transporte público de Los Angeles. A partir disso começamos a brincar com a idéia de um gigantesco e diabólico complô organizado por poderes interessados em cobrir a cidade de freeways e milhões de carros

BIZZ — *Sua maneira de fazer cinema privilegia grandes espaços e é muito próxima dos cartoons. Você diria que com* Roger Rabbit *fez um cartoon adulto? Ou rejuvenesceu o cinema de ação?*
Zemeckis — Eu sempre considerei que o humor do cinema animado não deveria ser uma exclusividade do público infantil. É um sentimento que tem se desenvolvido nesses últimos tempos. O cinema de ação deve ter um apelo tanto para adultos quanto para gente jovem

BIZZ — *Para encerrar, três curiosidades. Sem Spielberg esse filme jamais teria sido feito? Quem escolheu a voz de Jessica — tão sedutora quanto a pin-up desenhada? E como você escolheu o elenco?*
Zemeckis — Esse filme só seria perfeito se combinasse personagens de desenhos animados de diversos estúdios. Só mesmo alguém com o poder de negociar diretamente, e com autoridade, com Warner Brothers, Disney, Universal, Paramount, como Steven, poderia nos conseguir os direitos de utilização. Jessica tem duas vozes. A voz do diálogo é de Katheleen Turner — que não cobrou nada pela sua participação. A voz da Jessica cantora é de Amy Irving *(também senhora Spielberg)*. A pesquisa de *casting* levou muito em conta as vozes dos atores. Eles deveriam ser capazes de uma *complete performance*, projetar-se ao espectador usando apenas a voz. É preciso muito talento para isso. Vozes são muito difíceis de escalar. Quanto a Bob Hoskins, eu o escolhi por causa de sua performance em *Mona Lisa*. E o nosso homem mau, Doom, só poderia ser Christopher Lloyd *(o cientista louco de* De Volta para o Futuro*)*. Ele sempre está mudando de rosto. Ninguém sabe como é a cara — e a atitude — do verdadeiro Christopher Lloyd...

Por *Pepe Escobar*
de Veneza

APRESENTAMOS 700 MOTIVOS PARA VOCÊ NÃO TIRAR OS OLHOS DA TELINHA.

Você não pode perder esta edição especial da revista SET,
com a seleção dos 700 melhores vídeos disponíveis nas locadoras.
Do romance ao policial, da comédia ao suspense, você
vai encontrar a ficha e o comentário dos melhores filmes
em cada gênero, inclusive dos que não foram exibidos
nos cinemas do Brasil.
Não faça fita. Garanta já seu exemplar de MELHORES VÍDEOS
na banca mais próxima

EDITORA AZUL

AVENTURA

CONTRA OCTOPUSSY (Octopussy, Inglaterra, 1983)
Direção: John Glen. Com Roger Moore e Maud Adams. Warner

Nesta história Roger Moore, como Bond, é obrigado (agradavelmente) a se defrontar com uma bela e sedutora inimiga: Octopussy (Maud Adams), que além de bancar um comércio de falsas jóias russas (em sua fortaleza na Índia, com um exército de gatunhas), colabora num plano que tenta explodir uma base americana na Alemanha Ocidental. Sem deixar de cair nos tentáculos de Octopussy, e com a que estiver por perto, Bond age como um notável super-herói: salta de cipós, luta de cima de um trem em velocidade, encara um tigre de bengala, voa agarrado às asas de um avião, e muito mais. Para garantir ação total, este 007 se aproxima da fantasia. *W.S*

JOGOS DE GUERRA (WarGames, EUA, 1983)

Direção: John Badham. Com Matthew Broderick, Ally Sheedy, John Wood. Warner

Aventurazinha eletrizante que revelou o jovem Broderick. Ele é um geniozinho do computador, que usa seus conhecimentos para mudar suas notas na escola. Acidentalmente, ele entra no computador que controla a defesa dos Estados Unidos. Baseado em fatos mais ou menos reais (no auge da febre dos micros domésticos, aconteceu mais de um episódio semelhante), o filme consegue ser divertido e alarmante ao mesmo tempo. Broderick, em sua primeira atuação como protagonista, surpreende nesse videogame antibelicista. *B.A*

COMÉDIA

CURTINDO A VIDA ADOIDADO (Ferris Bueller's Day Off, EUA, 1986)

Direção: John Hughes. Com Matthew Broderick, Jeffrey Jones, Alan Ruck, Mia Sara, Cindy Pickett, Jennifer Grey, Edie McClurg, Charlie Sheen. CIC

É uma pena ver o talento de Matthew Broderick desperdiçado numa comediazinha insossa como essa. Ele é Ferris Bueller, um aluno de colégio que usa de todos os expedientes possíveis para faltar às aulas e curtir a vida. Só que de "adoidado" o filme não tem nada: as maneiras que Bueller encontra pra se divertir são as mais inocentes e sem graça deste mundo. Para os fãs da brat pack, uma curiosidade: ver Jennifer Grey (*Dirty Dancing*) e Charlie Sheen (*Platoon*) em papéis menores. Veja ainda a sequência em que Matthew canta "Twist and Shout" e o final, onde está a melhor piada. O resto é bobagem. *M.A.G*

TOOTSIE (EUA, 1982)
Direção: Sydney Pollack. Com Dustin Hoffman, Jessica Lange, Bill Murray. RCA-Columbia

Risadas a valer nessa comédia absurda e romântica. Hoffman (excelente) vive dois papéis: ele é um ator desempregado e uma atriz de sucesso. Quer dizer, para conseguir um emprego, ele se traveste de mulher e ganha o papel. E, é claro, se mete em todas as confusões que esta situação propicia, como por exemplo, se apaixona por uma colega de trabalho (Lange) e esta pensa que ela (que na verdade é ele) é uma lésbica. Hoffman rouba a cena numa interpretação engraçada e tocante. *B.A*

DRAMA

A COR PÚRPURA (The Color Purple, EUA, 1985)
Direção: Steven Spielberg. Com Whoopi Goldberg, Danny Glover, Akosua Busia, Margaret Avery, Oprah Winfrey. Warner

A novela de Alice Walker foi o ponto de partida de Spielberg para o que é considerado seu primeiro filme "adulto". Ele abusa da tragédia e do melodrama para contar a saga da negra Celie (Whoopi), escravizada pelo marido, o Mister (Glover) e separada à força da irmã Nettie (Busia). Celie só adquire força e personalidade em escala humana quando Mister põe pra dentro de casa sua amante *blue singer* Shug Avery (Margaret). Encontros homossexuais apaixonados entre as damas são revelados com discrição apropriada. Afirma-se que este papel (Shug) teria sido endereçado a Tina Turner e que o talento de Whoopi Goldberg conquistou Spielberg, quando numa festa ela fez uma imitação do *E.T.* Foi com *A Cor Púrpura* que Spielberg tentou pela primeira vez, entrar para a galeria dos "oscarizados" — concorreu em dez categorias e se frustrou em todas. Fofocas à parte, o resultado é um espetáculo cinematográfico impecável na produção, mas prolixo e ingênuo no cômputo final. *D.G*

SEM DESTINO (Easy Rider, EUA, 1969)
Direção: Dennis Hopper. Com Peter Fonda, Dennis Hopper, Jack Nicholson. RCA-Columbia

Filme-síntese dos anos 60, resgata o espírito dos *road movies* incendiando-o com todas as inquietações da década, da ingenuidade do *flower power* ao futuro da contracultura. Dois aventureiros — Wyatt (Fonda) e Billy (Hopper) trocam uma pacoteira de coca pelo dinheiro que lhes permitirá viajar de moto em direção ao Carnaval de Nova Orleans. No caminho, entre um baseado e outro, encontram de tudo: de comunidades hippies que plantam verduras entoando mantras a caipiras reacionários que odeiam cabeludos. Conhecem também um advogado bêbado (Nicholson, num papel antológico), que se junta a eles na viagem e nas viagens. O filme ajudou a universalizar certos elementos da iconografia americana: motos Harley-Davidson com garfo longo e "santo antônio" altíssimo, capacetes com a bandeira dos EUA... Típica dos *sixties* é também a montagem "psicodélica", com a antecipação, num plano, de alguns fotogramas do plano seguinte. No mais é muito sexo, drogas, e dê uma olhada na trilha sonora: Jimi Hendrix, Steppenwolf, Dylan, The Band, The Birds... Suba na garupa. *J.G.C*

FELIZ ANO VELHO (Feliz Ano Velho, Brasil, 1988)

Direção: Roberto Gervitz. Com Marcos Breda, Malu Mader, Eva Wilma. Transvídeo

Roberto Gervitz acertou em cheio ao adaptar para o cinema o *best seller* de Marcelo Rubens Paiva. Escreveu um roteiro eficiente e soube construir imagens adequadas, resgatando a atmosfera do livro sem tornar-se chato. Ao abarcar o doloroso universo do jovem hiperativo que se torna tetraplégico, Gervitz soube manter o distanciamento suficiente para não demonstrar compaixão, desviando com segurança dos inúmeros clichês que cercavam seu caminho. Pena que, no vídeo, se perca o impacto da fotografia — com uma concepção cromática belíssima — e da ótima direção de arte. *C.F.M*

O EXPRESSO DA MEIA-NOITE (Midnight Express, Inglaterra, 1978)

Direção: Alan Parker. Com Brad Davis, Randy Quaid, John Hurt, Bo Hopkins, Irene Miracle. RCA-Columbia

Ao tentar sair da Turquia portando haxixe, um estudante americano (Davis) é preso pela polícia local no aeroporto e condenado pela justiça turca. A partir daí ele envereda por um calvário de torturas e maus-tratos pelos cárceres daquele país, enquanto seus familiares tentam libertá-lo. Baseado em história real vivida por Billy Hayes, o roteiro — escrito por Oliver Stone, que depois dirigiria *Salvador* e *Platoon* — foi premiado com o Oscar, assim como a trilha sonora. *C.P*

ERÓTICO

EMMANUELLE (Emmanuelle, França, 1974)

Direção: Just Jaeckin. Com Sylvia Kristel, Marika Green, Daniel Sarky. RCA-Columbia

Assistir *Emmanuelle* hoje pode tornar-se uma experiência frustrante. As cenas de sexo são quase sempre gratuitas e, mesmo cercadas de exotismo, pouco têm de erótico. Emmanuelle (Kristel) voa até Bangcoc, Tailândia, para encontrar o marido (Sarky). Envolta pelo excitante clima tropical, Emmanuelle libera sua libido e parte para a realização de ousadas fantasias sexuais. Mesmo com uma produção marcadamente *kitsch* e diálogos banais, o filme tem seu mérito. A câmera passeia com suavidade e beleza pelo bem-formado corpo de Kristel, em seqüências que justificam sua condição de clássico do pornô-*soft*. *C.F.M*

MUSICAL

THE MAKING OF... MARINA (Brasil, 1988)
Direção: Valéria Burgos. Com Marina, Caetano, Cazuza, Maria Zilda. Homevideo

Na verdade um *making of* do *Marina: Todas ao Vivo* (Manchete Vídeo), mas não bem isso. Na verdade, uma mostra da competente produtora Valéria Burgos, de seus recursos de pós-produção — coisas feitas com o vídeo em edição depois da gravação propriamente dita, como efeitos especiais, croma-key etc. Boas imagens, passeios de vespa pela cena carioca, uma diversão ligeira. *J.E.M*

SUSPENSE

SOB O DOMÍNIO DO MEDO (Straw Dogs, EUA, 1971)

Direção: Sam Peckinpah. Com Dustin Hoffman, Susan George, Peter Vaughn, T.P. McKenna, Peter Arne. Transvídeo

O diretor americano Sam Peckinpah, na maior parte de seus filmes, sempre primou por apresentar a violência de maneira nua e crua, transformando-a no centro de atenção das suas tramas. *Sob o Domínio...* é a mais perfeita expressão de seu controvertido estilo cinematográfico, retratando um professor de Matemática americano (Hoffman) que se instala com sua esposa (Susan George) em uma pequena cidade escocesa, onde ela crescera. O matemático logo tem seus pacatos hábitos postos em confronto locais e vê sua mulher envolver-se com antigos amigos dela. Como se não bastasse, um débil mental que acidentalmente matara uma jovem vem por acaso refugiar-se em sua casa. Acossado pela ira da família da moça e hostilizado no próprio lar, a calma do professor dará lugar a uma violência sangüinária. *C.P*

MATTHEW BRODERICK

O Mr. Simpatia de Hollywood nasceu em Nova York, em 1961. Matthew Broderick é filho do ator James Broderick (seu trabalho mais conhecido no cinema é *O Grupo*, dirigido por Sidney Lumet em 66) e Patsy, pintora e diretora de teatro. "Eu costumava passar vários verões com meu pai quando ele estava fazendo o programa de verão, onde quer que fosse o teatro, em qualquer lugar. Minhas irmãs ficavam entediadas, mas eu simplesmente ficava por lá e assistia aos ensaios."

Após terminar o colegial na New York's Walden School, Matthew estreou no teatro numa peça chamada *Valentine's Day*. Em *Torch Song Trilogy* (na qual ele fazia papel de um gay, mesmo contra os conselhos de seu agente), seu segundo trabalho no teatro, o jovem ator já começou a ser notado, pelo seu talento cômico e sensibilidade. Antes que começasse a trabalhar em *Brighton Beach Memoirs*, do festejado dramaturgo americano Neil Simon, ele foi convidado a contracenar com Donald Shuterland, Marsha Mason e Jason Robards em *A Volta de Max Dugan* (83). "Eu estava nervoso. Ela (Marsha Mason) é uma estrela de cinema e lá estavam Donald Shuterland e Jason Robards, meu ídolo de todos os tempos. Então era um pouco terrificante."

Em 84, aos 23 anos, Matthew trabalhou em seu primeiro grande sucesso, *Jogos de Guerra*. A crítica, na época, já o distinguia da leva de atores jovens que apareceram no começo dos anos 80. Matthew, além de um rostinho bonito (e um enorme sorriso capaz de derreter o mais mal-humorado dos críticos), possui a capacidade de inflar de vivacidade e assinalar nuance em qualquer personagem. É assim com o jovem escudeiro em *O Feitiço de Áquila*, o piloto de *Projeto Secreto. Macacos* e mesmo com o filme que pode ser considerado o pior de sua carreira, *Curtindo a Vida Adoidado*.

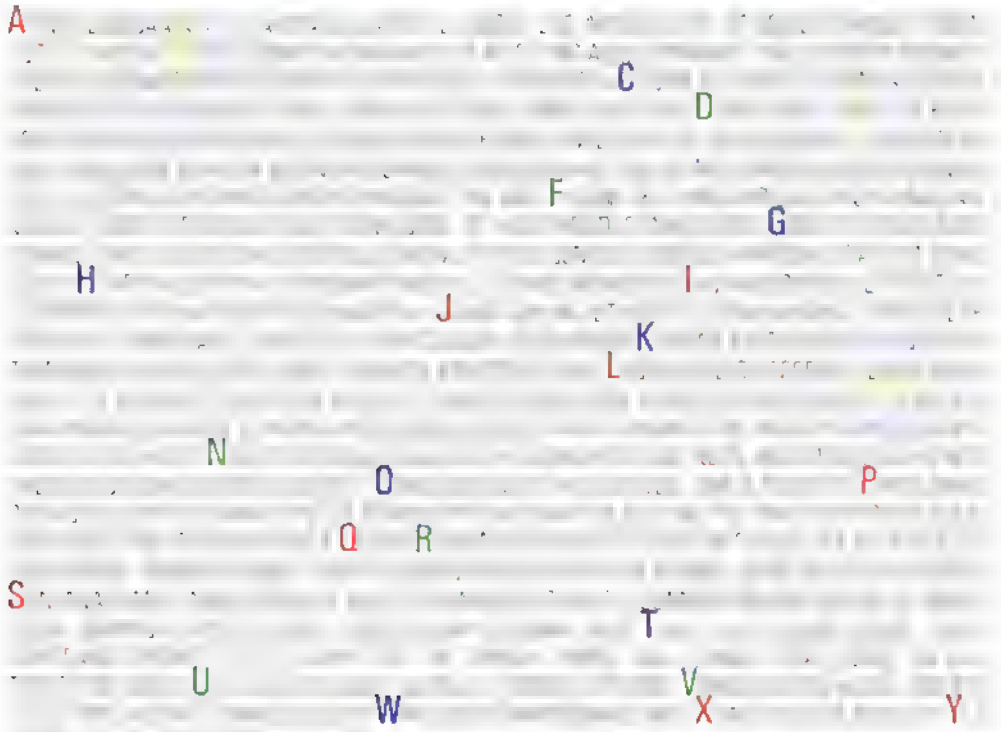
Tudo parecia correr bem até que... de férias, na Irlanda, com sua namorada Jennifer Grey, o BMW 316 que Matthew dirigia colidiu de frente com um Volvo. As duas passageiras do Volvo morreram e Matthew foi para o hospital, com a perna fraturada. A causa do acidente nunca foi muito bem esclarecida e não há indícios de que Matthew estivesse dirigindo de forma perigosa ou em alta velocidade; mesmo assim, o processo do acidente se estendeu até fevereiro deste ano.

O acidente retardou o lançamento de seu trabalho mais recente, *Metido em Encrencas* (a segunda parte da trilogia de memórias de Neil Simon, o mesmo de *Brighton Beach Memoirs*), que traz um Matthew mais amadurecido e perfeitamente pronto para o grande desafio da geração surgida nos filmes dirigidos a adolescentes: os papéis adultos. Mas nem por isso ele perdeu seu charme juvenil ou o humor. Matthew continua em primeiro lugar no ranking da simpatia cinematográfica.

Bia Abramo

Filmografia completa (os filmes com sinal * são disponíveis em vídeo): *A Volta de Max Dugan* (*Max Dugan Returns*, 83), *Jogos de Guerra* (*War Games*, 84)*, *O Feitiço de Áquila* (*Ladyhawke*, 85); *1918* (85); *Curtindo a Vida Adoidado* (*Ferris Bueller's Day Off*, 86)*, *Projeto Secreto. Macacos* (*Project X*, 87); *Metido em Encrencas* (*Biloxi Blues*, 88).

A 89 DE A A Z.



O mundo dá o seu recado nas ondas da 89 FM, a rádio-rock.

89 FM

U2 — RATTLE AND HUM

Existem três modalidades de filmes de rock: o show em celulóide, o documentário (de uma turnê, da gravação de um disco, de um show especialmente significativo) e o drama (um filme como outro qualquer, apenas norteado por um ou mais temas afeitos ao modo-de-vida rock, seja pelo lado musical, seja pelo aspecto do comportamento). Os melhores da linhagem registram para a posteridade momentos-chave da história do rock — aí nessa lista entram *Woodstock*, *Monterey Pop*, *The Great Rock'n'Roll Swindle*, *Spinal Tap*, *A Hard Day's Night* — e ajudam a entender de onde veio e para onde vai o gênero. Outros, porém, despejam luz sobre um determinado artista ou grupo, expondo transformações ou ocorrências que tenham ajudado a moldar aquele(s) personagem(ns) e a música que resulta disso. Encaixam-se aqui, por exemplo, *Don't Look Back* (documentário de Arthur Pennebaker sobre a primeira turnê inglesa de Bob Dylan), *O Último Concerto de Rock* (o canto de cisne do The Band), *Let It Be*, *Gimme Shelter*, *The Song Remains the Same* e, agora, *U2 — Rattle and Hum*, o misto de show e documentário do U2, dirigido por Phil Joanou.

São 95 minutos repartidos entre quatro shows diferentes (dois em Denver, no Colorado, onde antes a banda rodara o manjado *Live at Red Rocks;* mais outro par em Tempe, no Arizona) e diversas outras seqüências extrapalco, gravadas enquanto o U2 percorria os Estados Unidos, promovendo o álbum *The Joshua Tree*. No entanto, contrariando a regra não escrita que determina a inclusão em filmes desse tipo de limusines, matracas egotrípicas e preambulantes e peruas a granel, *U2 — Rattle and Hum* consegue ser refrescante, conciso e relevante numa categoria cansada de guerra. Apoiado numa equipe de setenta técnicos, Joanou traduziu em miúdos o momento em que o U2 descobriu as raízes da cultura norte-americana para a partir daí, reinventar-se. Temos o grupo gravando "Love Rescue Me" no mesmo estúdio onde passaram, antes deles, Elvis Presley, Jerry Lee Lewis e Al Green. Temos Bono e B B King trocando grunhidos soul no palco em "When Love Comes to Town". Temos a banda e o coro de gospel New Voices of Harlem numa igreja no coração do bairro negro de Nova York ou visitando Graceland, a mansão onde viveu e morreu Elvis (Bono: "Parece coisa do Michael Jackson").

Phil Joanou reinventou o rockumentário que atesta a conquista definitiva da América pelo U2

A própria fotografia de *U2 — Rattle and Hum* difere da maioria dos filmes de rock. As seqüências exploratórias, por assim dizer, surgem num preto-e-branco granuladíssimo, estourado. Os planos em cores aproveitam ao máximo os contrastes de sombra e luz, como nas fotos de Anton Corbijn, que vem retratando o U2 nos últimos anos.

Por todas essas qualidades, *U2 — Rattle and Hum* é obrigatório não apenas para os fãs inveterados daquela que é hoje a mais importante banda de rock do mundo, mas para quem pretende compreender como a vida informa e forma a música.

José Emílio Rondeau

LP em selo Wop Bop EXPERIMENTE!

" é a 1ª banda brasileira a ultrapassar de longe - o estágio da indigência "
Álvaro Pereira Jr /Folha de São Paulo.
a mais inglesa das nossas bandas ... o Harry ainda vai dar o que falar "
Jean Yves de Neufville/Folha da Tarde
"It's here! It's here! The new Harry LP come! " Andres Enthal/KPKF 90 7 FM Los Angeles
o Harry já se nivela no topo do melhor rock feito no Brasil "
Marcos Smarkoll/Bizz

Harry ◆ "FAIRY TALES"

Atendemos por REEMBOLSO POSTAL (para o interior de SP e outros Estados). Enviamos CATÁLOGOS GRÁTIS, com a maior variedade de LPs nacionais e internacionais. Faça seu pedido hoje, por carta ou telefone

WOP BOP
Br Itapetininga 255 lj 25
01042 São Paulo SP
tel (011) 231 4960

AMBITIOUS LOVERS

KING

(Peter Scherer / Arto Lindsay)

I yawn, I hear applause
I snore, stadiums roar
I sleep, hundreds of kids cover their mouths
and tiptoe through the streets
If I cough (sometimes I do)
forest fires fall into trance
In my dreams I might dance
people line up to take a chance

I sleep late moonshine and sunshine negotiate
I wash my face, roses line up and bow
while I change, some nice angels make my bed
I make mistakes, sure, but mountains move
to keep things straight

I can't help it, I'm the king
don't be scared, kings don't mean a thing
I can't help it, I'm the king
It's just like chess, a king can't beat a queen

If my thoughts drift to you
waves on the beach refuse to break
I may be just, I may be fair
but I'd give anything just to curl your hair

What good does my kingdom do
If everything depends on you?
I can't help it, I can't help it
I can't help, can you?
I can't help it, I'm the king
go ahead and take a swing
I can't help it, I'm the king
and every king deserves reality's kiss

REI

Eu bocejo, ouço aplauso
eu ronco, estádios urram
eu durmo, centenas de garotinhos e garotinhas cobrem suas bocas
e cruzam as ruas na ponta dos pés
se eu tusso (às vezes acontece)
incêndios florestais entram em transe
em meus sonhos, posso até dançar
gente faz fila para arriscar uma chance

Eu durmo tarde, o brilho da lua e o brilho do sol negociam
eu lavo o rosto, rosas fazem fila e reverência
enquanto me troco, uns anjos legais arrumam minha cama
eu cometo erros, claro, mas as montanhas se movem
para endireitar

Não consigo evitar, sou o rei
não tenha medo, reis não querem dizer nada
não consigo evitar, eu sou o rei
é igualzinho ao xadrez, um rei não consegue vencer uma rainha

Se meus pensamentos à deriva chegam até você
as ondas da praia se recusam a quebrar
eu posso ser justo, eu posso ser imparcial
mas daria qualquer coisa só para cachear teu cabelo

De que adianta meu reino
se tudo depende de você?
não consigo evitar, não consigo evitar
não consigo evitar, você consegue?
não consigo evitar, eu sou o rei
vá em frente e dê com a mão na minha cara
não consigo evitar, eu sou o rei
e todo rei merece o beijo da realidade

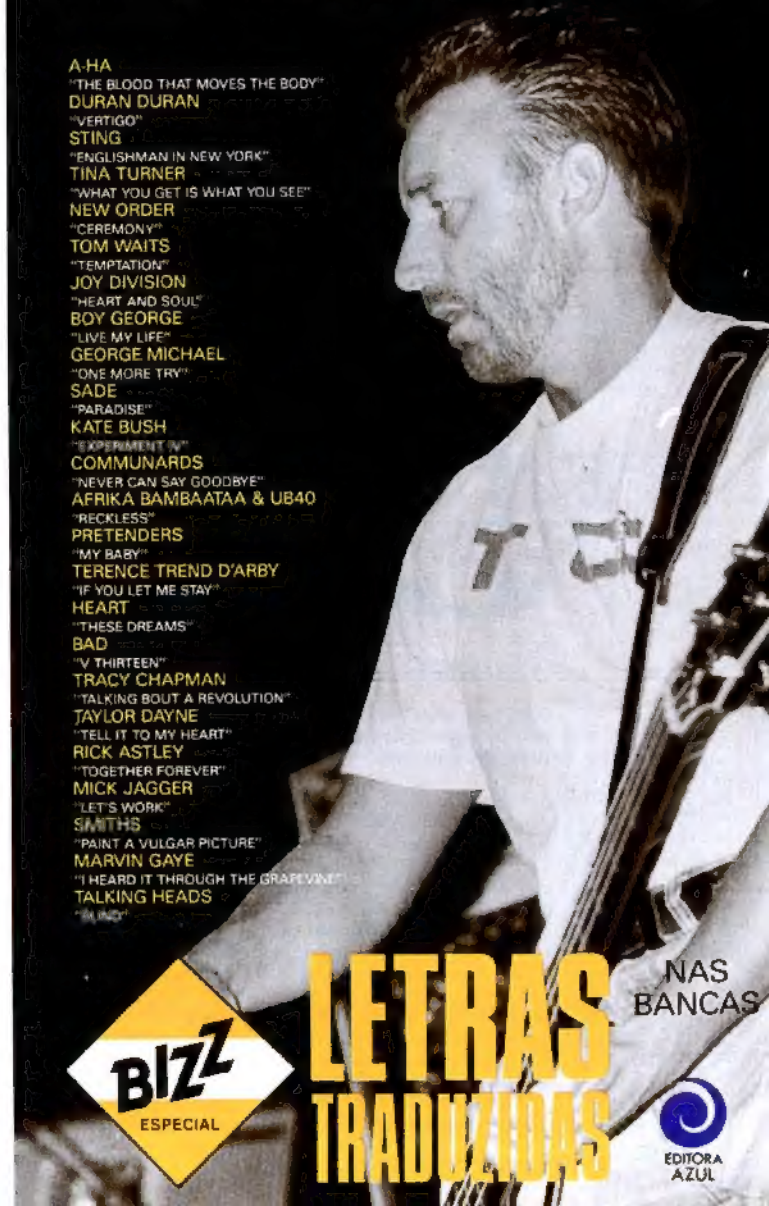
* Virgin Music (Pubs) Ltd. Direitos cedidos para o Brasil a Edições Intersong Ltda. Todos os direitos reservados

Divulgação

VOCÊ PEDIU, BIZZ TRADUZIU.

Não perca LETRAS TRADUZIDAS, uma edição especial com as letras das músicas mais solicitadas pelos leitores de BIZZ.

A-HA
"THE BLOOD THAT MOVES THE BODY"
DURAN DURAN
"VERTIGO"
STING
"ENGLISHMAN IN NEW YORK"
TINA TURNER
"WHAT YOU GET IS WHAT YOU SEE"
NEW ORDER
"CEREMONY"
TOM WAITS
"TEMPTATION"
JOY DIVISION
"HEART AND SOUL"
BOY GEORGE
"LIVE MY LIFE"
GEORGE MICHAEL
"ONE MORE TRY"
SADE
"PARADISE"
KATE BUSH
"EXPERIMENT IV"
COMMUNARDS
"NEVER CAN SAY GOODBYE"
AFRIKA BAMBAATAA & UB40
"RECKLESS"
PRETENDERS
"MY BABY"
TERENCE TREND D'ARBY
"IF YOU LET ME STAY"
HEART
"THESE DREAMS"
BAD
"V THIRTEEN"
TRACY CHAPMAN
"TALKING BOUT A REVOLUTION"
TAYLOR DAYNE
"TELL IT TO MY HEART"
RICK ASTLEY
"TOGETHER FOREVER"
MICK JAGGER
"LET'S WORK"
SMITHS
"PAINT A VULGAR PICTURE"
MARVIN GAYE
"I HEARD IT THROUGH THE GRAPEVINE"
TALKING HEADS
"[illegible]"



BIZZ ESPECIAL

LETRAS TRADUZIDAS

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

TUDO SOBRE O TELEVISION

Gostaria de saber a discografia completa do grupo Television. **Adriano Brito, Brasília — DF**

No início da década de 70, Nova York entrava em ebulição com o despontar de dezenas de bandas aptas não só a abrir caminho para o surgimento do punk mas, principalmente, capazes de desenhar o que viria depois dele. Entre estas bandas estavam os New York Dolls, os Stooges, o MC 5, os Voidoids de Richard Hell e, é claro, o Television. Inicialmente batizado de Neon Boys, o quarteto fundado em 1971 contava com as guitarras de Tom Verlaine e Richard Lloyd, o baixo de Richard Hell (que dividia os vocais com Verlaine) e a bateria de Billy Ficca. Em 73 o nome da banda seria definitivamente trocado por Television, e, já em 74, gravaria seu primeiro single, intitulado "Little Johnny Jewel". Em 1975, Hell é substituído por Fred Smith, ex-baixista do Blondie, e o TV assume a formação que assinaria com a Elektra, em 77, para gravar seu primeiro LP. O nome do álbum é Marquee Moon (Discoteca Básica, *BIZZ 22) e revela a opção do TV por uma linha musical muito mais elaborada que a da maioria dos grupos punks que se multiplicavam no mesmo período. No ano seguinte o Television lançaria o LP* Adventure, *mais suave e reflexivo que o primeiro, mas igualmente brilhante.* Adventure *é o último registro do TV em vinil, mas há uma fita póstuma,* The Blow-Up, *lançada em 82, que contém gravações ao vivo do TV (selo ROIR).*
Mesmo sem realizar outro disco à altura de Marquee Moon, *os integrantes do TV não deixaram de tentar. Richard Hell fundou os Voidoids, gravando os LPs* Blank Generation *(77) e* Destiny Street *(82), além da fita* R.I.P. *(84), que resume o trabalho de Hell após sua passagem pelo TV. Hell também tocou ao lado do ex-New York Dolls Johnny Thunders, nos Heartbreakers. O baterista Billy Ficca entrou para o grupo Waitresses e Richard Lloyd e Tom Verlaine partiram para trabalhos solo. Lloyd gravou os LPs* Alchemy *(79),* Field on Fire *(85) e* Real Live *(87). Tom Verlaine — que assina todas as letras do TV — pôde construir uma carreira solo mais regular que a de seu ex-companheiro Lloyd, gravando os LPs* Tom Verlaine *(79),* Dreamtime *(81),* Words from the Front *(82),* Cover *(84) e* Cry Mercy Judge *(87).*

GATOS DE OUTRO SACO

Não curto muito a revista, por ela ser destinada a um público no qual eu não me encontro. Por esse motivo, só compro as edições que tenham matérias sobre música negra: hip hop, reggae, pagode etc. Esta última edição, que trouxe *Hip Hop — Rachando o Assoalho*, foi realmente muito boa. O curioso é que o que estava acontecendo no Bronx em 74 está acontecendo em 88 no Brasil. O hip hop brasileiro está nascendo agora. É pena que não haja interesse por parte dos grandes meios de comunicação. Este ano está sendo marcado pelas várias atrações black que aqui vieram e, se Deus quiser, ainda virão. Quem dá importância a isso? Ninguém! Sabem por quê? Porque são artistas negros, porque funk e hip hop é música de preto. Isso acontece por causa do apartheid musical que impera por aqui. O objetivo desta carta é pedir em nome de toda a comunidade hip hop, pagodeira e funkeira que a BIZZ abra uma seção que só fale de black music. **Édson Fernando Dias — Campo Limpo Paulista, SP**

Édson, você tem razão quando aponta que este país está longe de estar livre do preconceito racial e que isso se estende à música. Criar uma seção só de música negra não seria perpetuar o preconceito? Não seria uma forma de apartheid editorial? A música de procedência negra comporta uma diversidade de estilos imensa. Além dos que você cita, poderíamos acrescentar o soul, o blues, o rock'n'roll e todos os ritmos de origem africana. Se enfiarmos tudo isso no mesmo saco estamos usando apenas o critério da cor da pele e nenhuma consideração de ordem estética ou histórica. Esse é um procedimento racista, Édson, o que não é, em absoluto, uma característica nossa.

BIZZ NA FINLÂNDIA

Hello! Sou uma garota finlandesa de 15 anos. Quero fazer amigos no Brasil que tenham mais ou menos a minha idade e curtam as mesmas coisas que eu, como ler, escrever, dançar, ouvir música e coisas assim. *Please, write in English!* **Susanna Laine, Katajarinne 9, 23800 Laitila, Finland.**

DAVID BOWIE X BIZZ!

Troco dois discos do David Bowie *(Underground* versão remix e o LP *Tonight)* pelos números 7 e 9 da revista BIZZ. **Magda Cristina Azevedo, r. Emílio Meneses, 166, CEP 27265, Volta Redonda — RJ**

PROCURA-SE BIZZ DESESPERADAMENTE

Desejo comprar as edições de BIZZ do número 1 ao 23. **Kátia Almeida, r. Rosa Cruz, 258, CEP 31050, Belo Horizonte — MG**

Compro as edições de BIZZ números 9 e 10 e revista-poster número 13-A (RPM). **Rosiles Cristina, r. Bananal do Rio, 124, CEP 05202, São Paulo — SP**

Compro BIZZ números zero, 23 e 29. **Ana Paula Pereira, r. São Corentino, 10, CEP 23595, Santa Cruz — RJ**

Compro as edições de BIZZ números 2, 3 e 8. **Sabrina Rhodes Martins, r. Ibiorara, 299, CEP 05005, São Paulo — SP**

Compro as edições de BIZZ do número 1 ao 10. **Renato Momm, r. Pascoal Simone, 285, CEP 88080, Florianópolis — SC**

Compro as edições de BIZZ números zero e 23. **Jair Nunes Morais, r. 16, n.° 116 — Cohab IV, CEP 56300, Petrolina — PE**

Compro as edições de BIZZ Top Hits 1 e Ídolos do Rock 9-A. **Marco Aurélio de Freitas, r. Euclides da Cunha, 61, CEP 50751, Recife — PE**

Compro BIZZ número 9. **Renata Nepomuceno Silva, av. Geraldo Inácio, 766, CEP 35170, Coronel Fabriciano — MG**

Gostaria de comprar as edições de BIZZ do número 18 ao 22 e a revista-poster do A-ha, número 23-P. **Eliana Tomie A., r. Francisco Conceição, 123, CEP 02345, São Paulo — SP**

DESFAZENDO COLEÇÕES

Vendo a coleção completa de BIZZ, do número 1 ao último exemplar em banca. **Miriam Cristina Guedes, r. Major Diogo, 115, apt.° 1307, CEP 01324, São Paulo — SP**

Vendo BIZZ do número 11 ao 39. **Antônio Carlos Oliveira da Silva, r. XV de Novembro, 868, CEP 88500, Lajes — SC**

Vendo as edições de BIZZ números 1 a 6; 8 a 17; e 26. Compro as edições números zero, 7 e 20. **Afonso Fischer, Q 2, cj. C 13, casa 24, CEP 73000, Brasília — DF**

Vendo as edições de BIZZ números 15, 18, 19, 22, 23, 29, 30, 31 e 33. **Eduardo Mona, r. Donato Radomille, 41, CEP 13065, Campinas — SP**

FÃ-CLUBES

The Cure *The Cure Fã-Clube* A/C Leonardo, r. das Rosas, 642, CEP 04048, São Paulo — SP

David Bowie *Universal Fã-Clube David Bowie*, Caixa Postal 8957, CEP 01051, São Paulo — SP

Duran Duran *Fã-Clube Universal do Duran Duran*, Caixa Postal 7380, CEP 01051, São Paulo — SP

Eduardo Duzek *Eduardo Duzek Fã-Clube* av. Bosque da Saúde, 1942, CEP 04142, São Paulo — SP

Engenheiros do Hawaii *I Fã-Clube Oficial Engenheiros do Hawaii* A/C Adriana Marques, r. Benjamin Constant, 26, bl. 7/304, CEP 24110, Niterói — RJ

Ira! *Ira! Psico Fã-Clube* A/C Johann Max, r. João Lorentz, 41, CEP 39800, Teófilo Otoni — MG

Kid Abelha *Mais Louco Kid Abelha Fã-Clube*, r. Professor Avertane Rocha, 297, CEP 50761, Recife — PE

Metal *Metal's Crazy Adepts Club* al. Jaú, 1167, apt.° 91, CEP 01420, São Paulo — SP

Queen *Queen Flash Club* (Divulgação SP) r. Manoel José Gomes, 124, CEP 04648, São Paulo — SP

Paralamas do Sucesso *Fã-Clube Os Paralamaníacos* r. Israel Pinheiro, 29, CEP 35020, Governador Valadares — MG

Raul Seixas *Sociedade Alternativa Raul Seixas Oficial Fã-Clube* Caixa Postal 12160, CEP 02098, São Paulo — SP

Raul Seixas *Raul Lucidez Loucura Fã-Clube* r. Serafim Pucci, 11, CEP 09300, Mauá — SP

Raul Seixas *Try It Again Raul Seixas' Club* QNL 23, bl. "B", ed. Ipanema, CEP 72150, Brasília — DF

TROCA DE FATORES

Por motivos técnicos, as matérias sobre Party Smith e Picassos Falsos, relacionadas na *Carta ao Leitor* da BIZZ de novembro (número 11, ano 4), foram transferidas para esta edição.

Se você necessita de alguma informação sobre sua assinatura, escreva para Editora Abril-Assinaturas, rua do Curtume, 769, Lapa, CEP 05065, São Paulo, SP.

Ou, se preferir, utilize estes telefones:

SÃO PAULO	Tel. (011) 823-9222 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RIO DE JANEIRO	Tel. (021) 295-5544 - Das 8h às 18h (ininterrupto)
RECIFE	Tel. (081) 224-0655 - Das 8h30 às 12h30 e das 14h às 18h
SALVADOR	Tel. (071) 247-1022 - Das 8h às 12h e das 14h às 18h
BELO HORIZONTE	Tel. (031) 275-2255 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
PORTO ALEGRE	Tel. (0512) 33-9034 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30
BRASÍLIA	Tel. (061) 226-6963 - Das 8h30 às 12h e das 13h30 às 18h
CURITIBA	Tel. (041) 263-3013 - Das 8h30 às 12h e das 14h às 18h30

Se você mudou de endereço, preencha o pedido de alteração abaixo, coloque-o num envelope e envie-o para
EDITORA ABRIL ASSINATURAS
rua do Curtume, 769, CEP 05065, Lapa, São Paulo - SP

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO
Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior
Atenção: Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço de 6 a 8 semanas após recebermos seu pedido.
Novo endereço
Bairro
Cidade
CEP
Telefone
Estado
Entrega
Roteiro
Não preencha este espaço
recorte aqui

TROPICÁLIA OU PANIS ET CIRCENCIS (1968)

"A música não existe (...). Sei que alguma coisa nova se cria a partir daí e o resto não me interessa" (Rogério Duprat). "É bumba-iê-iê-boi" (Gilberto Gil & Torquato Neto). "Nara — Pois é... e o Ernesto Nazaré e Chiquinha Gonzaga... e Pixinguinha... Os Mutantes — Pois é... e os Jefferson's Airplane *(sic)* e os Mamas & the Papas... e..."

Maio de 68. Vietnam. Barricadas em Paris. Passeata dos cem mil, Rio de Janeiro. Primavera de Praga. Marthin Luther King. *Flower power*. *2001 — Uma Odisséia no Espaço*, de Stanley Kubrick. AI-5. Panteras negras. Arte Pop. Crimes, espaçonaves, guerrilhas.

Não são absolutamente memórias pessoais. Fragmentos da iconografia da época. O primeiro passo quando a tarefa é falar de alguma obra emblemática de uma época (sobretudo, se você não esteve lá) é pesquisar todo o material disponível para reconstituir o clima e os acontecimentos que foram desaguar naquele produto em particular. Mas um disco-manifesto como o *Tropicália ou Panis et Circencis* fala por si só. E o que ele fala?

A capa apresenta os atores do carnaval tropicalista. Os Mutantes e suas guitarras elétricas. Tom Zé, Caetano com Nara Leão (os mais belos joelhos da bossa nova) no colo (numa fotografia). O Maestro Rogério Duprat prestando uma homenagem a Marcel Duchamp (que havia falecido em 67). Gal Costa com uma foto de Capinam. Torquato Neto (poeta e suicida). A contracapa descreve o roteiro e inscreve a data lendária: maio de 68. Os padrinhos despejam suas bênçãos: Augusto de Campos e João Gilberto.

Tropicália ou Panis et Circencis era para ser o manifesto tropicalista. Vinte anos depois é um documento histórico. Se a música não existia mais, era preciso romper com as camisas de força que regiam a música popular, as falsas dicotomias participação x invenção, local x universal. Vicente Celestino se encontra com os Beatles. O tropicalismo, como um momento de efervescência cultural, comunica-se diretamente com o modernismo da Semana de 22. E dá-lhe antropofagia: as referências de parentesco são explícitas e encaixadas em contextos novos.

A qualidade documental de *Tropicália* não o transforma num disco datado. Uma colagem mantida unida com o cola-tudo privilegiado das musicalidades de Caetano Veloso e Gilberto Gil. A pérola do brega, "Coração Materno", é de Vicente Celestino. O beguin "Três Caravelas" ("um navegante atrevido saiu de Palos um dia/ ia com três caravelas/ a Pinta, a Nina e a Santa Maria") é uma versão de João de Barro, e a nota regionalista, "Hino ao Senhor do Bonfim da Bahia", que fecha com tom épico o LP, é de João Antônio Wanderley.

O humor é, sem dúvida, um conservante poderoso. "Lindonéia", um bolero na voz extra-suave de Nara, anuncia que há "cachorros mortos nas ruas/ policiais vigiando/ o sol batendo nas frutas/ sangrando, oh, meu amor, a solidão vai me matar de dor". Os primeiros acordes de "A Internacional" servem como arauto a Caetano convidando a um passeio nos Estados Unidos do Brasil, "debaixo das bombas/das bandeiras/debaixo das botas/debaixo das rosas dos jardins/debaixo da lama/debaixo da cama". Em "Parque Industrial", o céu de anil e as bandeirolas saúdam o avanço industrial.

Rogério Duprat orquestrou esses estilhaços de modernidade com todos os ritmos, instrumentos, ruídos e técnicas que estavam à mão. Em vez do violão e voz da bossa nova, aqui entram sirenes, distorção de guitarra, efeitos de estúdio, canhões (enquanto Gil rima Brasil e fuzil, com todas as letras) e órgão de igreja. Os metais pontuam ora o violão, ora a guitarra e o baixo, criando texturas distintas de sons. A geléia geral brasileira teve sua polaróide, em sons e imagens, nítida e multifacetada. *Bia Abramo*

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Eduardo Mendonça
Editoras Assistentes: Bia Abramo, Sônia Maia
Redatora: Marisa Adán Gil
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan

ARTE
Editor: Rodolfo Tucci
Chefe de Estúdio: Deise Brinas
Diagramadores: Angelo Assen, Maria Amélia de Azevedo, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Celso Ferrari Masson
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), José Nogueira (Nova York), Pepe Escobar (Milão), Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Arthur G. Couto Duarte, Celso Ferrari Masson, Celso Pucci, Daniel Benevides, Dilson Gomes, Eliana Thomé de Souza, Fernando Naporano, Hagamenon Brito, José Augusto Lemos, Jean Yves Neuville, José Geraldo Couto, Leopoldo Rey, Luiz Claudio de Oliveira, Marcel Plasse, Marcos Sminkoff, Nico Pereira de Queiróz, Tárik de Souza, Tom Leão, Walter Silva
Arte: César Togashi, Paulo Monteiro
Fotos: Claudia Thompson (Nova York), Eva Joory (Londres), Caetano Eunico Salis, Kid, Marcelo Faustini, Nilia Mikuhy, Ricardo Siqueira, Rochelle Costi, Rui Mendes, Z. Vivanco
Revisão e Preparação de Texto: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Lilige de Lima Dória Cestelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araujo
SP-Gerente: Oswaldo Mattei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Arthur de Oliveira Neto, Gilberto Newton da Silva Oliveira
RJ-Gerente: Getulio Torres
Contato: Lidia Camaratin
Produção Gráfica-Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. B. Botelho

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165. Phone: (001212) 557-5990/5993. Telex: 237870. Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris. Phone: (00331) 42.66.31.18. Telex: 860731 ABRILPA. Fax: (00331) 42661398.
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aula Rolas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP. Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente de Circulação: Gilberto Fiorim Gil
Promoção: Sônia M. Amaral

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 50081, CEP 05096. Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editorial/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex: (021) 22574, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Verde, Azinhaga dos Ferais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Cr$ 15.600,00 à vista. Ao fazer sua assinatura envie a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das OTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Número atrasado:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade em todo país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

DISCO DE PLATINA EM APENAS UM MÊS!!

Após meses de especulações, boatos e rumores despejados pela imprensa internacional sobre um disco do Dire Straits, reunindo os seus melhores momentos, a Polygram do Brasil, honrada e emocionada, confirma:

É VERDADE!

O disco Money for Nothing foi concebido pessoalmente por Mark Knopfler, que escolheu todas as faixas, a capa, encartes e tudo o mais. Você vai ouvir momentos inéditos como o de Portobello Belle, gravado ao vivo, e alguns singles que não saíram em Lp no Brasil, como o Twisting By the Pool. Este disco está acima de qualquer expectativa e mostra toda a imprevisível sabedoria do Dire Straits, a melhor banda de Rock do mundo.

EM LP, COMPACT DISC E CASSETE DE CROMO BASF

PolyGram